

Individuação e Reconhecimento:
Processos de Socialização Política
na Incerteza dos Itinerários Escolares

Pedro Jorge da Costa Caetano

ANEXOS

2013

Índice

Índice de quadros	2
Índice de tabelas	2
ANEXOS A - A amostra sociográfica dos inquiridos	7
Resumo associação de variáveis de caracterização das escolas	8
Tabelas 1-33	9
ANEXOS B - Questionário	21
Questionário	22
Formulário de consentimento	33
ANEXOS C - Matrizes de categorização das justificações	34
Matriz de categorização do cenário 1	35
Matriz de categorização do cenário 2	52
Matriz de categorização do cenário 5	72
Matriz de categorização do cenário 7	87
ANEXOS D - Resultados do questionário por cenários	105
Resultados do cenário 1	106
Resultados do cenário 2	116
Resultados do cenário 3	122
Resultados do cenário 4	127
Resultados do cenário 5	136
Resultados do cenário 6	147
Resultados do cenário 7	149
Resultados do cenário 8	165
ANEXOS E - Guião de entrevista	180
Guião de entrevista	181
Lista dos entrevistados	183

Índice de quadros

Quadro IV	- Resumo associação de variáveis de caracterização das escolas	8
Quadro V	- Lista dos entrevistados	183
Quadro VII	- Resumo da associação entre variáveis do cenário 1.....	106
Quadro VIII	- Resumo da associação entre variáveis do cenário 2	116
Quadro IX	- Resumo da associação entre variáveis do cenário 5.....	136
Quadro X	- Resumo da associação entre variáveis do cenário 7.....	150

Índice de tabelas

Tabela 1.	Taxa de resposta dos alunos segundo a escola e o ano de escolaridade	9
Tabela 2.	Distribuição dos alunos na amostra por escola e ano de escolaridade	9
Tabela 3.	Distribuição da origem socioprofissional dos alunos pelas escolas	9
Tabela 4.	Distribuição da categoria sexo pelas escolas frequentadas	10
Tabela 5.	Distribuição dos cursos pelas escolas frequentadas	10
Tabela 6.	Distribuição das idades dos alunos pelos cursos	10
Tabela 7.	Distribuição da categoria sexo pelo curso frequentado	11
Tabela 8.	Distribuição das reprovações pelas escolas frequentadas	11
Tabela 9.	Distribuição das reprovações pelos cursos frequentados	11
Tabela 10.	Distribuição das reprovações pelas habilitações literárias do EE	12
Tabela 11.	Distribuição das habilitações literárias do EE pelo curso	12
Tabela 12.	Distribuição das reprovações pelo indicador de classe social do Pai	12
Tabela 13.	Distribuição das medidas corretivas pelas reprovações	13
Tabela 14.	Distribuição das medidas corretivas pelo sexo	13
Tabela 15.	Distribuição das medidas corretivas pelas escolas frequentadas	13
Tabela 16.	Comparação das categorias da classe social do Pai e da Mãe	14
Tabela 17.	Distribuição do Indicador de classe do Pai pelas escolas frequentadas	14
Tabela 18.	Distribuição do curso frequentado pelo indicador de classe do Pai	15
Tabela 19.	Distribuição das idades dos alunos pelo indicador de classe social do Pai	15
Tabela 20.	Distribuição das reprovações pelo indicador de classe social do Pai	16
Tabela 21.	Distribuição das medidas corretivas pelo indicador de classe social da Mãe	16
Tabela 22.	Distribuição das habilitações literárias do EE pelo indicador de classe do Pai	16
Tabela 23.	Distribuição da categoria sexo pela prática de voluntariado	17
Tabela 24.	Distribuição da prática de voluntariado pelo ano de escolaridade	17
Tabela 25.	Distribuição da prática de voluntariado pelas escolas frequentadas	17
Tabela 26.	Distribuição da prática de voluntariado pelas habilitações literárias do EE .	18
Tabela 27.	Distribuição da prática de voluntariado pelo indicador de classe da Mãe	18

Tabela 28. Distribuição da pertença a associação pelas habilitações literárias do EE	18
Tabela 29. Distribuição da pertença a uma associação pelo ano de escolaridade	19
Tabela 30. Distribuição da pertença a associação pela prática de voluntariado	19
Tabela 31. Distribuição do âmbito da associação pelas escolas	19
Tabela 32. Distribuição do âmbito da associação pelas reprovações	20
Tabela 33.1. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 1 com ano de escolaridade	106
Tabela 33.2. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 1 com o sexo	107
Tabela 33.3. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 1 com a escola	108
Tabela 34. Resultados Cenário 3 (Medidas de tendência central e de dispersão)	122
Tabela 34.1. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 3 com ano de escolaridade	122
Tabela 34.1.1. Resultados cruzamento da hipótese C com ano de escolaridade	123
Tabela 34.1.1.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese C) e ano de escolaridade	123
Tabela 34.2. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 3 com as escolas	124
Tabela 34.2.1. Resultados cruzamento da hipótese C com as escolas	124
Tabela 34.2.1.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese C) e as escolas	125
Tabela 34.2.2. Resultados cruzamento da hipótese E com as escolas	125
Tabela 34.2.2.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese E) e as escolas	126
Tabela 35. Resultados Cenário 4 (Medidas de tendência central e de dispersão)	127
Tabela 35.1. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 4 com ano de escolaridade .	127
Tabela 35.1.1. Resultados cruzamento da hipótese A com o ano de escolaridade	128
Tabela 35.1.1.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese A) e ano de escolaridade	128
Tabela 35.1.2. Resultados cruzamento da hipótese C com o ano de escolaridade	129
Tabela 35.1.2.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese C) e ano escolaridade	129
Tabela 35.2. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 4 com o sexo	130
Tabela 35.2.1. Resultados cruzamento da hipótese C com o sexo	131
Tabela 35.2.1.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese C) e o sexo	131
Tabela 35.3. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 4 com as escolas	132
Tabela 35.3.1. Resultados cruzamento da hipótese C com as escolas	133
Tabela 35.3.1.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese C) e a escola	133
Tabela 35.4. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 4 com o curso	134
Tabela 35.4.1. Resultados cruzamento da hipótese C com o curso	135
Tabela 35.4.1.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese C) e o curso	135
Tabela 36. Perfil dos alunos Cenário 1 (Análise de correspondências múltiplas)	108
Tabela 37.1. Contribuição de cada bem gramatical para o perfil dos alunos (Cenário 1)	109
Tabela 37.2. Contribuição de cada motivo para o perfil dos alunos (Cenário 1)	109
Tabela 38. Resultados dos bens gramaticais possíveis do Cenário 1	110
Tabela 38.1. Resultados cruzamento bens Cenário 1 com ano de escolaridade	110

Tabela 38.2. Resultados cruzamento dos bens Cenário 1 com as escolas	111
Tabela 39. Resultados dos motivos possíveis do Cenário 1	111
Tabela 39.1. Resultados cruzamento dos motivos Cenário 1 com o ano de escolaridade	112
Tabela 39.2. Resultados cruzamento dos motivos Cenário 1 com o sexo	113
Tabela 40. Resultados da associação entre as gramáticas e os motivos (Cenário 1)	114
Tabela 40.a). Associação entre as gramáticas e os motivos (cenário 1)	115
Tabela 40.1. Distribuição percentual das modalidades no cenário 1	115
Tabela 41.1.1. Resumo do processo de transformação (ACM Cenário 2)	116
Tabela 41.1.2. Resumo do modelo (ACM Cenário 2)	116
Tabela 41.2. Medidas de discriminação (ACM Cenário 2)	117
Tabela 42. Distribuição dos bens gramaticais das justificações (Cenário 2)	117
Tabela 42.1. Associação dos bens gramaticais com prática de voluntariado (Cenário 2)	118
Tabela 42.1.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com prática voluntariado	118
Tabela 43. Distribuição dos motivos das justificações (Cenário 2)	119
Tabela 43.1. Associação dos motivos com a pertença a uma associação (Cenário 2)	119
Tabela 43.1.a) Medidas de associação dos motivos com a pertença a uma associação	120
Tabela 44.1. Associação da atitude a adotar com o sexo (Cenário 5)	136
Tabela 44.1.a) Medidas de associação da atitude a adotar com o sexo	137
Tabela 44.2. Associação da atitude a adotar com a escola (Cenário 5)	137
Tabela 44.2.a) Medidas de associação da atitude a adotar com a escola	138
Tabela 44.3. Associação da atitude a adotar com o lugar de classe do pai (Cenário 5)	139
Tabela 44.3.a) Medidas de associação da atitude a adotar com o lugar de classe do pai . ..	140
Tabela 45. Associação entre os bens gramaticais e os motivos (Cenário 2)	120
Tabela 45.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com os motivos (cenário 2)	121
Tabela 46.1.1. Resumo do processo de transformação (ACM Cenário 5)	140
Tabela 46.1.2. Resumo do modelo (ACM Cenário5)	140
Tabela 46.2. Medidas de discriminação (ACM Cenário 5)	141
Tabela 47. Distribuição dos bens gramaticais da justificação (Cenário 5)	141
Tabela 47.1. Associação dos bens gramaticais com o lugar de classe do pai (Cenário 5)	142
Tabela 47.1.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com o lugar de classe do pai . ..	142
Tabela 48. Distribuição dos motivos da justificação (Cenário 5)	143
Tabela 48.1. Associação dos motivos da justificação com o sexo (Cenário 5)	144
Tabela 48.1.a) Medidas de associação dos motivos com o sexo	144
Tabela 48.2. Associação dos motivos da justificação com a idade (Cenário 5)	145
Tabela 48.2.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com a idade dos estudantes . ..	145
Tabela 49. Associação entre os bens gramaticais e os motivos (Cenário 5)	146
Tabela 49.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com os motivos (cenário 5)	147

Tabela 50.1. Distribuição percentual das modalidades no cenário 2	121
Tabela 50.2. Distribuição percentual das modalidades no cenário 5	147
Tabela 51. Associação dos bens das justificações do cenário 1 com o cenário 2	178
Tabela 51.a) Medidas de associação dos bens do cenário 1 com o cenário 2	179
Tabela 52. Resultados frequências relativas (Cenário 6)	148
Tabela 52.1. Resultados Cenário 6 (Medidas de tendência central e de dispersão)	148
Tabela 52.2. Resultados cruzamento da hipótese C com a escola (cenário 6)	149
Tabela 52.2. a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese C) e a escola	149
Tabela 53. Resultados frequências relativas (Cenário 8)	173
Tabela 53.1. Resultados Cenário 8 (Medidas de tendência central e de dispersão)	173
Tabela 53.2. Resultados cruzamento da hipótese C com ano de escolaridade (cenário 8) ...	174
Tabela 53.3. Resultados cruzamento da hipótese B com medidas corretivas (cenário 8). ..	175
Tabela 53.3. a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese B) e medidas corretivas	175
Tabela 53.4. Resultados cruzamento da hipótese B com o curso (cenário 8)	176
Tabela 53.4. a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese B) e o curso	176
Tabela 53.5. Resultados cruzamento da hipótese D com o curso (cenário 8)	177
Tabela 54. Distribuição das hipóteses mais justas (Cenário 7)	150
Tabela 54.1. Distribuição das hipóteses mais injustas (Cenário 7)	150
Tabela 54.2. Resultados cruzamento das hipóteses mais justas com o sexo	151
Tabela 54.2. a) Medidas de associação das hipóteses mais justas com o sexo	151
Tabela 54.3. Resultados cruzamento das hipóteses mais justas com a idade	152
Tabela 54.3. a) Medidas de associação das hipóteses mais justas com a idade	153
Tabela 54.4. Resultados cruzamento das hipóteses mais justas com habilitações EE	154
Tabela 54.4. a) Medidas de associação das hipóteses mais justas com habilitações EE	155
Tabela 54.5. Resultados cruzamento das hipóteses mais justas com lugar de classe do Pai ...	156
Tabela 55. Perfil dos alunos Cenário 7 (Análise de correspondências múltiplas)	157
Tabela 56. Resultados dos bens gramaticais possíveis do Cenário 7	157
Tabela 56.1. Resultados cruzamento bens Cenário 7 com sexo	158
Tabela 56.1.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com o sexo	158
Tabela 56.2. Resultados cruzamento bens Cenário 7 com o ano de escolaridade	159
Tabela 56.2.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com o ano de escolaridade	159
Tabela 56.3. Resultados cruzamento bens Cenário 7 com a escola frequentada	160
Tabela 56.3.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com a escola frequentada	160
Tabela 56.4. Resultados cruzamento bens Cenário 7 com o lugar de classe do pai	161
Tabela 56.4.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com lugar de classe do pai ...	162
Tabela 56.5. Resultados cruzamento bens Cenário 7 com habilitações EE	163
Tabela 56.5.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com habilitações EE	164

Tabela 56.6. Resultados cruzamento bens Cenário 7 com a idade	165
Tabela 56.6.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com a idade	166
Tabela 57. Resultados dos motivos possíveis do Cenário 7	166
Tabela 57.1. Resultados cruzamento motivos Cenário 7 com sexo	167
Tabela 57.1.a) Medidas de associação dos motivos com o sexo	167
Tabela 57.2. Resultados cruzamento dos motivos Cenário 7 com o ano de escolaridade	168
Tabela 57.2.a) Medidas de associação dos motivos com o ano de escolaridade	168
Tabela 57.3. Resultados cruzamento dos motivos Cenário 7 com a escola frequentada	169
Tabela 57.3.a) Medidas de associação dos motivos com a escola frequentada	169
Tabela 57.4. Resultados cruzamento motivos Cenário 7 com o lugar de classe do pai	170
Tabela 57.4.a) Medidas de associação dos motivos com lugar de classe do pai	172
Tabela 57.5. Resultados cruzamento motivos Cenário 7 com a idade	172

Índice de figuras

Fig. 8. Representação gráfica da cartografia dos arranjos e trajetórias (cenários 1, 2 e 5) . ..	179
--	-----

Anexos A

Amostra sociográfica dos inquiridos

Quadro IV - Resumo associação de variáveis de caracterização das escolas

Categ.	Demográficas		Socioeconómicas			Escolares				Associativas	
	Sexo	Idade	Hab.EE	Classe pai	Classe mãe	Escola	Curso	Reprov	Med cor	Volun.	Assoc.
Sexo	-----	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	0.200	N.S.	0.207	0.073	N.S.
Idade	N.S.	-----	N.S.	0.162	0.128	N.S.	0.170	0,528	N.S.	N.S.	N.S.
Hab. EE	N.S.	N.S.	-----	0.242	0.313	0.180	0.166	0.211	N.S.	0.196	0.193
Classe pai	N.S.	0.162	0.242	-----	0.280	0.187	0.159	0.158	N.S.	0.154	N.S.
Classe mãe	N.S.	0.128	0.313	0.280	-----	N.S.	0.129	N.S.	0.175	0.161	N.S.
Escola	N.S.	N.S.	0.180	0.187	N.S.	-----	0.229	N.S.	N.S.	0.120	N.S.
Curso	0.200	0.170	0.166	0.159	0.129	0.229	-----	0.188	0.111	N.S.	N.S.
Reprov	N.S.	0,528	0.211	0.158	N.S.	N.S.	0.188	-----	0.504	N.S.	N.S.
Med cor	0.207	N.S.	N.S.	N.S.	0.175	N.S.	0.111	0.504	-----	N.S.	N.S.
Volun.	0.073	N.S.	0.196	0.154	0.161	0.120	N.S.	N.S.	N.S.	-----	0.264
Assoc.	N.S.	N.S.	0.193	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	0.264	-----

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Indivuação e reconhecimento*.

Tabela 1. Taxa de resposta dos alunos segundo a escola e o ano de escolaridade

Escolas	A			B			C			TOTAL	
Ano	n	N	%	n	N	%	n	N	%	n	%
10º	51	164	31,5	250	350	71,4	102	184	55,4	403	100
12º	20	100	20	174	350	49,7	103	188	54,8	297	100
Total	71	264	26,9	424	700	60,6	205	372	55,1	700	100

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 2. Distribuição dos alunos na amostra por escola e ano de escolaridade

Escolas	A		B		C		TOTAL	
Ano	n	%	n	%	n	%	n	%
10º	51	12,7	250	62	102	25,3	403	100
12º	20	6,7	174	58,6	103	34,7	297	100
Total	71	10,1	424	60,6	205	29,3	700	100

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 3. Distribuição da origem socioprofissional dos alunos pelas Escolas frequentadas
(percentagem em linha)

	Indicador Individual de Classe Social do Pai							
Escolas	EDL	PTE	TI	AI	EE	OI	NR	Total
A	17,5	25,4	11,1	-----	42,9	-----	3,2	100,0
B	31,1	33,2	6,7	0,3	20,5	5,7	2,6	100,0
C	28,9	35,3	1,6	-----	32,6	-----	1,6	100,0
Total	29,1	33	5,6	0,2	26,3	3,4	2,3	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 4. Distribuição da categoria sexo pelas escolas frequentadas (percentagem em coluna)

	Escolas			
Sexo	A	B	C	Total
Feminino	63,4	54,3	57,1	56
Masculino	36,5	45,7	42,9	44
Total	100	100	100	100

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 5. Distribuição dos cursos pelas escolas frequentadas (percentagem em linha)

	Curso frequentado					
Escolas	Ciências e Tecnologias	Ciências socioeconómicas	Línguas e Humanidades	Artes Visuais	Profissio nal	Total
A	43,7	-----	47,9	-----	8,5	100,0
B	42,2	21,2	22,6	13,9		100,0
C	37,1	20,5	22,4	17,6	2,4	100,0
Total	40,9	18,9	25,1	13,6	1,6	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 6. Distribuição das idades dos alunos pelos cursos (percentagem em coluna)

	Curso frequentado					
Idades	Ciências e Tecnologias	Ciências socioeconómicas	Línguas e Humanidades	Artes Visuais	Profissio nal	Média
14	0,4	0,8	0,6	-----	-----	0,4
15	36,5	18,9	26,0	30,5	-----	29,2
16	17,9	15,9	21,4	14,7	9,1	17,8
17	28,1	43,2	30,6	25,3	18,2	31,0
18	14,0	15,9	10,4	16,8	27,3	14,1
19	2,5	4,5	5,2	10,5	36,4	5,2
20	0,7	-----	4,6	2,1	9,1	1,9
22	-----	0,8	0,6	-----	-----	0,3
23	-----	-----	0,6	-----	-----	0,1
Total	40,9	19,0	24,9	13,6	1,6	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 7. Distribuição da categoria sexo pelo curso frequentado (percentagem em linha)

Curso frequentado	Sexo		TOTAL
	Feminino	Masculino	
Ciências e Tecnologias - Curso Científico-Humanísticos	55,6	44,4	100
Ciências Socioeconómicas - Curso Científico-Humanísticos	37,9	62,1	100,0
Línguas e Humanidades - Curso Científico-Humanísticos	62,6	37,4	100,0
Artes Visuais - Curso Científico-Humanísticos	68,4	31,6	100,0
Curso Profissional	72,7	27,3	100,0
Total	56,0	44,0	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 8. Distribuição das reprovações pelas escolas frequentadas (percentagem em coluna)

Reprovação	Escolas			Média
	A	B	C	
Não	67,6	72,9	78,5	74
Sim	32,4	26,9	21,5	35,9
Total	100	99,8	100	99,9

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 9. Distribuição das reprovações pelos cursos frequentados (percentagem em coluna)

Reprovações	Curso frequentado					
	Ciências e Tecnologias	Ciências socioeconómicas	Línguas e Humanidades	Artes Visuais	Profissional	Total
Não	85,0	74,2	60,8	70,5	27,3	74
Sim	14,7	25,8	39,2	29,5	72,7	25,9
Total	100	100	100	100	100	99,9

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 10. Distribuição das reprovações pelas habilitações literárias do Encarregado de Educação (percentagens em coluna)

Reprova ções	Habilitações literárias do Encarregado de Educação										
	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secu nd.	Pós- Sec	Bacha relato	Licenc iatura	Mestr ado	Douto ram.	NR	Total
Não	52,8	47,8	75,0	72,3	68,6	89,5	81,0	85,0	82,6	80,0	74,9
Sim	47,2	52,2	25,0	27,7	31,4	10,5	19,0	15,0	17,4	20,0	25,1
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 11. Distribuição das habilitações literárias do Encarregado de Educação pelo curso (percentagem em linha)

Curso	Habilitações literárias do Encarregado de Educação										
	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secu nd.	Pós- Sec	Bacha relato	Licenc iatura	Mestr ado	Douto ra.	NR	Total
CT	4,6	1,8	14,3	26,8	7,1	4,3	26,8	8,9	4,6	0,7	100,0
SE	3,1	0,8	6,3	25,8	5,5	2,3	39,1	12,5	3,9	0,8	100,0
LH	2,5	6,3	17,6	31,4	8,8	2,5	19,5	8,2	2,5	0,6	100,0
AV	13,0	6,5	14,1	18,5	9,8	-----	29,3	6,5	1,1	1,1	100,0
Prof	27,3	9,1	27,3	18,2	9,1	-----	9,1	-----	-----	-----	100,0
Total	5,4	3,4	13,7	26,4	7,6	2,8	27,5	9,0	3,4	0,7	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 12. Distribuição das reprovações pelo indicador de classe social do Pai (percentagem em coluna)

Reprovação	Indicador de classe social do Pai						NR	Total
	EDL	PTE	TI	AI	EE	OI		
Não	78,0	78,2	83,3	100,0	72,0	63,6	40,0	75,4
Sim	22,0	21,8	16,7	-----	28,0	36,4	60,0	24,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 13. Distribuição das medidas corretivas pelas reprovações (percentagem em coluna)

	Reprovações		
Medida corretiva	Não	Sim	Total
Não	83,8	75,7	81,5
Sim	16,2	23,8	18,2
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 14. Distribuição das medidas corretivas pelo sexo

Medida corretiva	Sexo		
	Feminino	Masculino	Total
Não	88,5	72,3	81,4
Sim	11,3	27,4	18,3
Total	99,8	99,7	99,7

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 15. Distribuição das medidas corretivas pelas escolas frequentadas
(percentagem em coluna)

Medida corretiva	Escolas			
	A	B	C	Média
Não	80,3	78,8	87,3	18,3
Sim	19,7	20,8	12,7	81,4
Total	100	100	100	100

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 16. Comparação das categorias da classe social do Pai e da Mãe

Categorias classe social	Pai		Mãe	
	Percentagem	Percentagem cumulativa	Percentagem	Percentagem cumulativa
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais (EDL)	26,6	26,6	9,4	9,4
Profissionais Técnicos e de Enquadramento (PTE)	30,1	56,7	34,4	43,8
Trabalhadores Independentes (TI)	5,1	61,8	4,7	48,5
Agricultores Independentes (AI)	0,1	61,9	0,3	48,8
Empregados Executantes (EE)	24,0	85,9	40,1	88,9
Operários Industriais (OI)	3,1	89	-----	-----
Assalariados Agrícolas (AA)	2,1	91,1	-----	-----
Doméstica	-----	-----	5,6	94,5
NR	8,7	99,8	5,4	99,9

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 17. Distribuição do Indicador individual de classe do Pai pelas Escolas frequentadas
(percentagem em linha)

Escolas	Indicador Individual de Classe Social do Pai						NR	Total
	EDL	PTE	TI	AI	EE	OI		
A	17,5	25,4	11,1	-----	42,9	-----	3,2	100,0
B	31,1	33,2	6,7	0,3	20,5	5,7	2,6	100,0
C	28,9	35,3	1,6	-----	32,6	-----	1,6	100,0
Total	29,1	33	5,6	0,2	26,3	3,4	2,3	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 18. Distribuição do Curso frequentado pelo Indicador individual de classe do Pai
(percentagem em linha)

Cursos	Indicador Individual de Classe Social do Pai						NR	Total
	EDL	PTE	TI	AI	EE	OI		
Ciências e Tecnologias	27,8	32,8	5,4	0	29,0	4,2	0,8	100,0
Ciências Socioeconómicas	39,2	40,8	3,2	0,8	15,2	0,8	-----	100,0
Línguas e Humanidades	29,0	24,5	9,0	0	27,1	3,9	6,5	100,0
Artes Visuais	21,7	39,1	4,3	0	27,2	4,3	3,3	100,0
Profissional	-----	12,5	-----	-----	87,5	-----	-----	100,0
Total	29,1	33,0	5,6	0,2	26,3	3,4	2,3	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 19. Distribuição das idades dos alunos pelo indicador de classe social do Pai
(percentagem em coluna)

Idades	Indicador de classe social do Pai						NR	Total
	EDL	PTE	TI	AI	EE	OI		
14	1,1	0,5	-----	-----	-----	-----	-----	0,5
15	26,5	27,5	36,1	-----	33,3	40,9	7,1	29,2
16	21,1	15,6	13,9	-----	15,5	22,7	50,0	18,1
17	33,5	32,7	41,7	-----	27,4	22,7	21,4	31,4
18	13,5	19,4	-----	100,0	11,9	4,5	-----	13,8
19	4,3	3,3	8,3	-----	6,5%	-----	21,4	5,0
20	-----	0,5	-----	-----	4,8	4,5	-----	1,6
22	-----	0,5	-----	-----	0,6		-----	0,3
23	-----	-----	-----	-----	-----	100,0	-----	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 20. Distribuição das reprovações pelo indicador de classe social do Pai
(percentagem em coluna)

	Indicador de classe social do Pai							
Reprovação	EDL	PTE	TI	AI	EE	OI	NR	Total
Não	78,0	78,2	83,3	100,0	72,0	63,6	40,0	75,4
Sim	22,0	21,8	16,7	-----	28,0	36,4	60,0	24,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 21. Distribuição das medidas corretivas pelo indicador de classe social da Mãe
(percentagem em coluna)

	Indicador de classe social da Mãe						
Medida corretiva	EDL	PTE	TI	AI	EE	Doméstica	Total
Não	75,8	79,3	87,9	50,0	87,9	64,1	82,0
Sim	24,2	20,7	12,1	50,0	12,1	35,9	18,0
Total	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 22. Distribuição das habilitações literárias do Encarregado de Educação pelo indicador de classe social do Pai (percentagem em linha)

	Habilitações literárias do Encarregado de Educação										
Classe social do Pai	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secun d.	Pós-Sec	Bacha relato	Licenc iatura	Mestr ado	Douto ra.	NR	Total
EDL	2,3	1,7	8,5	22,2	11,9	3,4	31,3	10,8	6,3	1,7	100,0
PTE	0,5	0,5	3,9	20,3	5,8	3,4	46,4	14,0	4,8	0,5	100,0
TI	14,7		14,7	38,2	8,8	2,9	8,8	8,8	2,9	-----	100,0
AI	-----	-----	-----	100	-----	-----	-----	-----	-----	-----	100,0
EE	9,6	7,8	26,5	35,5	3,6	3,0	10,2	2,4	0,6	0,6	100,0
OI	9,5	9,5	33,3	28,6	14,3	-----	4,8	-----	-----	-----	100,0
NR	27,3	-----	36,4	18,2	-----	-----	18,2	-----	-----	-----	100,0
Total	5,0	3,1	13,5	26,3	7,3	3,1	28,2	8,9	3,7	0,8	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 23. Distribuição da categoria sexo pela prática de voluntariado (percentagem em linha)

	Prática de voluntariado		
Sexo	Não	Sim	Total
Feminino	58,8%	41,2%	100
Masculino	65,8%	33,9%	99,7
Total	61,9	38	100

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 24. Distribuição da prática de voluntariado pelo ano de escolaridade (percentagem em linha)

	Prática de voluntariado		
Ano de escolaridade	Não	Sim	Total
10º	66,2	33,8	100
12º	56,6	43,4	100
Total	62,1	37,9	100

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 25. Distribuição da prática de voluntariado pelas escolas frequentadas (%)

	Escolas			
Medida corretiva	A	B	C	Total
Não	78,9	59,0	62,4	62,0
Sim	21,1	40,8	37,6	37,9
Total	100	99,8	100	99,9

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 26. Distribuição da prática de voluntariado pelas habilitações literárias do Encarregado de Educação (percentagem em coluna)

Prática voluntariado	Habilitações literárias do Encarregado de Educação									
	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secund.	Pós-Sec	Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento	NR
Não	58,3	87,0	72,8	64,4	68,6	68,4	52,2	50,8	47,8	80,0
Sim	41,7	13,0	27,2	35,6	31,4	31,6	47,8	49,2	52,2	20,0
Total	100,0	100,0	100,0	100	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Indivuação e reconhecimento*.

Tabela 27. Distribuição da prática de voluntariado pelo indicador individual de classe social da Mãe (percentagem em coluna)

Prática de voluntariado	Indicador Individual de classe social da Mãe						Total
	EDL	PTE	TI	AI	EE	Dom	
Não	61,5	51,9	66,7	50,0	69,0	66,7	61,7
Sim	38,5	48,1	33,3	50,0	31,0	33,3	38,3%
Total	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Indivuação e reconhecimento*.

Tabela 28. Distribuição da pertença a associação pelas habilitações literárias do Encarregado de Educação (percentagem em coluna)

Pertença a assoc.	Habilitações literárias do Encarregado de Educação									
	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secund.	Pós-Sec	Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento	NR
Não	55,6	87,0	84,8	67,8	68,6	63,2	64,1	61,0	56,5	100,0
Sim	44,4	13,0	15,2	32,2	31,4	36,8	35,9	39,0	43,5	-----
Média	100,0	100,0	100,0	100	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Indivuação e reconhecimento*.

Tabela 29. Distribuição da pertença a uma associação pelo ano de escolaridade

(percentagem em linha)

Ano de escolaridade	Pertença a associação		Média
	Não	Sim	
10º	72,9	27,1	100
12º	62,6	37,4	100
Média	68,5	31,5	100

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 30. Distribuição da pertença a associação pela prática de voluntariado

(percentagem em coluna)

Prática de voluntariado	Pertença a associação		Total
	Não	Sim	
Não	70,8	43,2	62,1
Sim	29,2	56,8	37,9
Total	100	100	100

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 31. Distribuição do âmbito da associação pelas escolas (%)

Escola	Âmbito da associação						Total
	Religioso	Político	Cultural	Humanitário	Estudantil	Científico	
A	2 3,8%	-----	1 12,5%	2 20,0%	-----	1 100,0%	6 6,7%
B	41 77,4%	4 66,7%	4 50,0%	7 70,0%	4 36,4%	-----	60 67,4%
C	10 18,9%	2 33,3%	3 37,5%	1 10,0%	7 63,6%	-----	23 25,8%
Total	53 100,0%	6 100,0%	8 100,0%	10 100,0%	11 100,0%	1 100,0%	89 100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 32. Distribuição do âmbito da associação pelas reprovações (percentagem em couda)

	Âmbito da associação						
Reprovação	Religioso	Político	Cultural	Humanitário	Estudantil	Científico	Total
Não	79,2	16,7	75,0	60,0	72,7	100,0	71,9
Sim	20,8	83,3	25,0	40,0	27,3	-----	28,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Anexos B

Questionário



QUESTIONÁRIO

Este questionário visa recolher informação sobre a forma como os alunos ajuízam as mais diversas situações no decurso do seu percurso escolar. O objetivo é a realização de um trabalho de investigação sociológico inserido num projecto de doutoramento.

Como queremos saber o que realmente fazes e pensas é importante que respondas com toda a honestidade porque só assim os resultados serão válidos.

AS RESPOSTAS SÃO ANÓNIMAS E CONFIDENCIAIS

Muito obrigado!

A – CENÁRIOS

Cenário 1

A Ana e a Marta são duas alunas da mesma turma que costumam andar sempre juntas, pois, são amigas. A Marta apresenta um grande desinteresse pelos estudos, embora a Ana revele algum interesse. No entanto, a Ana tem baixado abruptamente as notas este ano, faltando inclusivamente às aulas. Os pais da Ana, por suspeitarem de que a Marta é uma má influência, proibiram a Ana de andar na companhia da Marta, o que não resultou. As duas correm o sério risco de chumbar o ano. O diretor de turma, está a par da situação e já conversou com as duas, o que também não resultou. Qual a atitude a adotar pelo Diretor de Turma:

- A. Comunicar imediatamente aos pais da Ana sempre que ela falte às aulas.
- B. Não fazer mais nada, pois a situação já não está nas suas mãos.
- C. Continuar a insistir em falar com as duas alunas, na expectativa de que elas finalmente fiquem sensibilizadas para a sua situação.
- D. Agir para que a Marta seja transferida de turma, de forma a isolá-la da Ana.
- E. Fazer um acordo com a Marta e tolerar o seu comportamento inquieto nas aulas, para que esta não falte às mesmas.

Lê com atenção as hipóteses de A a E e escolhe apenas **uma opção** (assinalando com um círculo em volta da letra correspondente à opção escolhida).

Justifica a tua opção:

Cenário 2

No início do ano, o professor fez um acordo com os alunos quanto a uma tolerância de cinco minutos na chegada à aula. Porém, a vice-diretora da escola ao tomar conhecimento de que, depois da hora de entrada na sala de aula, ainda havia alguns alunos a fazer barulho no corredor, acompanhou-os e entrou na sala repreendendo os alunos à frente do professor. A vice-diretora deu indicações a este para marcar faltas de atraso a todos os alunos que não estejam na sala à hora marcada. O professor:

- A. Procede de acordo com as indicações da vice-diretora.
- B. Continua a proceder da mesma forma que antes, cumprindo o acordo com os alunos e encarrega o delegado de turma da responsabilidade de verificar que os alunos não fazem barulho nos corredores antes de entrar na sala.
- C. Repreende os alunos que estavam a fazer barulho, para além de lhes marcar falta. Procede de acordo com as indicações da vice-diretora.
- D. Faz um novo acordo com os alunos, acabando a aula cinco minutos mais cedo.
- E. Relata à vice-diretora o acordo que fizera com os alunos.

Lê com atenção as hipóteses de A a E e escolhe apenas **uma opção** (assinalando com um círculo em volta da letra correspondente à opção escolhida).

Justifica a tua opção:

Cenário 3

O Marco durante o teste de Português observou a sua amiga Ana a utilizar cábulas. Ana é uma excelente aluna e todos a respeitam por isso, sendo também frequentemente elogiada pelos professores. O Marco deixou de admirar a Ana, pois descobriu que ela copia e também soube que ela iria ser nomeada para o Quadro de Honra da Escola. Inclusivamente, o Marco é repreendido por Ana por tirar más notas. Assim, o Marco deve:

- A. Deixar simplesmente de falar com a Ana, atendendo ao choque que o seu comportamento lhe causou.
- B. Confidenciar ao seu grupo de amigos que a Ana faz batota, explicando-lhes por que deixou de falar com ela.
- C. Falar com o diretor de turma, dizendo que há bons alunos que copiam, sem referir nomes, mas sugerindo ao diretor de turma que se mostre atento.
- D. Dizer na cara de Ana que sabe que esta copia e que esta não tem moral para o repreender pelas suas notas.
- E. Aproveitar para pedir à Ana que esta lhe ensine de que forma pode tirar melhores notas.

Lê com atenção as hipóteses de A a E e das soluções expostas em baixo qual é a que te parece mais injusta? Ordena por ordem crescente da mais **injusta** (nº1) à mais **justa** (nº5) colocando apenas uma letra em cada um dos casos.

Da mais injusta...						À mais justa
	Nº 1	Nº2	Nº3	Nº4	Nº5	

Cenário 4

O trabalho de grupo da disciplina de Filosofia está a deixar o João à beira de um ataque de nervos. Os três elementos do grupo foram-lhe impostos pela professora da disciplina e o João soube logo que o trabalho não iria correr bem. A Joana mora longe dos outros três e está pouco disponível, o Ivo, apesar de ser seu amigo, é pouco responsável e só se quer encostar ao trabalho dos outros. O Carlos é muito desmotivado e não tem grande iniciativa. O João já

tentou repartir as tarefas por todos, mas sem grandes resultados. Como deverá o João proceder nesta situação:

- A. O João faz o trabalho todo o melhor possível, mesmo sabendo que a nota final para todos os elementos do grupo será a mesma.
- B. O João vai falar com a professora e pede-lhe para mudar de grupo, explicando-lhe a situação.
- C. O João faz o trabalho todo o melhor possível, porém ao entregar o trabalho conta à professora que ele é realmente o verdadeiro autor do trabalho.
- D. O João faz o trabalho todo o melhor possível, porém ao entregar o trabalho conta à professora que ele e o Ivo foram os autores do trabalho.
- E. O João faz um ultimato aos outros elementos do grupo impondo-lhes tarefas e ameaçando que quem não as realizar não aparecerá como autor do trabalho.

Lê com atenção as hipóteses de A a E e das soluções expostas em baixo qual é a que te parece mais injusta? Ordena por ordem crescente da mais **injusta** (nº1) à mais **justa** (nº5) colocando apenas uma letra em cada um dos casos.

Da mais injusta...						À mais justa
	Nº 1	Nº2	Nº3	Nº4	Nº5	

Cenário 5

Um grupo de trabalhadores de uma empresa pública comunicando entre si através do Facebook trocou algumas mensagens muito críticas relativamente a um conjunto de ações da direção da empresa. Esta troca de mensagens em breve se alargou a outros trabalhadores da empresa na mesma rede social. Contudo, isto chegou ao conhecimento da direção, que de imediato convocou todos os trabalhadores para uma reunião, na qual fez saber que iria ser aplicado um novo regulamento na empresa que proibia todos os trabalhadores de fazerem comentários de natureza pessoal sobre a empresa e os seus agentes em redes sociais da Internet. O que pensas sobre isto:

- A. Concordo com o novo regulamento, uma vez que ao escrever opiniões pessoais sobre a empresa, posso estar a colocar a imagem da instituição em causa.
- B. Não concordo com o novo regulamento, pois apesar de achar que não é correto escrever opiniões pessoais sobre a empresa, isso é algo que tem a ver com o bom senso e a responsabilidade de cada um.

- C. Não concordo, pois penso que não há problema nenhum em escrever opiniões pessoais no Facebook. A atitude da empresa viola a liberdade de expressão.
- D. Não concordo, pois penso que as nossas opiniões pessoais e a nossa postura no trabalho são aspetos perfeitamente separados.
- E. Concordo que não se deva escrever opiniões pessoais sobre a empresa, embora pense que a direção da empresa deveria ter falado primeiro com os trabalhadores em causa.

Lê com atenção as hipóteses de A a E e escolhe apenas **uma opção** (assinalando com um círculo em volta da letra correspondente à opção escolhida).

Justifica a tua opção:

Cenário 6

O professor de Inglês está disposto a organizar uma visita de estudo a Londres com os poucos alunos da única turma de Inglês do 12º ano. No entanto, a Isabel não tem muito interesse em ir à visita, pois prefere participar numa atividade cultural durante esse período, para a qual tem de se preparar antecipadamente. Dado o entusiasmo dos seus colegas de turma, a Isabel, que é uma pessoa muito discreta, hesita na sua decisão. O professor diz aos alunos que se a Isabel não for, isso irá implicar um esforço adicional por parte de todos, no seu tempo livre, para arranjar o dinheiro necessário para a visita. Qual o procedimento a seguir?

- A. A Isabel deve sacrificar-se e confirmar o seu interesse em ir a Londres, para não sobrecarregar os seus colegas.
- B. A Isabel deve mostrar aos outros que, de facto, tem outros interesses e não pode ser sacrificada ou responsabilizada pela realização ou não da visita. Por isso não tem de ser ela a sobrecarregar-se mais ainda para ajudar a arranjar dinheiro para a visita, no seu tempo livre.
- C. Mesmo que a Isabel não vá a Londres, ela tem obrigação de ajudar os seus colegas, no seu tempo livre, ainda que isso implique para ela mais uma sobrecarga de trabalho.
- D. Dados os obstáculos levantados com o não interesse da Isabel, a visita a Londres deve ser esquecida.
- E. Os alunos das famílias economicamente mais favorecidas devem colocar a parte do dinheiro que caberia à Isabel, de modo a poder viabilizar a visita.

Lê com atenção as hipóteses de A a E e das soluções expostas em baixo qual é a que te parece mais injusta? Ordena por ordem crescente da mais **injusta** (nº1) à mais **justa** (nº5) colocando apenas uma letra em cada um dos casos.

Da mais injusta...						À mais justa
	Nº 1	Nº2	Nº3	Nº4	Nº5	

Cenário 7

A escola X vive momentos algo tensos. A escola foi obrigada a aceitar um grupo de alunos ciganos pertencentes a uma turma de uma escola vizinha, pois estes eram alvo de discriminação nessa escola. A direção e a maioria dos pais dos alunos da escola X opõem-se a esta medida. Como deve a escola atuar?

- A. A escola X cria uma turma especial só com estes alunos ciganos e instala-os todos no mesmo pavilhão.
- B. A escola X espalha os alunos ciganos por diversas turmas da escola.
- C. A escola X concentra os alunos ciganos numa turma já existente.
- D. A escola X não desiste do seu protesto e enquanto espera que pelo menos alguns destes alunos possam ser distribuídos por outras escolas, cria uma turma especial só com estes alunos, com um horário diferente das restantes turmas, e, para além disso, limita os espaços onde eles podem circular na escola.
- E. A escola X concentra os alunos ciganos numa turma já existente e promove iniciativas de sensibilização aos restantes alunos da escola para a integração daqueles.

Lê com atenção as hipóteses de A a E e das soluções expostas em baixo qual é a que te parece mais injusta?

Justifica a tua opção:

Cenário 8

A Associação de Estudantes (AE) de uma escola obteve 3 ofertas de uma agência de viagens para distribuir pelos alunos dessa escola. A AE ainda não sabe como irá distribuir essas viagens pelos alunos. Imagina que tu eras o Presidente da AE, o que decidiras?

- A. A AE decide entregar essas ofertas à direção da escola para esta decidir distribuí-los da maneira que entender.
- B. A AE reserva uma das viagens para o seu presidente e para os seus dois vice-presidentes.
- C. A AE lança um concurso para premiar os projetos mais originais de marketing publicitário de uma agência de viagens, mas apenas para os alunos do 12º ano.
- D. A AE reserva as viagens para os 3 melhores alunos da escola.
- E. A AE reserva uma das viagens para um dos alunos portadores de uma deficiência física, outra para o melhor aluno da escola e uma última para um aluno que recebe subsídio de acção escolar.

Lê com atenção as hipóteses de A a E e das soluções expostas em baixo qual é a que te parece mais injusta? Ordena por ordem crescente da mais **injusta** (nº1) à mais **justa** (nº5) colocando apenas uma letra em cada um dos casos.

Da mais injusta...						À mais justa
	Nº 1	Nº2	Nº3	Nº4	Nº5	

B – DADOS DE CARACTERIZAÇÃO PESSOAL

- 1 - Género
- Feminino ☐ (1)
 - Masculino ☐ (2)

2 - Idade _____

3 - Nacionalidade _____

4 - Escola que frequenta:

- Escola Secundária [Nome da Escola] ☐ (1)
- Escola Secundária [Nome da Escola] ☐ (2)
- Escola Secundária [Nome da Escola] ☐ (3)

5 – Tipo de curso frequentado:

· Curso Científico-Humanísticos

- a) Curso de Ciências e Tecnologias ☐ (1)
- b) Curso de Ciências Socioeconómicas ☐ (2)
- c) Curso de Línguas e Humanidades ☐ (3)
- d) Curso de Artes Visuais ☐ (4)
- ~~Curso Tecnológico~~ ☐ (5)
- ~~Curso Profissional~~ ☐ (6)
- ~~Curso de Educação e Formação~~ ☐ (7)

6 – Com quem vives:

- Com os pais e irmão (ã)(s). Indique o nº de irmãos _____ ☐ (1)
- Só com os pais ☐ (2)
- Só com a mãe ou o pai ☐ (3)
- Com outros. Quais? _____ ☐ (4)

7 - Habilitações académicas completas:

Do pai		Da mãe		Do(a) Encarregado(a) de Educação	
1º Ciclo do Ensino Básico (1)		1º Ciclo do Ensino Básico (1)		1º Ciclo do Ensino Básico (1)	
2º Ciclo do Ensino Básico (2)		2º Ciclo do Ensino Básico (2)		2º Ciclo do Ensino Básico (2)	
3º Ciclo do Ensino Básico (3)		3º Ciclo do Ensino Básico (3)		3º Ciclo do Ensino Básico (3)	
Ensino Secundário (4)		Ensino Secundário (4)		Ensino Secundário (4)	
Ensino Pós-Secundário Não Superior (5)		Ensino Pós-Secundário Não Superior (5)		Ensino Pós-Secundário Não Superior (5)	
Bacharelato (6)		Bacharelato (6)		Bacharelato (6)	
Licenciatura (7)		Licenciatura (7)		Licenciatura (7)	
Mestrado (8)		Mestrado (8)		Mestrado (8)	
Doutoramento (9)		Doutoramento (9)		Doutoramento (9)	

8 – Profissão do pai, da mãe e do Encarregado de Educação (seja o mais específico possível. Ex: professor do ensino básico)

(no caso de estarem empregados indique a atual profissão; no caso de estarem desempregados ou reformados, indique a última profissão que exerceram)

Do pai		Da mãe		Do(a) Encarregado(a) de Educação	

9 – Condição perante o trabalho:

Do pai		Da mãe		Do(a) Encarregado(a) de Educação	
É trabalhador		É trabalhadora		É trabalhadora	
É desempregado		É desempregada		É desempregada	
É reformado		É reformada		É reformada	
É trabalhador-estudante		É trabalhadora-estudante		É trabalhadora-estudante	

10 – Situação face ao emprego (no caso de ser desempregado ou reformado indique a última):

Do pai		Da mãe		Do(a) Encarregado(a) de Educação	
Trabalhador por conta própria sem empregados(as) (1)		Trabalhadora por conta própria sem empregados(as) (1)		Trabalhadora por conta própria sem empregados(as) (1)	
Trabalhador por conta própria com «empregados(as) (até 500) (2)		Trabalhadora por conta própria com empregados(as) (até 500) (2)		Trabalhadora por conta própria com empregados(as) (até 500) (2)	
Trabalhador por conta própria com empregados(as) (mais de 500) (3)		Trabalhadora por conta própria com empregados(as) (mais de 500) (3)		Trabalhadora por conta própria com empregados(as) (mais de 500) (3)	
É trabalhador familiar não remunerado (4)		É trabalhadora familiar não remunerada (4)		É trabalhadora familiar não remunerada (4)	
É trabalhador por conta de outrem (5)		É trabalhadora por conta de outrem (5)		É trabalhadora por conta de outrem (5)	
É trabalhador a recibos verdes (6)		É trabalhadora a recibos verdes (6)		É trabalhadora a recibos verdes (6)	

11 – Já praticaste ou praticas voluntariado?

Não __ (1) Sim __ (2)

Se sim, refira o contexto de intervenção

Hospital	
Centro convívio ou Lar de idosos	
Banco Alimentar	
Apoio aos sem-abrigo	
Outro. Qual? _____	

12 - Fazes parte ou já pertenceste a alguma associação?

Não __ (1) Sim __ (2)

Se sim, refira o âmbito da associação

Religiosa	
Política	
Cultural e recreativa	
Humanitária	
Estudantil	
Outra. Qual? _____	

C – Caracterização do Percurso Escolar

1 - Já reprovaste de ano?

· Sim ☐ (1) Nº de vezes _____

· Não ☐ (2)

2 - Já te foi aplicada alguma medida corretiva na escola?

· Sim ☐ (1) Nº de vezes _____

· Não ☐ (2)

3- Já te foi aplicada alguma medida sancionatória na escola?

· Sim ☐ (1) Nº de vezes _____

· Não ☐ (2)

OBRIGADO PELA TUA COLABORAÇÃO!

AUTORIZAÇÃO

O CesNova é uma unidade de investigação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com especialização na pesquisa, e também na lecionação de cursos de pós-graduação, na área da Sociologia da Educação.

A Escola [nome da Escola] aceitou colaborar na realização de um estudo, no domínio das Ciências Sociais, junto de alunos e professores do ensino público.

Está neste momento a decorrer o projecto *“Os processos de socialização política do estudantes do ensino secundário público português”*, da responsabilidade de um investigador do CesNova, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. O objetivo é conhecer os regimes de envolvimento cívico dos estudantes do Ensino Secundário em Portugal.

Uma das etapas deste estudo inclui o lançamento de um questionário por cenários a alunos do 10º e 12º anos de escolaridade. Os temas a tratar referem-se aos sentidos de justiça dos estudantes perante situações próximas deles em ambiente escolar. O questionário obteve a aprovação do Ministério da Educação e, como é hábito num estudo desta natureza, garante-se a confidencialidade das informações prestadas e a sua utilização exclusiva para fins científicos. Os questionários realizar-se-ão com o apoio logístico da escola.

Assim, vimos solicitar autorização para que o seu educando possa participar no âmbito deste estudo. É muito importante essa participação, pois um dos aspetos que pretendemos captar é a visão dos jovens (tantas vezes ignorada) acerca dos temas:

☐ Aceito que o meu educando participe

☐ Não aceito que o meu educando participe

NOME:

Assinatura: _____

Agradecendo desde já a disponibilidade e atenção dispensadas, apresentamos os nossos cordiais cumprimentos, e ficamos à sua disposição para qualquer esclarecimento (Pedro Jorge Caetano: 967804072; caepedro@gmail.com).

Pedro Jorge Caetano

Anexos C

Matrizes de categorização das justificações

Matriz 1. Matriz das justificações do cenário 1				
Bens gramaticais				
<u>1. Amizade</u>	<u>2. Confiança</u>	<u>3. Autonomia</u>	<u>4. Autoridade</u>	<u>5. Educação</u>
1. Motivo da Coação (eficácia do vigiar, ameaçar e punir)				
Recomendo a hipótese E. A Marta terá que cumprir o que foi imposto e acaba por não a separarem da amiga (17). Desta maneira a Ana deixa de faltar, o que vai melhorar o aproveitamento, sem interferir na amizade das duas alunas (582).	As raparigas ficariam sensibilizadas se o diretor de turma falasse com elas ameaçando elas de estarem em situação de chumbar (7). Porque ao falar com as raparigas, elas podem ter receio de chumbar o ano, logo já não faltam mais às aulas (8).		É o mais correto a fazer e é a forma mais eficaz de resolver o assunto da Ana. Assim, os pais estão a par do que se anda a passar e podem logo intervir quando acontece alguma coisa (6). Porque ela pode correr risco de vida (11). Porque assim os pais castigam-na sempre que faltar às aulas (12). Porque talvez com alguma pressão em cima delas elas mudem o comportamento que têm tido (31). Pois tem de se cortar o mal pela raiz, se uma amiga é uma má influência para nós, é normal que os pais se imponham e claro, se começar a afetar a escola, os professores terão	Para elas não faltarem às aulas e estudarem têm de ser repreendidas e o diretor tem de as cativar (307).

			de se meter, contudo, neste caso, teria de se optar por esta medida, não seria o caso de transferência de turma ou escola, pois se calhar não daria em nada (51). Ao comunicar aos pais a aluna vai sentir-se com menos liberdade e mais vigiada, ao longo do tempo vai perceber que não vale a pena faltar mais, agindo revoltada, mas começa a ir às aulas (135). Os pais são sempre o medo dos alunos (173). Os pais castigam a filha e talvez ela não vá faltar mais (180). Penso que é a maneira mais eficaz de resolver o problema (378). Para começar, não se sabe mesmo se é por influência da Marta os maus resultados obtidos pela Ana. É claro que, um ambiente que incentive pouco estudo à volta da Ana não vai ajudar, nomeadamente as suas companhias. Mas se formos ver	
--	--	--	---	--

			de outra perspectiva, por exemplo, amigos que se esforcem e sejam estudiosos, não implica que a pessoa comece a estudar e a aplicar-se. É claro que pode influenciar, mas no fundo, tem de partir da própria pessoa começar a aplicar-se. Acredito que a pressão dos pais saberem cada falta que a Ana daria criaria uma certa pressão nela (397). Eu penso que seja escolha A, pois penso que a educação começa em casa, logo faz sentido o DT avisar os pais para estes implementarem medidas mais drásticas cada vez que souberem das faltas das filhas. Acima de tudo os pais são as pessoas mais próximas dos alunos (485). Quando os pais souberem das faltas da Ana vão castigá-la e proibi-la de sair depois das aulas, tirar-lhe o telemóvel e o computador (506). Devem comunicar, pois os pais são figuras autoritárias e são os únicos	
--	--	--	---	--

			que podem mudar ou moldar um novo comportamento da Ana sobre as aulas, de modo que consiga conjugar as aulas e as boas notas com a sua amizade (597).	
2. Motivo Moral (bom ou certo e errado)				
Na minha opinião não devia nunca ter feito algo, cada um escolhe as suas companhias. O futuro está nas mãos da Ana, há que deixá-la fazer o que ela quiser (392). Se é uma verdadeira amiga, tem de fazer o melhor para ela (402). Escolhi a opção C, pois se a professor insistir constantemente e sendo a Ana um aluna interessada minimamente, irá com esforço aperceber-se do que está a fazer de errado e por sua vez avisar a sua amiga (626).	Eu acho que era o melhor, pois se o diretor de turma continuasse a insistir, elas provavelmente iriam perceber o que era mais certo (2). Escolhi esta opção porque parece-me ser o mais correto, o professor continua a insistir com as duas alunas e não insiste só com uma delas, ou desiste de o fazer (33). ao menos fica a informação e para além de ficarem com a consciência pesada, não voltam a cair no mesmo erro (64). Escolho a opção C, pois acho que é o melhor a fazer. Acho que as duas raparigas irão perceber o que está	é deixar que elas aprendam sozinhas. B, acho que nenhuma das opções é indicada. A partir de uma certa altura já não há mais nada a fazer e poderão piorar a situação. Quando as duas ganharem cabeça, se isto acontecer, arrepender-se-ão e tentarão contornar a situação (36). Portanto, a melhor solução será esperar que ambas «batam com a cabeça no chão» e percebam que a agir daquela maneira, não terão um futuro risonho (56). Penso que é	Os pais é que conseguem meter juízo na cabeça das alunas (192). É o mais acertado na posição do DT. A Ana é irresponsável e deve ser aconselhada, pois o comportamento é incorreto (535). As alunas não são responsáveis e ainda não deram conta que elas já têm responsabilidades e que os pais não são seus escravos e nem os professores têm obrigação com alunos mal criados (726).	Cada pessoa tem nas suas mãos a oportunidade de escolher o caminho a seguir. Se estas duas alunas pensam que tendo esta atitude de faltar às aulas e desinteressarem-se pelas mesmas, mais tarde irão arrepender-se e verão que quem tinha razão era o professor em querer que estas se comportassem de forma a transitar de ano (303).

	certo e errado (199). Julgo que fazer acordos é sempre mais fácil, pois trazer os pais “à conversa”, só vai fazer a aluna referida ficar de certa maneira traída e fazer ainda pior (experiência própria) (239). Deve-se julgar as pessoas por aquilo que são, não por aquilo que fazem (264). Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”. Ao insistir em que ambas as alunas mudem de comportamento constantemente, é possível sensibilizá-las para tal (460). C – As alunas têm de ter a consciência do que lhes irá acontecer se continuarem assim, pois, a culpa é das duas (481). Insistir com razão nunca é demais (631).	melhor a B, pois se já conversou com a aluna e não resultou, de nada valerá, o problema é dela (82). Uma aluna que chega a este ponto já não merece alguma alternativa (194). A esperança é a última a morrer. Quem sabe se no final, antes de darem aquele último passo à beira do precipício não tornem para trás. A opção C é a que em boa consciência considero que a longo prazo implica melhores efeitos (304). Só sabemos se dói quando doer (409). Os pais nem ninguém podem fazer mais nada, pois a Ana está a crescer e tem de aprender com os seus erros (449). O diretor de turma após ter chamado à atenção não deveria intervir, pois os alunos têm de ser conscientes dos		
--	--	--	--	--

		seus atos e se continuar a faltar às aulas é a sua opção, só os pais podem intervir (423).		
3. Motivo Pragmático-conciliatório (resultado hipotético ou ensaio-tentativa)				
Impedir as duas de estar juntas não é solução, só iria piorar as coisas (21). Acho que é a melhor opção a tomar, porque, ela, a Marta, pode perceber assim que está a prejudicar a sua amiga, e se lhe for uma verdadeira amiga, tentaria mudar a situação (52). Pois não se deve cortar as relações entre duas amigas. E insistindo talvez se consiga chamá-las à razão (95). Insistir e sensibilizar as alunas para o facto de estarem em risco de perder um ano, mas aceitar a sua amizade (292). Os pais são aqueles que mais têm influência na	Se o diretor de turma continuar a insistir em falar com as duas, elas ficam sensibilizadas e percebem que não devem faltar às aulas (9). C - Para que elas percebam que correm o sério risco de chumbar o ano e comecem a aplicar-se mais e levar os estudos mais a sério (19). para a sensibilizar acerca dos sérios riscos que correm (22). correm sérios riscos de chumbar o ano (32). Na minha opinião é melhor continuar a falar com elas, pois parece-me a melhor solução, visto que elas são as prejudicadas e as outras opções só fazem piorar as atitudes deles e com isso podem ficar ainda pior do	Para mim a melhor opção é a E. O diretor de turma deve tentar estabelecer um acordo com a Marta, para que ela tente perceber e refletir acerca das suas atitudes e posturas perante as aulas e a escola (5). Numa sociedade como a escola normalmente quem apresenta o maior poder de escolha é o aluno, de modo que a única maneira de mostrar progressos é sensibilizando e acompanhando-os por uma vida escolar, por a utilização de meios forçados poder trazer maiores danos (26). Na minha opinião, o mais fácil seria	Devido assim a o encarregado de educação poder falar com o seu educando e assim encontrarem a melhor solução para tal (126). Se o Diretor de turma optar por comunicar aos pais da Ana sempre que ela falte às aulas, eles poderão agir do modo mais indicado que acharem correto para lidar com a situação. Visto que se agir de outra forma, esta poderá não resultar (como visto em ocasiões anteriores), esta será a melhor forma de lidar com a situação (230). Porque acharia importante falar com os pais para eles tomarem conhecimento (271). Sempre que a Ana faltar às aulas, os	Pois só os pais podem tentar fazer algo pelo filho ou fazer com que ela perceba que a sua atitude não a leva a algo mais seguro no futuro (203).

vida dos filhos, principalmente no que toca à educação. Ora, se os pais tentaram separar duas amigas e não deu resultado, então não vale a pena insistir nessa opção. Se são amigas os pais devem valorizar a amizade delas e também a vida que cada uma tem individualmente, sendo que uma luta por uma coisa, outra por outra, mas continuam amigas e a interessar-se pela vida. Amigo não empata amigo. Tem de haver responsabilidade e maturidade da parte das 2 (394). Porque se a Ana faltar muitas vezes, vai prejudicar a ela e à Marta (703). Expressão da amizade	que já estão (34). vai melhorar a relação com o diretor de turma (48). Não se deve desistir dos alunos e para isso há que insistir que “entrem na linha”. É igualmente necessário saber os motivos por detrás da repentina mudança de comportamento para se saber como lidar com a situação (69). Talvez se insistir mais com as duas alunas. O diretor consiga chegar a um consenso com elas (79). As outras opções não fazem sentido, ou porque são demasiado agressivas ou porque são demasiado não fazer nada (86). É o melhor para ela (105). Pois a falar é que as pessoas se entendem (133). Deve falar com as duas alunas de maneira a controlar a situação (134). As pessoas entendem-se a falar	continuar a falar com as alunas e só aí, se isso não resultasse, mas mesmo em último caso, falar com os pais. Obrigar alguém a separar-se dos seus amigos nunca é uma boa hipótese, pois isso faria com que faltassem mais pra estarem juntas. A única maneira de as fazer parar é serem elas a decidir fazê-lo (27). Agora cabe à aluna Ana em se afastar da Marta e voltarão a estudar e a trabalhar (35). Não podemos obrigar uma pessoa a fazer aquilo que é suposto ela fazer, mas sim, levá-la até esse caminho, o que será mais eficiente (46). Eu escolhi esta opção, porque na maioria das vezes estes adolescentes não ligam a avisos ou conversas sérias, pensam apenas que se trata de um adulto chato ou mais um	pais deverão ser avisados e assim estará nas mãos deles disciplinar a sua filha Ana. É importante tentar perceber qual a razão pela qual a Marta perdeu o interesse pela escola (312). Porque apesar de ser uma situação escolar penso que é mais pessoal (388). Escolhi esta opção, pois as opções B, C e D seriam inúteis na medida em que as alunas continuam a falar-se e a potencialmente faltar. A última opção seria pejorativa para toda a turma pelo que também não é aceitável (450).	
---	--	--	--	--

	(151). Acho que este método, a curto ou a longo prazo, irá resultar, e acho o mais correto e plausível para aplicar (159). Eu acho que o mais correto é insistir em falar com as duas, porque se comunicar aos pais sempre que ela faltar, eu acho que a Ana e a Marta iam perder a confiança do diretor (184). Porque assim os pais ficam a saber exatamente a situação da Ana e será mais fácil ajudá-la (208). Na minha opinião, a única maneira de resolver este problema é tentar sensibilizá-las para o problema. Tentar arranjar “esquemas” para as separar não iria resultar (211). Esta é a minha opção, pois nenhuma das outras inclui as duas raparigas. Estando a separá-las só iria fazer pior, porque faltariam para estar juntas (229). Penso que a opção mais adequada,	“sermão” para os atormentar. O fato de os separarem também não ia ajudar, essa atitude por parte dos pais ou do diretor de turma. Só ia contribuir para uma atitude mais rebelde d parte delas (53). Penso que a opção mais correta seja a E, pois mais nenhuma se adequa à situação. Se o diretor de turma comunicar aos pais da Ana que ela falta não irá resolver nada, uma vez que estes já tinham conversado com ela, sem efeito. Também não é uma decisão aceitável não fazer nada, mas não irá resolver nada continuar a insistir com elas, pois só aprendem quando perceberem que a situação está fora de controlo e isolá-las só as vai fazer revoltarem-se (58). Penso que o interesse tem de vir da pessoa e não da pressão		
--	--	---	--	--

	caso as outras (A e E) não resultarem. Afastar as más influências pode ser, em grande parte dos casos, uma grande ajuda para o aluno que está a ser prejudicado (263). Eu escolhi a C, porque a partir do momento em que me (Diretor de Turma) envolvem na situação, não posso fugir, tenho de resolver da melhor maneira possível, tentando sempre beneficiar ambos os lados (272). Apesar de não haver muito mais a fazer, não se deve desistir (290). Deve falar com ambas, para que as próprias tenham uma perspetiva mais aberta em relação ao seu insucesso escolar (328). Pois tem que se entender o lado das alunas (366). O diretor deve insistir e sensibilizar as alunas até elas perceberem que ele só quer o bem delas (373). A minha opção foi a	exercida por outros (77). Não é bem fazer um acordo com a Marta, mas falar com ela, porque a situação provém dela. Não se deve afastar as duas amigas nem destruir a amizade, mas fazer com que a Marta perceba que tem de ir às aulas para a sua amiga Ana também ir. Também tem de se fazer a Ana perceber que dá para ir às aulas e continuar com a amizade, conciliar as duas coisas (117). Eu acho que a B estaria certa, pois a situação estava nas mãos das meninas e a escolha teria que ser delas (704). Eu sou defensor da teoria que todos nós passamos por piores momentos na vida e a única alternativa que temos é sermos nós próprios a ajudarmo-nos. As influências externas não ajudam muito na mudança de		
--	---	---	--	--

	B dado que a revolta das alunas é provocada pela ação dos pais, como tal o diretor de turma não pode fazer grande coisa enquanto as mesmas não se entenderem com os pais e estiverem num ambiente familiar minimamente estável (393). Acho importante o diretor de turma interferir nesta situação, mas só até um determinado ponto. Penso que o fundamental é lidar com a aluna em questão e não com os pais, porque quando um aluno sente que o contacto com o DT é direto sente-se mais próximo, o que torna mais fácil a sensibilização e a chamada de atenção. Se achar que as coisas estão a ser resolvidas só com os pais pode fazer com que se afaste. Mas é claro que os pais têm de estar ao corrente, deve ser gerido pelas 3 partes Considero mais importante que as alunas tomem consciência da sua situação, que serem	comportamento pelo qual passamos na adolescência, mas em pequena parte ajudam ao “click” que, um dia aparece na nossa cabeça e que nos faz perceber que temos de mudar (715).		
--	---	--	--	--

	simplesmente forçados a mudar (398). C, porque acho que é através da conversa que se pode chegar a algum lado. Porém, penso que esta conversa deveria ser feita para além do diretor de turma e dos alunos com os pais tanto da Ana como da Marta para se chegar a um consenso que agrade a todos. Já que a Marta não quer estudar, ao menos podia ceder algum do seu tempo com a amiga para esta estudar. Só com organização é que a Ana vai conciliar o tempo que tem para o estudo com a amiga. Apesar de todas estas tentativas da parte dos pais e do DT o resultado final apenas dependerá das duas amigas (415). Eu acho que a opção C é a mais correta, pois í não está a ajudar apenas a Ana ou a Marta, mas sim as duas, dando-lhes conselhos e não indo fazer logo queixa aos pais ou simplesmente			
--	--	--	--	--

	desistir delas, pois assim ele também ganha alguma confiança por parte das alunas (471). Eu penso que esta é a opção correta, pois as alunas têm consciência do que estão a fazer, e os professores só os podem ajudar em comunicar-lhes as consequências da ação e insistir no seu futuro (500). A hipótese que eu escolheria seria a hipótese C, visto que o Diretor de turma nunca deve desistir dos seus alunos, sejam eles “fáceis” ou “difíceis” de lidar, mas também não tolerar o comportamento das mesmas, pois pode afetar a turma em geral. Será sempre o melhor falar com ambas e mostrar outros pontos de vista e chamar à razão (530). É o caminho correto para enquadrar de novo as alunas num percurso escolar ideal (557). É necessário dar certas razões aos alunos que estão em risco de reprovar.			
--	--	--	--	--

	Comunicar aos pais pode não levar a lado nenhum, dependendo dos pais. Transferir um aluno provocador para outra turma provocará outras pessoas. Fazer um acordo com um aluno provocador também não me parece correto, pois é quase como um suborno para um aluno da escola” (623) Para se conseguir algo é preciso, por vezes, ceder um pouco (634). A Diretora de Turma tem definitivamente que dizer alguma coisa e decidir as medidas a tomar, pois trata-se de duas alunas da sua direção. Penso que se a DT continuar a falar com e a dar-lhes conselhos, elas vão acabar por fazer a coisa certa que é conciliar os estudos e a sua amizade (644). Penso que todos os alunos que são mais “rebeldes” necessitam de sentir que há alguém de fora que se preocupa com eles (645). Porque, ao utilizar o			
--	--	--	--	--

	meio de conversação, as pessoas entendem-se não levando o ato como um castigo, mas sim uma ajuda/preocupação (661).			
4. Motivo Económico (utilidade) Pensar a igualdade e os recursos				
Para mim deve-se tentar levar quem tem mais desinteresse a ir às aulas (Marta), pois a Ana seguirá o caminho (28). Como podemos ler no cenário I, se a Marta falta às aulas, a Ana também, logo mais vale que a Marta esteja, porque assim a Ana fica atenta à aula (47). Parece-me a melhor hipótese, pois todos têm a lucrar com isso (446). Porque com um acordo ambos ficam a ganhar, a Marta ganha algo que quer com o acordo e porta-se bem e a Ana tem uma hipótese de passar o ano com a Marta (489).	é necessário tentar sensibilizá-las e não falar com os pais, pois isso poderia levar a um maior desinteresse (16). Acho a opção “E” a mais rentável, pois a falar é que se resolvem os problemas (391). A opção E, porque se o diretor comunicasse sempre ou a Ana ganhava medo e não faltava ou podia faltar mais. Uma boa conversa, um bom acordo pode resolver, sem tolerâncias, pois os alunos são todos iguais (613).	Ao isolar a má influência, Ana voltará a concentrar-se nos estudos e poderá assim escapar ao chumbo, apesar de ser requerido uma grande motivação e um nível alto de adaptabilidade por parte da Ana para isso ser possível (25). Eu escolhi esta opção porque acho que só com esforço e persistência é que se consegue alcançar um objetivo. Neste caso, poderia acontecer que com a insistência do Diretor de Turma, a Marta e a Ana vejam que estão a desperdiçar as suas capacidades e os recursos que uma vida escolar	Escolhi a opção (E), porque acho que a Marta é que estava a prejudicar a Ana. Assim, se fizessem alguma coisa com a Marta, a Ana iria deixar de se comportar dessa maneira (29).	Porque assim se elas perdessem um ano iriam perceber que faltar às aulas e ter maus resultados não ia dar-lhes o sustento para o resto das suas vidas (43). Na minha opinião, a hipótese D é a mais adequada, visto que a Marta não está interessada na escola e está a levar a Ana para maus caminhos. Quem não está na escola a fazer nada deve sair e não prejudicar os outros (543).

Se a Marta tiver algo em troca pode ser que resulte (505). D, com esta opção as amigas podem continuar juntas sem terem de ser influenciadas negativamente nas aulas (551). Como é óbvio, insistir em qualquer uma das situações que não sejam a C, levaria a que qualquer uma das duas amigas saísse prejudicada, ou mesmo a turma inteira, no caso da opção E (602).		oferece (68).		
5. Funcional (responsabilidade ou direitos e deveres)				
O diretor de turma não pode interferir na “amizade” das duas, apenas fazer o que cabe a ele neste cargo, que é comunicar aos pais, visto que a conversa com elas não adiantou nada (295).	Acho que os alunos devem ser motivados pelos professores e, se a matéria não for interessante, se calhar os professores poderiam mudar o seu método de ensino (15). Os professores não devem desistir dos alunos, têm de lhes dar motivação e apoio (99). A professora deve insistir até obter	acho que o interesse pelos estudos e a disposição para ir às aulas tem de vir da própria pessoa, por isso, uma conversa com as duas de forma a sensibilizar e a incutir o dever de estudar resolveria a situação (30). O diretor de turma não deve interferir mais do que as suas obrigações	Era uma maneira de fazer com que os pais estivessem a par da situação, porque também já não havia mais nada para fazer, no entanto a opção B não seria a melhor, pois como DT teria o papel de tentar resolver a situação (14). Eu penso que esta seria a atitude mais sensata da Diretora de Turma, pois estaria a avisar os	

	resultados, porque é o dever enquanto professor e diretor de turma (284). O diretor de turma deve fazer tudo ao seu alcance para o sucesso dos alunos (289). C, porque é o dever do Diretor de Turma fazer com que a sua direção possa progredir nos estudos. Este tem de tentar e insistir sempre e nunca desistir, porque só assim é que as pessoas ficam sensibilizadas (396). É importante que os professores nunca desistam dos alunos (467).	práticas, pois o que elas fazem fora das aulas, não lhe diz respeito, elas têm de aprender sozinhas o que é melhor para cada uma (161). O diretor de turma deve alertar a aluna para a situação em que está, motivá-la e depois só cabe à aluna saber se quer mudar ou não (223). É dever da escola tentar que os alunos não reprovem e percebam a importância de estudar para o seu futuro. Se as medidas tomadas anteriormente não resultaram, então devem ser procuradas outras que não sejam abusivas, mas eficazes como “fazer um acordo” (pois dá responsabilidade e a sensação de controlo à Marta, podendo fazer com que se sinta mais importante e motivada), e motive a Ana (299). De todas é a que mais respeita os direitos individuais de cada uma (385).	pais para contribuir para o sucesso escolar da Ana, efetuando o seu papel de educadora (76). a escola não tem de dar educação aos alunos. Se o diretor de turma já conversou com as alunas e não resultou, acho que cabe aos pais tomarem uma atitude perante a situação (112). Eu acho que o diretor de turma não deve separar as alunas nem influenciar, pois penso que isso cabe aos pais e às alunas, mas sim a função do diretor de turma é cumprir com o seu papel de informador e comunicador da vida dos estudantes aos encarregados de educação e depois estes tomarem as medidas que acharem necessárias” (131). O Diretor de Turma já cumpriu o seu dever. Não tem qualquer autoridade para interferir na vida pessoal dos seus	
--	--	--	--	--

		A meu ver, a situação não está, nem nunca teve nas mãos do diretor de turma. Penso que o sentido de responsabilidade de um aluno do ensino secundário deve ser uma coisa inata e não imposta por um diretor de turma. Penso que quem deverá disciplinar a Ana e a Marta deverão ser, quanto muito, os pais dos alunos. No entanto, o interesse escolar também não deverá ser imposto pelos pais, deve ser espontâneo. Se não é, quem se prejudicará são os alunos (414).	educandos (154). as atitudes da Ana são da responsabilidade dos pais (176). A melhor atitude a ser tomada pelo Diretor de Turma, tendo em conta as hipóteses apresentadas, seria comunicar aos pais sempre que a Ana faltasse, pois a partir daí poderiam eles próprios tomar o controlo da situação e penalizar a Ana da maneira mais indicada. Assim cada um cumpriria o seu papel (302). O papel do Diretor de turma é apenas cativar as alunas, depois dos pais já terem sido informados (336). Os pais da Ana e da Marta devem estar a par do acontecimento. Se no caso de serem menores, os pais devem agir na educação e no caminho de estudo das suas filhas (483).	
--	--	---	--	--

Matriz 2. Matriz das justificações do cenário 2			
Bens gramaticais			
<u>1. Bem da Liberdade (Sistema)</u>	<u>2. Bem da Confiança</u>	<u>3. Bem da Disciplina</u>	<u>4. Bem das Regras gerais</u>
(Manter o acordo; cumprir a promessa; liberdade;; tolerância, amizade; lealdade)	(Gramática natural; não faltar à palavra; cumprir a promessa; felicidade dos alunos; criar um grupo; bem da relação) (Conceção de justiça, motivações, comunicar, negociar, prudência)	(Gramática do realismo; cumprir regras hierárquicas)	(Justiça, Igualdade na aplicação das regras e das normas)
1. Motivo da coação			
Relata o acordo e discute com ela uma forma de o manter, mas repreende os alunos que fizeram barulho (4). Neste tipo de situações, quando se estabelece um acordo com uma turma e só alguns alunos é que não cumprem com o acordo, o professor deve repreender os alunos que não cumprirem com o acordo e não tomar atitudes precipitadas como castigar a turma ou repreender por causa de alguns (5). O professor impõe o seu método na sala de aula, não a vice-diretora e ponto final! (111). Acho que uns alunos não podem pagar pelo erro de outros. Ela deve repreender quem fez barulho, porém continuar com os outros o trato que fizera (295). Na minha opinião deve ser dada uma segunda oportunidade aos alunos. O acordo deve ser mantido para que aqueles	Pois se o professor fez o acordo é porque confiava nos alunos. Mas os alunos devem ser repreendidos (145). Escolho a opção C, pois acho que é o indicado. Será a melhor hipótese, pois os alunos iriam perceber que estão mal e o castigo irá fazer com que pensem na situação (199). Acho que é o mínimo que o professor tem que fazer (contar à vice-diretora). E também devia repreender os alunos por fazerem barulho nos corredores (254). E, o professor diz o que aconteceu, assim os alunos, se calhar, podem não levar falta (465). Todos os professores sabem como é ser aluno, e este especialmente abria uma oportunidade dando aos alunos uma tolerância. Acho que este devia continuar com um acordo para uma melhor relação aluno-professor, mas não perdoar quem chegue atrasado, pois corria o	O professor repreende os alunos, pois não chegaram tarde, mas sim, para além de perturbar fingiram esse atraso (24). Acho que deve proceder de acordo com as indicações da vice-diretora e repreender os alunos, pois o acordo que fizera com eles não impunha fazerem barulho nos corredores e, como os alunos não respeitaram o funcionamento, o acordo é cancelado e têm falta (28). Na minha opinião devemos fazer o que nos mandam, principalmente quando se fala de uma responsabilidade devemos obedecer às pessoas que são superiores a nós (29). Se a vice-diretora ordenou que não havia tolerância, os professores e alunos só têm de cumprir as ordens da vice-diretora" (32).	

que não fizeram o barulho não se sintam injustiçados, mas estes devem repreender os alunos responsáveis pelo incidente, de forma a que não se repita, e mostrar-lhes que por um pagam todos e que não haverá mais oportunidades (300). O barulho é desnecessário, os alunos deveriam ser repreendidos em relação a este. Quanto ao chegar atrasado, na minha opinião nem deviam haver faltas. Se um aluno chega atrasado perde parte da matéria da aula, desde que não faça barulho, esse deveria ser castigo suficiente. Por outro lado, um aluno que saiba a matéria ou que acha que não precisa de ir às aulas não deveria ser forçado a fazê-lo, indo apenas aos testes para verificar os seus conhecimentos (392). Os alunos mandam! (434). Porque alguns dos alunos não cumpriram com o acordo estabelecido, acho que pode dizer aos alunos que fizeram barulho, que acabou o acordo com eles, como castigo do seu comportamento (482). Embora deva seguir as instruções da vice-diretora, o professor não deve prejudicar todos os alunos apenas por causa de um grupo. Assim, apenas esses deverão ser corrigidos (566).	risco de ser penalizado pela vice-diretora (626).	E, o diretor da escola é que manda (40). A – porque se quando toca é para entrar na sala, não para fazer barulho nos corredores e marcar falta; era bom, que assim não se volta a repetir o mesmo” (43). O mais indicado será o professor relatar à vice-diretora o que tinha combinado com os alunos e acabar com o acordo, uma vez que os alunos não se sabem comportar (58). A vice-diretora é que manda (81). Eu escolhi a opção C, porque assim os alunos que foram repreendidos não vão voltar a fazer barulho e não voltam a chegar atrasados (101). Porque é com medidas drásticas que se educam os chavalos (127). Ao informar a vice-diretora do acontecido, a vice-diretora, a par da situação, repreende o professor pela sua atitude (165). Porque quem manda é a vice-diretora e o professor tem de obedecer ao que a vice-diretora diz (216). O professor tem que agir de acordo com as regras impostas pela sua chefe (290). O professor tem que	
---	--	--	--

		arcar ordens vindas de cima (336). Optei pela c, pois se foi feito um acordo entre o professor e os alunos e estes o “desperdiçaram” tendo comportamentos inadequados, devem ser punidos por tal. Já o professor deverá respeitar as ordens dos seus superiores e cumpri-las devidamente (389). A vice-diretora é alguém com um poder superior ao da professora, portanto esta deverá respeitar a sua ordem para não levar com repreensões (407). Uma coisa é dar tolerância de 5 minutos após o toque na entrada de sala de aula, mas não fazer barulho nos corredores, pois após o toque as aulas estão a decorrer. A professora fez bem em repreender (devido ao barulho) e deve seguir à risca o que lhe foi dito, pois a vice-diretora é superior e além disso o que as escolas têm é falta de regras e de disciplina. Nunca matou ninguém (629).	
2. Motivo Moral (Cumprir as promessas; qualidades morais, culpa)			
Como o professor fez um acordo com os alunos, o mesmo deve seguir com o combinado (7). Um acordo é sempre um acordo (45).	E – porque o professor não ia pôr as culpas para cima dos alunos, ia explicar à diretora o acordo que fizera com os alunos (19). Porque um professor não	Acho que a melhor opção é o A, pois como eles estavam a fazer barulho não merecem que o professor lhes dê mais tolerância (23).	

Depois da repreensão da vice-diretora, o professor tem que escolher alguém da turma para comandar esta dita turma. E o professor não pode faltar à palavra e dizer que já não é possível o seu acordo com os alunos (449).	pode voltar com a sua palavra atrás. O melhor é contar à vice-diretora que acordo fez, para que os alunos não sejam injustamente punidos (62). Os professores devem cumprir as suas promessas, para que os alunos continuem a acreditar neles (63). Porque se não mantivesse o acordo previamente estabelecido, isso para os alunos ir-se-ia traduzir numa falta de palavra da parte do professor, o que levaria os alunos a não confiarem mais no professor e não ter mais confiança nele (64). Pois seria sincero para com os seus superiores e poderia assim negociar o acordo com os seus superiores” (76). Escolhi a E, porque não era justo para os alunos que o professor lhes marcasse falta, pois tinha feito um acordo com os alunos. Mas o professor teria de acabar com esse acordo a partir desse dia (94). Acho que devia falar com a vice-diretora, pois não devia “trair” o acordo que fizera com os alunos nem desobedecer às regras da diretora (100). É importante que o professor mantenha a sua palavra de modo a os alunos confiarem no professor (119). Assim demonstra que tem “palavra” e que confia ao máximo nos seus alunos (126).	Creio que seja o melhor, pois o professor deu o direito de escolha aos alunos e até alguma simpatia (um acordo), pondo em risco não só eles como também o professor (198). O fato dos alunos não cumprirem o acordo com o professor dá-lhe o direito de aplicar qualquer medida, neste caso a opção C (251). A vice-diretora tem razão e os alunos têm de cumprir as normas (306). Os alunos não respeitaram o voto de confiança dado pela professora, e por isso acaba-se com o favor (345). Os alunos que estavam a fazer barulho devem ser repreendidos porque a falta de educação nunca deve ser aceitável. Para além disso o professor não estava a cumprir uma regra vinda de cima para ser simpático com os alunos. Os alunos não aproveitam essa simpatia, logo não são dignos de ter estas regalias.Com isto deve proceder com as indicações da vice-diretora (424). Acho que alunos com problemas desses, que se estão completamente borrifando para tudo e para todos, que se estão marimbando para as normas de funcionamento das	
---	--	--	--

	Acho que o professor deve fazer isto, porque se comprometeu a este acordo, deve cumpri-lo e não repreender os alunos (205). Porque acho que o diretor de turma tem que manter a sua palavra se quer que os alunos cumpram a sua (208). Uma das principais características que os professores devem ter é a honestidade. O professor deve relatar à vice-diretora, para não haver mais acidentes no corredor à entrada (218). Para mim é claro que a melhor opção é a B, pois se ele marcasse falta aos alunos era uma grande “traição”. Portanto, ele não pode marcar falta. Mas claro que tem que pedir aos alunos para não fazerem barulho (221). Relatando à vice-diretora o acordo que fizera este está a agir da maneira mais indicada e correta, visto que é o responsável pelo acontecimento. Se ele repreendesse os alunos estaria a ser falso e moralmente incorreto (230). Penso que será a melhor opção para os alunos não saírem injustiçados da situação e pode ser que a vice-diretora aceite com a condição de não fazerem barulho (287). A professora deve relatar à vice-diretora o acordo que fez com os alunos, porque se a professora fosse tomar decisões, quebrando <u>o pacto que fez com os</u>	aulas, deviam ser repreendidos, chamados à atenção. Acho que deviam ter falta, assim é uma forma de atinarem (538). Os alunos e o professor tinham um acordo, se um dos lados quebra o acordo perde o efeito (599). Isso mostra que não tiveram respeito pelo acordo que o professor fizera com eles (674).	
--	--	--	--

	alunos, iria tornar o ambiente na sala de aula desagradável, manchando o seu próprio nome entre os alunos (319). Porque tem que honrar o acordo (326). É o melhor já que com um acordo entre todos, principalmente a informar o delegado para dizer aos alunos para não fazerem barulho e assim os alunos já não teriam faltas injustas, lá por a vice-diretora ser chata e malvada (329). O professor deve ser justo e imparcial (370). O professor apenas tinha de explicar que a culpa não era deles, pois tinha feito o tal acordo no início do ano (376). Penso que é a opção mais correta, pois foi o professor que deu essa tolerância, o que fez com que houvesse esse género de consequências. Ao ser honesto com a vice-diretora, iria mostrar-lhe que havia esse tal acordo entre os alunos e o professor e que a responsabilidade do barulho causado pelos alunos no corredor aplicava-se também ao professor” (381). Seria antiético a professora passar por cima do acordo feito com os alunos, deve comunicá-lo e advertir os alunos pelo barulho (553). Se a professora assumiu um compromisso com os alunos, deve tentar mantê-lo, manter a sua lealdade para com os alunos (564).		
--	---	--	--

	Escolha mais acertada e honesta (603).		
	O professor não deve mentir (634).		
3. Motivo Pragmático-conciliatório (dar mais uma oportunidade; ensaio; erro; flexibilidade; colaboração; consenso)			
Escolho a opção B, pois se esta tolerância foi concedida pelo diretor de turma significa que este tem razões para o fazer e é porque os alunos necessitam, por isso é justo continuar os 5 min., desde que os alunos não façam barulho (337).	Penso que o professor deve expor o acordo que fez à diretora de forma a preservar a confiança dos alunos. E mostrar as motivações que o levaram a criar o acordo com os alunos, para que a diretora entenda (1). Um aluno pode chegar atrasado acidentalmente e não têm de pagar pelo barulho dos outros levando falta. O mais correto seria falar com os alunos e avisá-los de que se voltassem a fazê-lo, aí sim, levariam falta (27). Na minha opinião isso é o mais correto, pois é a falar que as pessoas se entendem e algumas atitudes mais severas só vão tirar o pouco interesse que os alunos têm e que não vai ajudar nas atitudes, comportamento dos alunos (34). Se o professor relatar o acordo feito, faz com que a vice-diretora se aperceba do motivo, de modo a que não faça mais repreensões escusadas (42). Os alunos não devem fazer barulho no corredor, mas também não podemos deixar os alunos arcar com as consequências, porque estes agiram em função do acordo feito com o professor, logo o professor	Só deveria existir acordo se o professor se certificasse que nenhum aluno iria perturbar as outras aulas, como não foi isso que aconteceu escolhi a opção C (37). Quando o professor adota as indicações da vice-diretora, permite que acabe o ruído no corredor para os alunos que não cumprem os horários, evitando essa mesma situação dos atrasos, que pode ser frequente nos alunos com comportamentos inadequados (60). Pois se os alunos estavam na escola não havia necessidade de usarem os 5 minutos para fazerem barulho no corredor. Por isso se era para eles fazerem barulho no corredor acabava-se com os 5 minutos (67). A, porque há-de haver sempre alguém que faça barulho e ter em consideração que o professor não pode ser chamado à atenção pela direção (104). Na minha opinião, se o professor não tem “mão” nos alunos, tem realmente que proceder de acordo	

	devia ter dito à vice-diretora o acordo que fizera com os alunos (47). Penso que o professor deve falar com os alunos para que eles tomem consciência de que os 5 minutos de tolerância foi um ato simpático da sua parte, e para os alunos não abusarem, senão acabaria a tolerância (73). Penso que o mais indicado é a B, pois estar quando toca na sala é muito difícil, visto que há intervalos muito curtos (82). A comunicação é sempre a melhor solução (84). B. Porque acho que os alunos merecem uma nova oportunidade de fazerem o correto e, se no futuro continuar, o professor pode acabar com o acordo (91). O professor tenta defender os alunos e o acordo que fez com eles, para que estes não sejam culpados. Se a diretora não compreender, aí o professor procede de acordo com as indicações, no entanto, não marca falta aos alunos (103). Na minha opinião acho que, mesmo que os alunos tenham feito barulho pela sua própria responsabilidade, o professor deve esclarecer a vice-diretora do acordo que tinha feito com os seus alunos e, após isso, verificar as represálias que isso poderia trazer e decidir se mantinha ou não o acordo (110). Eu acho que deviam ter	com as indicações da vice-diretora, posteriormente, se os alunos entrarem no “eixo”, talvez possa fazer um novo acordo com os alunos, só para criar alguma amizade e liberdade entre ele e os seus alunos (203). O professor deverá falar calmamente com os alunos para que eles compreendam a situação e não repitam o mesmo erro (219). O professor deve fazer o que a vice-diretora diz, porque os alunos abusaram da sua boa vontade (244). Já que os alunos não cumpriram as normas que o professor propôs, então deve deixar de dar a oportunidade aos alunos e seguir as regras da vice-diretora (308). O professor tem de proceder de acordo com as indicações da vice-diretora, pois os alunos desperdiçaram o acordo que tinham feito porque estavam a perturbar o funcionamento da escola (327). Deve cumprir as ordens da vice-diretora, mas primeiro relatar aos alunos que iria cumprir as ordens (352). A partir do momento que os alunos sabem as regras, não é por isso que vão gostar mais ou menos da professora. A professora tem de se mostrar firme nas	
--	--	--	--

	mais tolerância com os alunos, porque adolescentes não são fáceis (129). Acho que nas idades mais jovens deve-se chegar a um acordo para se ganhar confiança e respeito (143). Para ser justa com os alunos e pensar noutra solução sem ser a falta, mas sim um repreensão ou coisa do género (173). Acho que se o professor fez um acordo com os alunos tem de o cumprir, mas para isso é preciso a colaboração de ambas as partes (185). Penso que o acordo de sair 5 min. mais cedo seria menos problemático. Mas o professor podia ainda falar com os alunos e fazê-los ver que agiram de forma incorreta, e manter o acordo inicial (187). O professor fez um acordo com os alunos e não podia desfazer o acordo, logo era mais aceitável fazer um novo acordo que não quebrasse a aliança com os alunos e não fosse contra as indicações da vice-diretora (191). Acho a opção E a mais indicada, para não faltar ao acordo com os alunos e para o professor não ter problemas com a direção (206). O problema foi o barulho nos corredores, então se resolvermos esse problema, então o professor mantém o seu acordo e a vice-diretora não se chateia mais. Isto reforça a relação dos	regras podendo ter uma boa relação com os alunos fora disso. Um professor tem de se mostrar confiante e rigoroso para que os alunos não lhe faltem ao respeito (394). Se o professor fez um acordo com os alunos e esse acordo aparenta não funcionar devido ao barulho, o professor deve acabar com o acordo tal como a vice-diretora pediu (426). Os alunos devem ser chamados à atenção pelo professor, pois estes estão a incomodar o bom funcionamento das outras aulas ao fazer barulho no corredor (483). A tolerância não cobre o barulho feito pelos alunos, pelo que, se querem ter o benefício de poderem chegar até 5 minutos depois do toque têm que se comportar educadamente (527). Os outros alunos da escola não devem ser incomodados com o barulho feito por essa turma. Os alunos desse professor, sendo privilegiados com essa tolerância, não deverão fazer barulho nos corredores (720).	
--	---	--	--

	alunos com o professor (273). Se o professor falar com a vice-diretora e explicar a situação, talvez se chegue a um acordo melhor que não afete ninguém (286). A atitude mais sensata que o professor poderá ter é contar à vice-diretora deste acordo que este fez com os alunos e assim em conjunto chegarem a um consenso, de modo as duas partes estarem de acordo em relação ao modo como procedem com os alunos desta turma (298). Apesar de haver um(a) diretor/a ou vice-diretor/a em cada escola, existe sempre uma tolerância para a chegada dos alunos à escola. Penso que, se a professora toma a iniciativa de dar tolerância de 5 minutos é porque acha que vai ser um bom método de trabalho e ajuda para com os alunos (303). No lugar do professor, primeiro faria o melhor para não ir nas costas da vice-diretora, pois podia, no processo em ajudar os meus alunos, me prejudicar. Combinaria com os meus alunos um esquema em que lhes pudesse dar mais folga, mas ao mesmo tempo estivesse a controlá-los (304). Deve dar mais uma oportunidade aos alunos, pois o erro não deve voltar a acontecer (309). Penso que uma boa relação entre professor e aluno é o mais importante		
--	---	--	--

	para as aulas correrem pela melhor forma. Assim, uma pequena cumplicidade entre ambos, desde que não seja desrespeitadora com a escola não tem qualquer problema (321). Escolho a E, pois ao dialogar com a vice-diretora, o professor poderá explicar os seus motivos e assim talvez poderá chegar a um acordo com a mesma (340). E, pois assim justifica a situação (358). Opto por a opção E. A partir do momento, em que o professor, faz um acordo com os seus alunos, há um laço de confiança e de responsabilidade de o cumprir entre eles. O cancelamento desse acordo era a quebra dessa confiança e responsabilidade ganha pelo professor e alunos, podendo ou não, que os alunos se sintam intrigados e o seu comportamento muda. Penso que, a melhor atitude que o professor poderá tomar é explicar a situação à vice-presidente, para que cheguem a um bom senso (377). É de todas as opções [B] a que tem um equilíbrio melhor entre o respeitar do acordo alunos/professor (que importa muito para um bom ambiente e respeito mútuos) e a autoridade superior (385). Os alunos têm de perceber que o professor confia neles, no entanto, faltaram ao respeito deste. O professor, continuando a		
--	---	--	--

	confiar nos alunos, dá-lhes mais uma oportunidade. Acredito que com esta oportunidade não sejam capazes de repetir o sucedido (386). A opção D é a que me parece mais justa. Primeiro, porque já efetuou um pacto com os seus alunos e não pode voltar atrás, pois comprometeu-se; segundo, porque tem que respeitar a autoridade suprema; desta forma ajusta o acordo de forma a que seja justo e não infringe as regras (421). Eu acho que a opção B seja a melhor, uma vez que se podia obter um acordo entre professor-aluno. Com isso, bastava os alunos serem mais alertas, na medida em que passava a existir uma maior ligação e respeito entre a professora e os alunos (432). Eu escolhi esta opção, porque os alunos devem saber o que fizeram mal e assim serem lembrados algumas vezes pelo delegado de turma, antes de se tomar medidas mais drásticas (441). Tem que existir uma relação professor-alunos para as aulas correrem bem (492). Há que ter bom senso. O tempo de tolerância é uma medida importante tanto para alunos como para professores. Todos podem chegar atrasados pontualmente e não é necessário ser demasiado rígido, desde que as <u>pessoas não abusem. A</u>		
--	--	--	--

	medida não deve, por isso, ser retirada. É apenas necessário que os alunos não façam barulho que incomode a vice-diretora e outras pessoas (562). B – entrar numa “guerra” com os alunos nunca é boa opção. Os alunos têm de sentir confiança e justiça da parte do professor. Sem desrespeitar a vice-diretora, o professor deve manter a sua palavra e alertar os alunos para o fato de o terem de cumprir à risca (565). Se fez um acordo com os alunos deve cumpri-lo, no entanto estes também devem ser prudentes e não fazer barulho nem atrair muitas atenções, visto ser uma exceção a sua chegada 5 min. mais tarde (571). Eu escolhi a opção B, porque acho que a palavra de uma pessoa vale muito e o professor já tinha dito que havia uma tolerância de 5 min. Os alunos têm agora de ser razoáveis (640). Porque todos merecem uma 2ª oportunidade, e é sempre bom podermos contar com os professores (682).		
4. Motivo Económico (Vantagens e prejuízos; cálculo)			
Assim o acordo continua e os alunos não prejudicam as outras aulas porque não fazem barulho (9). Acho que deveriam sair 5 minutos mais cedo, porque nesses mesmos já	O professor tem de comunicar à professora o acordo que fez com os alunos, não podendo assim prejudicar os mesmos (3). Se as coisas forem bem feitas, o professor não será	Eu escolhi esta opção, pois é o melhor que o professor pode fazer para não se repetir a situação e, no máximo, não ser despedido. Penso que em qualquer trabalho que	

não estariam com atenção na aula. Mesmo que a professora repreendesse não adiantaria. Não deveria marcar faltas, porque fez um acordo e teria de cumpri-lo sem qualquer tipo de injustiças (15). Se o professor agir da maneira “D”, os alunos iriam concordar e chegar sempre dentro da tolerância dos 5 minutos, pois estariam motivados a sair mais cedo (52). Os alunos merecem (120). Penso que a resposta D. terá mais efeito, na medida em que dá algo em troca aos alunos, de forma a motivá-los para não fazerem barulho e entrarem a horas para as aulas (121). Assim, os alunos sentem-se motivados a ir à aula a horas (176). Seria bastante injusto que todos os alunos seriam prejudicados por meia dúzia de alunos a fazerem disparates nos corredores (210). Se todos cumprirem o acordo só ficam a ganhar (239). Porque assim pode ser que os alunos se esforcem para não fazer barulho, voltando tudo ao normal (268). O acordo foi feito e deve ser vantajoso para todos, logo deve continuar a haver acordo, mas de uma forma responsável. Se comunicasse à diretoria podiam acabar o sistema	apontado e melhorará o relacionamento com os alunos (334). Melhor maneira para resolver a situação para que todos fiquem satisfeitos. A vice-diretora toma conhecimento e, posto isto, fala com os alunos para que estes se portem melhor (416). A relação professor/aluno é muito importante para a sua produtividade. Se os professores tolerarem, por vezes, os atrasos, seria uma forma do aluno estar quieto e com atenção redobrada nas aulas (425).	realizamos é melhor obedecer às ordens dos superiores dentro do estabelecimento de trabalho, caso contrário, estaríamos a criar inimigos e confusões dentro do trabalho (68). A vice-diretora é que manda, por isso para o professor não pôr em risco a sua carreira obedece à vice-diretora (102). Claramente que os repreende e marca falta, porque são as ordens de uma pessoa com estatuto superior. Partindo do princípio que os alunos tinham 5 minutos de tolerância, deviam ir silenciosamente para a aula, se não o cumprem, a regra passa a perder o sentido. Está em jogo o trabalho de um professor, que pode ser despedido pelo simples fato de tolerar os alunos na entrada das aulas 5 minutos mais tarde. Depois dito obviamente que tem de explicar que os 5 minutos de tolerância acabaram (253). Se a vice-diretora mandou, o professor tem de obedecer, não sujeitando-se ao desemprego (275). É o seu emprego, tem que cumprir as regras (402).	
--	---	---	--

(280). Beneficia ambas as partes (310). Eu escolhi a B, porque a turma não deve ser sacrificada por causa de alguns alunos que fazem barulho, porque se esses alunos não se interessam pelo acordo que foi feito, estes deviam mudar de turma (318). A flexibilidade é algo essencial num professor. Visto ser um modo de cativar os alunos e fazê-los interessar pela aula. Quando assim, é natural que a decisão de acabar a aula mais cedo vai agradar aos alunos e vai manter a aula em ordem (354). Penso que, apesar das indicações da vice-diretora, o mais prudente seria proceder da mesma forma que antes, de modo a não desmotivar os alunos (375). Assim ninguém fica a perder, os alunos têm os seus 5 minutos e o professor não desrespeitou a ordem da vice-diretora (390). É uma boa maneira de manter os alunos felizes, porque alunos felizes com um professor de quem gostem, estão mais calados e atentos (494). O acordo mantém-se não prejudicando ninguém (499). Escolhi a D, mas o professor só irá fazer isso se os alunos se portarem bem e merecerem tal recompensa (519).			
--	--	--	--

O professor muitas vezes também se atrasa” (574). Pior do que perder o respeito do conselho diretivo é mesmo perder o respeito dos alunos, que lhe dificultarão a tarefa e estarão menos interessados no que tem para dizer, desobedecendo-lhe, etc. (602). Uma vez feito o acordo, não se pode voltar atrás, sendo que os 5 min. que beneficiariam no início da aula, beneficiarão no final (tendo desta forma tempo para fazerem o que quiserem) (650). Se fosse eu a professora, acabava com a tolerância, pois tinha perdido a confiança nos meus alunos. Porém, eu sou aluna, logo preferia que o acordo continuasse com o delegado a dizer quem fazia barulho. Por causa de um pagam os outros (719).			
5. Motivo Funcional (Direitos e deveres; institucional; formalidade; soberania)			
B, acordado está acordado, o professor devia ter-se informado antes de fazer o acordo com os alunos, agora a responsabilidade é dele e não pode prejudicar os alunos e voltar com a palavra atrás (36). Deve sempre haver um desconto para o caso de os alunos se atrasarem devido a um imprevisto. No entanto, estes devem ser responsáveis e fazer	A linha A. Poderia ter simplesmente continuado com o proceder de antes, mas o professor tem deveres a cumprir na escola, portanto nós também devemos cumprir por mais que se achem injustos se não prejudicamos o nosso professor e nós beneficiamos embora que seja este o objetivo (38). E – Porque o professor não vai faltar ao acordo que fez	C, pois o cargo de vice-diretora está acima do de professor, por isso o professor deverá cumprir as indicações que lhe são dadas (30). Porque é a função da professora repreendê-los e claro que vai fazer o que a vice-diretora mandar (31). Eu escolhi esta opção porque acho que é a mais correta, porque os	Em primeiro lugar, as regras gerais da escola devem ser respeitadas pelos alunos e pelo corpo docente, logo o professor nunca deveria ter feito tal acordo; quando os alunos foram apanhados pela vice-diretora da escola, o professor tem o dever de lhe

silêncio (238). Escolhi a opção B, porque acho que se pode desenvolver uma certa autonomia da parte de cada professor, desde que não se desrespeite o regulamento interno. Nem todos os alunos conseguem chegar na hora marcada por variadíssimas razões, por isso, deve haver uma tolerância, sem fazer barulho nos corredores, claro (272). Desta maneira, os alunos também podem ser responsabilizados, sem o professor necessitar de faltar com a sua palavra (305). Se o professor fez um acordo com os alunos, a vice-diretora só tem de o respeitar (313). A B, porque os alunos têm direito a chegar cinco minutos mais cedo, mas não deve fazer barulho no corredor (330). Os alunos têm direito a um período de tolerância (557).	com os alunos, é normal que a vice-diretora reclame, se esta não sabe do acordo, e para ficar tudo bem deve-se informá-la (49). Eu penso que a vice-diretora deveria ser informada sobre o acordo com os alunos para entender o professor. Apesar dos alunos que estavam a fazer barulho terem agido mal, o professor e os outros alunos que podem realmente precisar dessa tolerância têm o direito de a ter (53). Porque não é conveniente o professor ir contra as indicações da vice-diretora, pondo o seu posto de trabalho em risco. Por outro lado não é justo pôr o D.T. a tomar conta dos alunos, pois este não tem nada a ver com o acordo estabelecido no início do ano. E a opção que eu escolhi faz com que os alunos não se revoltam com o professor. Contudo, acho que no acordo deve estar estipulado que ao saírem os alunos não devem fazer barulho (56). Se o professor tinha um acordo com os alunos tem que se responsabilizar por isso. Mas a culpa não é dele. A tolerância serve para uma eventual necessidade que os alunos possam ter, não deviam estar no corredor a fazer barulho. Neste caso deviam ser responsabilizados. Em todo o caso o professor deve relatar à vice-diretora o acordo feito no início do ano (106).	alunos têm que cumprir as regras estabelecidas pela escola (57). Por muito que o professor não concorde com as indicações, deverá obedecer aos seus superiores (72). Por alguma razão há cargos de diferentes estatutos, logo os professores deveriam seguir indicações (77). Pois se os alunos não são capazes de cumprir as normas cívicas da escola muito menos serão capazes de cumprir o acordo (93). Se está estipulado na lei é para ser cumprido (118). Os alunos, quando toca, é sua obrigação entrarem para a sala de aula, para assim, evitar problemas, como a perturbação do normal funcionamento das aulas a decorrer nas outras salas (171). As ordens e regras é para cumprir (172). Porque os alunos devem ser disciplinados fora e dentro da sala (197). O diretor de turma deverá proceder de acordo com as indicações da vice-diretora, pois se este é funcionário da escola, tem que tomar medidas de acordo com as regras da direção da escola (248). Na minha opinião, o	revelar o acordo que fizera com os seus alunos, pedir desculpa e certificar-se de que tal não volta a acontecer (161). O estabelecimento tem regras, que deverão ser cumpridos por todos os professores e alunos (342). A. É dever dos alunos respeitarem as regras da escola e dever do professor fazer cumprir essas regras. O professor tem de agir de acordo com aquilo que é pedido pela ordem superior, mesmo que não esteja de acordo, pois regra é regra e tem de ser igual para todos, senão todos fazem o mesmo e o funcionamento da escola seria abalado pelas pessoas em decidirem criar as suas próprias regras” (396). Eu optei pela escolha da opção C, pois, apesar do acordo feito entre os alunos e o professor, as regras da escola prevalecem sobre o acordo feito e como tal devem-se cumprir as ordens dadas pela
---	--	---	---

	Convém sempre informar a direção da escola dos acordos que fazem com os alunos, de modo a que o professor e o membro da direção não mostrem desautoridade perante os alunos (128). E, porque se o professor fez um acordo com os alunos, agora tem de se responsabilizar (178). O professor podia explicar à vice-diretora o acordo que tinha feito com os alunos e talvez ela o aceitasse, o professor teria de cumprir as indicações da vice-diretora (181). Acho que é a opção E, porque o professor deve comunicar tudo à vice-diretora (190). Deverá relatar à vice-diretora o acordo que fizera com os alunos, porque apesar da vice-diretora ser soberana, o professor fez um acordo com os seus alunos e assim deverá consultar a vice-diretora, para esta aprovar, ou não, o mesmo acordo (212). Não se deve quebrar a confiança entre alunos e professores (281). Neste caso, o melhor seria o professor explicar à vice-diretora o acordo que havia feito com os alunos para não deixar que estes fossem penalizados por algo que era da responsabilidade das duas partes: professor e aluno (302). A relação que os alunos e professores têm não passa pela vice-diretora, se não	professor deve proceder de acordo com as indicações da vice-diretora, uma vez que esta representa um grau de hierarquia superior ao seu. O acordo feito com o professor não foi respeitado da primeira vez e, no decorrer desta situação, não devem ser concedidas mais oportunidades aos alunos (252). A melhor opção é a A, pois esta é a única forma dos alunos serem obedientes: ordem de vice-diretora que os impede de estarem a perturbar outros estando no corredor e os disciplina pelo fato de terem obrigação de chegar a horas (277). Se o professor dá liberdade aos alunos eles devem agir de forma responsável (288). A vice-diretora da escola é um ser superior à professora, logo, neste caso, a professora só tem de seguir as regras. A repreensão já foi feita pela vice-diretora, então a professora não iria ser precisa para repreender os alunos (301). Faz parte do regulamento da escola ser pontual (331). Em relação a atrasos, acho que devem ser corrigidos da forma mais rígida possível. A existência de faltas e o	vice-diretora (417). Porque há normas a cumprir e todos têm de ser tratados de igual forma (638). As regras foram feitas para serem cumpridas por todos. Apesar do acordo feito com os alunos, o professor desrespeitou as regras" (646). Escolhi a A, pois a vice-diretora é superior ao professor e além disso tem de pensar em todos os alunos. Visto que perturbavam as outras aulas devido ao barulho, o professor só tem de entender e agir de acordo com o que a vice-diretora diz (649).
--	---	--	--

	for uma coisa grave, embora seja uma regra da escola “não chegar atrasado”. 5 minutos não é nada, visto que é acordo entre alunos-professor (353). O professor tem obrigação de relatar à vice-diretora, porque ela é quem manda mais na escola, depois do Presidente (356). Porque deve ter a vice-diretora a par das situações importantes (451). A hipótese que escolhi foi a E, visto que ao relatar o acordo que fez com os seus alunos, pode ser que se torne geral para a escola e não omite, podendo meter em risco o seu trabalho; e após explicar o acordo, logo vê o que a vice-diretora diz, se não aceitar, aí terá de cumprir as ordens (530). A vice-diretora como órgão superior, a professora, tinha de tomar conhecimento do devido acordo. O resultado seria discutido e apresentado perante os alunos (536). O professor deve justificar à vice-diretora a razão pela qual os alunos ainda não estavam na aula, referindo que não seria justo marcar falta aos alunos, uma vez que tinha sido um acordo entre estes e ele. No entanto, compreendia a posição da vice-diretora, garantindo que a situação não voltaria a acontecer, pois a hora de entrada voltava a ser a mesma das outras turmas (sem 5 minutos de tolerância) (567).	chumbo por faltas em demasia, penso que é a melhor forma de “acordar” os alunos para este fato, pois sem um sistema com consequências os alunos continuarão a agir inconscientemente. Não discordo dos 5 min. de tolerância, mas para que haja pontualidade tem que haver algo que faça os alunos apressarem-se para chegar às aulas (chumbo por faltas injustificadas) (418). Antes de mais, dado que a vice-diretora encontra-se num estatuto acima do professor, deve e pode repreender os alunos. Deste modo, o professor tem que cumprir com as ordens e regras da escola, nomeadamente da vice-diretora. O professor não tem o direito de repreender os alunos, pois tinha anteriormente estabelecido um acordo com os mesmos de poderem chegar 5 minutos mais tarde. Esta situação envolveria, muito provavelmente, barulho por parte dos alunos nos corredores após o toque de entrada para as respetivas aulas, logo, seria injusto repreendê-los (419). A vice-diretora como membro superior ao professor é que faz as regras, não podendo este quebrar as mesmas (570).	
--	--	---	--

	A escolha da hipótese B deve-se ao fato de esta ser a que, garantindo a relação de confiança que existe entre professor e alunos, evita problemas de ordem institucional ou funcional (589). Se o professor fez um acordo com a turma relativamente ao fato de existir tolerância de 5 minutos, esta situação deve ser comunicada à vice-diretora, de forma a ser encontrada uma solução que não prejudique os alunos (655).	Penso que a opção mais acertada será que o professor respeite as regras e se a entrada na sala é a uma determinada hora, os alunos têm de cumprir e não deverá haver qualquer tipo de acordos entre o professor e os alunos (590). C – cumprimento das medidas tomadas pelos órgãos/autoridades superiores ou vigentes (593). Se existem regras explícitas sobre o assunto, o professor deve anular o acordo e cumpri-las. Caso contrário, as regras não existiriam (595). É esta a minha opinião, pois em qualquer sítio que nós trabalhemos haverá sempre regras a cumprir e é nosso dever respeitar e cumprir essas regras, se bem que a ideia do professor não foi de todo uma má ideia (660).	
--	--	--	--

Matriz 3. Matriz das justificações do cenário 5)			
Bens gramaticais			
<u>1. Bem da liberdade</u>	<u>2. Bem da confiança</u>	<u>3. Bem da disciplina</u>	<u>4. Bem do coletivo</u>
(linguagem dos direitos) (separação funcional entre a vida e o trabalho pela competência)	(Regime de proximidade) (necessidade de uma justificação) (sem a necessidade de um regulamento)	(Dimensão institucional e económica; Coordenação)	(Dimensão política)
1. Motivo da Coação			
Porque assim mais ninguém voltaria a fazer o mesmo, os responsáveis eram punidos e outras pessoas ainda poderiam aproveitar as redes sociais (88). A página do Facebook de cada um é algo privado, como tal, não estou de acordo com o regulamento. Por outro lado, os autores das páginas onde foram feitos comentários sobre a empresa devem ter consciência de que estão a denegrir a imagem da mesma e que, como tal, podem sofrer represálias (258). Frequentemente pelas ações de uns pagam todos e essa não é a medida mais justa. Assim, embora pense que devem proibir comentários desta natureza num local que toda a gente pode aceder, deve primeiramente repreender os trabalhadores em causa (289).		O novo regulamento vai impedir que este tipo de situação aconteça de novo (54). Parte de cada um as atitudes que pratica e as razões que o levam a fazer, tendo que ser por isso responsabilizados. Quando um trabalhador, por motivo algum põe em causa o nome da empresa, acho que é razão para despedimento (64). B. Pois cada ser é responsável pelos seus atos, devendo a empresa ou não tomar medidas sobre estes (93). Os trabalhadores devem é estar calados, pois quem manda é o patrão (139). A nova regra foi bem aplicada, pois apesar de ser uma coisa que parta do bom senso e da responsabilidade de cada um, esta situação vem provar que nem sempre se pode depositar total	Estou plenamente com a atitude da direção da empresa. Um grupo de trabalhadores ao fazer este tipo de “brincadeiras” sobre a empresa está a “sujar” o seu nome e como é óbvio os trabalhadores não tiveram essa noção ao fazerem os comentários. Uma reunião com todos talvez tenha sido bom, pois assim nenhum outro trabalhador se atreverá a repetir a situação (163).

A empresa não pode violar a liberdade de expressão dos seus trabalhadores. Se alguns faltam ao respeito da instituição, e se os dirigentes acharem apropriado, os responsáveis devem ser punidos (305).		confiança nas pessoas. No entanto, os trabalhadores em causa deveriam ter sido repreendidos de forma a tomarem consciência de que foram eles que geraram esta situação (300). Os trabalhadores podem ter uma opinião crítica, porém não as deverão expor numa rede social, pois assim estarão a denegrir a imagem da empresa; estão a ser bastante incorretos e, quanto a mim, merecem advertências. Hoje em dia há muita procura de trabalho, por isso quem está mal e não sabe ser profissional tem que sofrer as consequências (316). Se os trabalhadores não se sabem controlar há que tomar medidas drásticas (404).	
2. Motivo Moral			
Penso que cada pessoa tem liberdade para dizer o que pensa, desde que não prejudique ninguém (153). O novo regulamento está a ir contra o livre arbítrio dos trabalhadores em causa (211).	Na minha opinião não era necessário impor o regulamento. Contudo, escrever comentários que possam prejudicar a empresa é um mau ato, mas parte do bom senso de cada um. Eu penso que o diretor da empresa poderia falar com eles e pedir para não fazerem comentários desses (6). Eu acho que surgir um regulamento que “proibia todos os trabalhadores de fazerem comentários de natureza pessoal” não é algo que seja correto, já	Não está correto falar mal de uma empresa que nos contratou, por muito mal que nos tenha corrido o dia de trabalho; se nos chateamos com o nosso chefe, não é algo que se deva publicar numa rede social onde qualquer pessoa pode ver (13). Acho que a direção da empresa não tem o direito de proibir os trabalhadores de fazerem aqueles comentários, mas também eles não o	Deve-se respeitar a empresa, expô-la dessa maneira é errado (22). A – Pois ao trabalharmos num sítio e darmos a cara por ele temos de ter o mínimo respeito, até mesmo ao nosso patrão (49). Penso que as pessoas deveriam ter consciência da gravidade das palavras e da forma como podem ser interpretadas, pois

	que, um adulto já tem noção do que deve ou não fazer, ou seja, se é contra a ética escrever mal sobre o seu emprego ele não o fará. Não deve haver como uma “lei”, já que não se está a lidar com crianças inexperientes, mas sim com adultos que trabalham e que têm responsabilidade (315).	deveriam ter feito, pois estão a pôr a imagem da instituição em causa e mostram uma falta de responsabilidade e de carácter ao comentarem numa rede social e não o terem feito entre si (185). Porque nem todos os trabalhadores daquela empresa têm culpa (249). Cada um tem o direito de se exprimir, no entanto, se quer falar mal da empresa em que trabalha, que se demita primeiro. Caso contrário, está simplesmente a ser hipócrita (392). E- 1º porque o <i>Facebook</i> é horrível e eu nunca vou querer ter. 2º porque por causa de uns pagam os outros. 3º mas acho que é muito feio falar mal das outras pessoas por trás sem elas saberem (525).	isto poderia manchar a reputação da empresa (73). Eu acho que todos os trabalhadores têm que ter respeito, com quem trabalham e pela instituição onde estão inseridos, deste modo se estes não respeitam um destes parâmetros de forma natural, alguém tem de fazer alguma coisa (92).
3. Motivo Pragmático-conciliatório			
Eu acho que cada um tem de ter bom senso e responsabilidade (2). Não concordo, pois acho que cada um tem liberdade de expressão, porém os trabalhadores devem ser responsáveis e ter consciência das consequências dos seus atos para a empresa (4). A opção mais acertada é a B, pois cada um sabe o que faz, depende de	Embora não seja correto escrever opiniões pessoais sobre a empresa, essa é uma responsabilidade de cada um. Caso se torne mais grave, penso que a empresa deve falar com esse trabalhador, explicando-lhe a situação (16). Acho a E a melhor, pois só assim os trabalhadores irão entender que não	Os trabalhadores não devem fazer comentários que possam afetar o bom funcionamento da empresa (39). A publicação de opiniões pessoais sobre terceiros em redes sociais deve ser algo feito com muito cuidado, pois pode afetar gravemente a sua imagem. Assim, acho que todos	É para o bem dos trabalhadores (11). Concordo que não se deva escrever opiniões pessoais numa rede social tão ampla como o FACEBOOK, para além de deixar outras pessoas a pensar mal dos serviços da empresa. Penso também que essas conversas devem ser em

cada um de nós o que fazemos ou não fazemos; no entanto, a empresa não nos poderia tirar a liberdade de dar opiniões do que nos apetece. No entanto, não poderia rejeitar as opções C e D (14). Esta opção é a melhor, pois cada um sabe de si, cada sabe se quer ou não quer pôr mensagens, no meu ver não irão prejudicar a imagem da empresa (50). Penso que primeiro a direção da empresa deveria falar primeiro com os autores dos primeiros comentários para saber o que os levou a fazer aquele tipo de crítica. Mas é claro que cada um é que deve ter bom senso e responsabilidade quando escreve esse tipo de coisas numa rede social onde todo o mundo pode ver, mas apesar disso a empresa não devia interferir nesse tipo de liberdade, mas aproveitar para melhorar se as críticas e os comentários forem construtivos (53). Esse grupo de trabalhadores tem o direito de comunicar entre si, mesmo que seja tratando mensagens críticas relativamente a um conjunto de ações da empresa, isto porque cada um tem liberdade de criticar, que é um modo de ajudar a uma provável melhoria da empresa e comentar sobre a empresa que está (96).	fizeram o mais correto (23). Penso que se os trabalhadores querem criticar ou comentar o trabalho da direção deveriam tê-lo feito pessoalmente, mas como não foi o caso acho que a empresa deveria ter falado primeiro com os trabalhadores em questão, em vez de impor um regulamento para todos (25). Acho que seria mais fácil falar com os trabalhadores e explicá-lhes a situação antes de aplicar uma medida tão dramática, apesar de concordar que é incorreto publicar coisas sobre a empresa na Internet sem autorização (27). E, acho que antes de se tomar uma decisão, a empresa deveria ter falado com os trabalhadores para justificar o novo regulamento (30). Na minha opinião essa é a mais correta, pois é uma empresa, vários trabalhadores sendo a direção que manda, mas deviam ter primeiro uma conversa, tentar perceber o que se passou ou se passa e só depois tomar as atitudes, impondo novas regras se assim for necessário (34). É óbvio que é incorreto estar a criticar a empresa, pois claro que fica posto em causa a empresa toda. Mas, ao mesmo tempo é preciso primeiro falar com os	devemos ter bom senso para que nos apercebamos quando aquilo que publicamos é perigoso para os abordados (42). A instituição pode ser posta em causa, sendo prejudicada. Portanto, a melhor solução é o regulamento, que não permite esta situação, a não ser que a situação comentada seja de fato grave (60). Concordo porque se há algum problema e se os trabalhadores não estão satisfeitos têm uma solução que é falar com os elementos da direção e exporem as suas críticas para melhorar o bom funcionamento da empresa (157). Antes de agirmos e criticarmos algo que não nos agrada, devemos sempre pensar com quem estamos a conversar e principalmente ter especial atenção ao tipo de vocabulário (219). Não escolhi a opção E, porque trata-se de um problema de adultos e não de falar à parte para repreender. Embora pense que isso se deva fazer, também neste tipo de situações, acho que regra geral da empresa é não colocar a sua imagem em causa, assim poderá ele também sair prejudicado. Estou dividida, acho que a direção não pode mandar na vida pessoal	privado e não numa rede social onde toda a gente as pode ver (58). Para mim, o mais correto seria a B, sendo que cada um deve ter a sua liberdade, mas é preciso ter a noção do que se deve ou não dizer e o que irá afetar direta ou indiretamente a empresa onde trabalhamos, pois fazemos parte da mesma e devemos zelar por ela, por mais que haja maus procedimentos por parte da direção (98). Se fizermos parte de uma empresa devemos sempre “vestir a camisola da equipa”, ou seja, não devemos criticar publicamente as atitudes ou críticas da empresa (165). Os trabalhadores como parte integrante da empresa devem defender a sua imagem. Os aspetos com que não estão de acordo devem ser discutidos dentro da empresa e não no mundo exterior (168). A, concordo com o novo regulamento, porque ninguém deve saber da situação da empresa e muito menos em redes sociais (213). Não têm de falar da empresa num local
---	--	---	---

Concordo, porque se há algum problema e se os trabalhadores não estão satisfeitos têm uma solução que é falar com os elementos da direção e exporem as suas críticas para melhorar o funcionamento da empresa (158). Claro, e acho uma falta de profissionalismo, que não se deve escrever opiniões pessoais, pois dá, ou pode dar uma má imagem da empresa. Contudo é por isso que existe a liberdade de expressão, cada um diz o que pensa consoante o seu bom senso e responsabilidade (159). Concordo com o novo regulamento, pois há opiniões que podem prejudicar a imagem da empresa, mas penso que cabe a cada um aquilo que deve ou não dizer, por uma questão de liberdade (166). Não é correto o novo regulamento, pois acaba por controlar, de certa forma, uma parte da vida pessoal dos trabalhadores (187). Escolhi a C, porque cada um tem cabeça para pensar e saber o que faz ou diz está correto ou não (265). Como a própria opção diz, o bom senso e a educação que o indivíduo recebe, devem estar presentes nas suas atitudes e é óbvio que os assuntos de uma empresa são importantes e particulares, sem	trabalhadores e explicar a situação, para que não aconteça o mesmo e não proibir logo o uso da rede social (46). Eu acho que seria muito melhor falar com os trabalhadores em causa, porque podia ser que estes mudassem a sua atitude sem que fosse preciso existir um regulamento (48). Realmente estar a falar numa rede social de questões associadas ao seu local de trabalho é errado, mas a direção da empresa deveria falar com os trabalhadores para saber porque é que fizeram isso e se ocorresse novamente, aí sim, aplicavam um novo regulamento (61). Porque uma pessoa não deve tomar atitudes sem saber o que realmente se passa e quais foram as intenções dos trabalhadores em causa (85). E, concordo, porque os comentários poderiam colocar a imagem da empresa em causa, a empresa devia explicar isto aos trabalhadores (107). Considero que esta é a posição mais sensata, pois antes da empresa tomar qualquer decisão devia preocupar-se em saber quais os fundamentos dessas opiniões (108). A opção E parece-me a mais correta, uma vez que os trabalhadores que não fizeram ações	deles, pois eles é que devem ter bom senso, mas partimos desde o início que hoje em dia não há bom senso em quase ninguém (394). A. Os funcionários devem respeitar as decisões da direção independentemente de acharem bem ou mal, apesar de terem liberdade de expressão, devem ter cuidado com os comentários e as pessoas com quem comentam, por isso é evitar o máximo de expor na rede social, até porque poderá pôr em causa a imagem da empresa. Terão de ter noção que uma coisa é comentar com um grupo de pessoas próximas e outra coisa é expor os comentários na Internet onde andam muitas pessoas (conhecidas ou não) poderão ter acesso. Portanto, o novo regulamento deve ser respeitado (396). Devemos saber até que limites havemos de ir e falar de assuntos de uma empresa que são confidenciais não é correto (520).	público (214). A liberdade de expressão não pode pôr em causa a imagem da instituição (224). Não se deve escrever opiniões pessoais sobre a empresa, pois passa uma má imagem dos colaboradores (243). Quando se trabalha numa empresa, trabalha-se para um “todo”; logo esse “todo” é a nossa prioridade no trabalho e não devemos denegrir a sua imagem (245). É a mais correta pela própria justificação que apresenta: pode “manchar” o nome da empresa e, eventualmente, começar a criar grupos dentro do mesmo, o que seria indesejável (259). É preciso “vestir a camisola”, para manifestar opiniões pessoais não deverá ser em públicas redes sociais” (395). E. A imagem da empresa pode ficar manchada por este tipo de acontecimentos. Por isso deve haver bom senso da parte dos trabalhadores nestas questões. A direção devia alertar os trabalhadores para este facto dando exemplos de quais as consequências! Não
---	---	---	--

esconder nada a ninguém, deve-se ter cuidado com as afirmações que se fazem (421). A direção não pode oprimir a opinião das pessoas, mesmo sendo trabalhadores da sua empresa. Têm direito à sua opinião e dizerem o que pensam. Sendo que os trabalhadores têm de assumir aquilo que dizem (488). Acho que cada um tem de ter responsabilidade naquilo que escreve. A diretora deve penas alertar sobre as consequências dessa exposição de críticas ao público, e depois cada um escolhe continuar ou não (522).	incorretas não têm de ser repreendidos por isso. Penso que após a direção da empresa falar com quem cometeu o erro (dar opiniões pessoais sobre a empresa e os seus agentes) e só depois fazer um aviso geral aos outros trabalhadores, para que não façam o mesmo (109). Em 1º lugar acho que foi uma má atitude dos trabalhadores terem escrito comentários referentes a assuntos da empresa no Facebook, e em 2º lugar penso que antes de uma reunião geral, os diretores da empresa deveriam ter averiguado melhor a situação, e se necessário, mais tarde existiria a tal reunião (110). Na minha opinião a resposta E é a mais adequada, pois apelar ao bom senso de cada um teria mais efeito do que proibir as pessoas de expressar a sua opinião (121). Penso que os trabalhadores ao escreverem opiniões pessoais em relação à empresa podem pôr em causa a imagem desta, por isso não concordo que devam escrever essas coisas e por isso mesmo a direção devia ter falado com os responsáveis em particular para que cada um diga o que pensa e assim se resolvam os problemas (130). Penso que se os trabalhadores		devem apresentar este novo regulamento como sendo uma obrigação (ditadura), mas como sendo o melhor para todos e consequentemente o melhor para a empresa (565).
---	--	--	---

	estivessem agradados com a direção não fariam comentários negativos no <i>Facebook</i>, logo penso que a direção não tem o direito de fazer um regulamento, mas deviam sim falar com os trabalhadores, para que estes não tenham críticas a fazer (131). Acho que se têm alguma reclamação a fazer dizem pessoalmente e não publicando frases que ponham em risco a empresa (156). O trabalhador não deveria escrever as opiniões pessoais, mas a direção deveria tentar ajudar os trabalhadores, para que estes não tenham de escrever opiniões pessoais no <i>Facebook</i> (169). Porque se a direção não queria que fossem publicados comentários pessoais sobre a empresa, tinham de ter avisado antes, eles não podem adivinhar (179). Eles não deviam escrever opiniões sobre a empresa, mas a culpa é da direção da empresa que não lhes disse (241). E, a direção geral da empresa deveria tentar falar com os trabalhadores e tentar perceber o que se passava ao ponto de haver críticas e tentarem entrar num consenso (247). Na minha opinião estar a martirizar uma empresa nas redes sociais é um tanto ridículo. Deve-se		
--	--	--	--

	aconselhar ou explicar aos amigos que a empresa não é boa, mostrando os fatos; mas explicar que não é boa do <i>Facebook</i> leva a que várias pessoas possam ver essa informação contribuindo para uma opinião negativa face à empresa (253). Eu concordo com a E, porque não se deve escrever opiniões pessoais sobre a empresa, porque pode dar mau aspeto à mesma, mas a direção da empresa deveria ter falado primeiro com os trabalhadores, porque senão os trabalhadores não podem confiar na direção (318). Era preciso avisar os trabalhadores antes de que não deviam escrever sobre a empresa (380). A liberdade de expressão já foi imposta na sociedade há muitos anos. Como tal, temos o direito de nos expressar e dizer e pensar o que achamos correto ou incorreto. Porém, quando se trata de uma instituição, nomeadamente de uma empresa, temos de ter em conta a imagem que passaríamos da tal ao partilhar tais comentários numa rede social. Contudo, a direção da empresa deveria primeiramente abordar os trabalhadores para que estes fossem contidos nas suas opiniões (419). A empresa deveria ter falado com os seus		
--	---	--	--

	trabalhadores primeiro, expondo-lhes o caso e razões que levariam à escolha do novo regulamento (439). Para respeitar a opinião das pessoas (453). Deveria primeiro falar com os trabalhadores individualmente e só depois aplicar novas regras. Os trabalhadores não deviam comprometer a imagem da empresa (459). O diretor devia falar com os trabalhadores em causa para eles mudarem de atitude e explicar-lhes a gravidade da situação, ou fazer um ultimato (524). A responsabilidade é dos trabalhadores, logo não tem de haver regras. No entanto, a direção deve chamar a atenção aos trabalhadores (554).		
4. Motivo Económico			
Os trabalhadores têm direito a exprimir aquilo que sentem em relação à empresa. Se a empresa não proibisse, mas crescesse com as críticas feitas, talvez os seus trabalhadores tivessem mais contentes no trabalho, o que significa uma maior e melhor produção (103).	A direção em vez de ter falado com todos os trabalhadores, não, só falava com os trabalhadores que tinham posto o comunicado no Facebook (35). Apesar de achar errado escrever opiniões pessoais sobre a empresa (se puserem em causa o seu nome) acho que deveria ter sido comunicado aos trabalhadores, visto que nem todos dão uma imagem negativa da empresa (72).	Porque se quiser manter o meu trabalho devo tentar não falar mal da empresa onde trabalho (256).	Uns simples comentários podem destruir a imagem da empresa e além disso os trabalhadores podem ser despedidos (32). Concordo, A – porque assim estaria a prejudicar a imagem da empresa a mim mesma, pois, como trabalhador da mesma deveria velar para que a empresa seja bem vista, pois, uma vez que ela vai à falência, eu seria

			uma das prejudicadas (38). Ao pôr a imagem da empresa em risco, os trabalhadores estão a pôr em risco o próprio emprego. Além de que, ao serem pagos pela empresa devem fazer os possíveis para a meterem com uma boa imagem: a empresa não lhes paga para a andarem a difamar (59). Concordo com o regulamento, porque uma pessoa ao colocar opiniões, embora sejam pessoais, sobre a empresa em que trabalha irá estar a pôr em “cheque” a sua própria empresa e o seu próprio trabalho (89). As nossas opiniões pessoais não devem afetar aquilo para a qual trabalhamos, neste caso, os trabalhadores dessa empresa não devem colocar a imagem da empresa em risco, pois pode consequentemente afetar os lucros da mesma (225). Porque a empresa não é um local para brincadeiras, é um posto de produção e de rendimento e como tal devemos ter atenção ao que fazemos (306). Penso que os trabalhadores deviam ser
--	--	--	--

			informados disso para assim não porem a empresa em risco (321).
5. Motivo Funcional			
B, porque cada pessoa tem direito de exprimir-se, mesmo sabendo que está a por em causa o nome da empresa (8). Apesar de não ser correto, cada um pode dizer o que pensa (9). Porque assim não há liberdade de expressão (12). Acho que nesta situação eu não colocaria assuntos da empresa numa rede social, muito menos a criticar algo ou alguém. Acho que isso não se deve fazer e além do mais trabalho é trabalho e vida pessoal é vida pessoal. Não devemos dar importância a pessoas que achamos que não merecem (15). O trabalhador tem o direito a expressar os seus problemas, embora o <i>Facebook</i> não seja o local indicado (17). Todas as pessoas têm o direito de terem uma opinião (24). D, a empresa não tem nada a ver com o que os trabalhadores fazem na sua vida pessoal e não tem qualquer direito em repreender os trabalhadores que deram a sua opinião pessoal no <i>Facebook</i> ou noutro sítio	Eu acho mal falar de alguém “nas costas”, por isso concordo com o novo regulamento, embora penso que, em qualquer instituição de trabalho, antes de se tomar qualquer decisão, deve-se comunicar primeiro às pessoas da instituição e perguntarem se concordam ou não (68). Decerto os trabalhadores teriam uma boa justificação para o que fizeram, e tinham o direito de se defenderem (146). Concordo que a empresa tivesse convocado uma reunião com esse grupo de trabalhadores que fez publicações no <i>Facebook</i>, para tentar entender os seus pontos de vista e o motivo para essas ações públicas, e depois alertá-los para que tal não voltasse a acontecer (270).	Não concordo com a circulação de mensagens onde uma empresa que emprega os mesmos autores saia prejudicada. O problema deve ser discutido diretamente com as pessoas responsáveis. A comunicação entre os superiores e os responsáveis pode vir a resolver os problemas que despertam a necessidade de serem publicadas (1). A) Porque assuntos de trabalho não são para ser discutidos no <i>Facebook</i>, mas sim na própria empresa organizando uma reunião (43). É necessário separar o trabalho da vida pessoal, se a situação não agrada o trabalhador, este deve comunicá-lo à direção (69). Acho que cada um tem de pensar antes de agir para poder ser alguém. Se têm alguma coisa a dizer que diga a quem tem de ouvir (74). Acho que cada trabalhador deve ter bom senso e responsabilidade para assumir as consequências que advenham da opinião	Resposta D. Acho que a postura no trabalho e as opiniões pessoais são separadas tal como a opção D refere. Se fazemos um comentário no <i>Facebook</i> é a nossa opinião pessoal. Mesmo que seja uma apreciação negativa, a pessoa que a faz tem como obrigação fazer com que as suas opiniões pessoais não interfiram no trabalho (5). Escolhi esta opção, pois a instituição em causa pode ficar com uma má imagem e o comportamento pessoal não deve ser misturado com o trabalho (83). Concordo com o regulamento, pois cada pessoa pensa o que quer sobre a empresa, o que não dá o direito de escrever no <i>Facebook</i> ou outra rede social o que se pensa (100). Concordo com o novo regulamento, pois ao meter em causa a imagem da empresa tanto prejudica a empresa como todos os seus trabalhadores. Se

qualquer. Acho absurda a atitude da direção da empresa (36). Uma pessoa que dê a sua opinião, outros estão no direito de concordarem ou não, além disso, uma pessoa tem o direito de se exprimir desde que, claro, no seu trabalho faça o seu dever (37). As pessoas (são capazes) podem falar sobre o que quiserem, desde que no emprego continuem a cumprir as suas funções normalmente (47). Até porque as críticas eram feitas apenas entre elementos da própria empresa. O novo regulamento não iria adiantar de nada, os trabalhadores muito provavelmente continuariam a fazer críticas fora da rede social. E sobretudo se forem trabalhadores competentes, sabem separar os dois lados (56). Existe a chamada liberdade de expressão que faz parte dos direitos humanos (70). Penso que somos livres de pensar o que quisermos desde que trabalhemos bem (82). A liberdade de expressão não pode ser desrespeitada. Uma coisa é a opinião pessoal, outra é de trabalho (84). Uma pessoa quando está na empresa a trabalhar não vai estar ao mesmo tempo no <i>Facebook</i>. Se a pessoa tivesse feito o		que partilhou sobre a empresa, sendo somente este chamado para prestar declarações sobre o que publicou no <i>Facebook</i> (132). Sendo que a empresa é uma instituição que tem como qualidade dar a pensar que é correta e organizada, não deveria ter aspetos pessoais da empresa em redes sociais, existem outras maneiras de discutir problemas, marcando reuniões ou falando por telefone (151). A opinião das pessoas não tem de estar publicada num site público, mas sim diretamente dita ao diretor (216). Na minha opinião, a liberdade de expressão não deve ser punida, no entanto, cada um deve aceitar as consequências do que diz, ainda por cima em redes sociais. Os trabalhadores puseram em causa o nome da instituição, pelo que uma medida mais correta destes era falar primeiro com a direção (246). O novo regulamento não deveria ser aplicado, pois interfere com a liberdade de expressão individual. Contudo enquanto trabalhadores de uma conhecida instituição, estes deveriam ser mais prudentes e não difamar a empresa publicamente. Queixas	quiser deixar alguma opinião pessoal sobre os métodos de trabalho da empresa desloco-me à direção e aí deixo a minha opinião (248). Seria mais justa a opção E, porque enquanto se está no local de trabalho nunca se deveria interferir com as suas opiniões pessoais, pois enquanto trabalhador, deve agir como tal e não como um cidadão comum (518).
---	--	--	--

comentário fora da hora do trabalho, já não haveria problema, pois a empresa não tem nada a ver com a vida pessoal da pessoa (90). Se uma empresa tem algo de mau ou algo de bom que influencia os trabalhadores, estes podem conversar sobre isso e dar a sua opinião. A imagem da empresa pode correr perigo, mas a empresa tem de estar sujeita a este tipo de comportamentos. Se algo acontece lá, os trabalhadores podem e devem dar a sua opinião, mesmo que isso ponha em causa a empresa. A empresa não pode querer fingir algo que não é (117). Nenhuma empresa, nem nenhuma entidade pode proibir a liberdade de expressão (119). Acho que cada um como cidadão é livre de escrever o que quer, mas sendo responsável enquanto o faz (183). Qualquer pessoa tem direito a ter a sua opinião pessoal e isso não coloca em causa o seu profissionalismo (374). Na minha opinião cada um sabe de si e, como tal, se não vir qualquer problema em escrever opiniões pessoais sobre a empresa, pode fazê-lo. A empresa não deve, portanto, intervir no assunto (375). Todos temos direito à nossa opinião e temos		relativas ao funcionamento da instituição devem ser tratadas internamente (436). Concordo plenamente que o novo regulamento exista, pois quando trabalhamos para uma instituição, não podemos de forma alguma escrever opiniões pessoais numa rede social, o qual todos têm acesso. É uma falta de profissionalismo e de privacidade da própria pessoa. A nossa opinião tem de ser explícita e temos o direito de a comunicar aos outros, mas não dessa forma (437). Escolhi a E, pois penso que temos de distinguir o trabalho que nos propuseram da nossa opinião própria, devemos algum respeito a quem nos dá o salário ao fim do mês, se algo não estava bem deviam ter falado com a direção da empresa para explicar o que não concordavam (519).	
---	--	--	--

direito a expô-la perante os nossos amigos ou colegas, penso que isso não afeta o meu desempenho enquanto trabalhadores (384). Apesar das ações dos funcionários não serem as mais eticamente corretas, está claro que o direito de expressão é superior a tudo isto (385). Cada pessoa é responsável pelos seus atos. Apesar da atitude dos trabalhadores não ser a mais correta, estes têm direito à sua própria opinião pessoal na qual o trabalho não tem o direito de interferir. Fora da empresa cada um vive a sua vida e age como acha que deve agir (389). Eu também não gosto dos professores e dentro da sala de aula eu não os trato mal, trato com respeito, mas obviamente que digo mal deles ao meu grupo de amigos. Nós não somos obrigados a gostar de uma certa pessoa ou local, apenas devemos respeitar (390). O Facebook é uma coisa privada, ou seja, não tem nada haver com o emprego ou a empresa (405). A direção não pode oprimir a opinião das pessoas, mesmo sendo trabalhadores da sua empresa, têm direito à sua opinião e dizerem o que pensam. Sendo que os trabalhadores têm de assumir aquilo que dizem (488).			
--	--	--	--

Porque se não pudéssemos dar opiniões pessoais, mesmo a dizer mal, voltávamos à época de Salazar e desde que no trabalho não diga nada então está tudo bem (489). Apesar de ser incorreto os trabalhadores têm direito à liberdade de expressão (495). Muitas vezes não gostamos de várias coisas à nossa volta, mas não é por isso que deixamos de fazer o nosso trabalho bem feito, havemos de ter sempre a nossa opinião, logo podemos dar onde quisermos, mas ao mesmo tempo temos de ter o nosso trabalho bem feito, para que não haja coisas contra nós (503). A empresa deve saber separar o âmbito pessoal do profissional (570).			
---	--	--	--

Matriz 4. Matriz das justificações do cenário 7			
Bens gramaticais			
1. <u>Gramática da separação</u>	2. <u>Gramática da integração</u>	3. <u>Gramática da universalidade</u> (Igualdade)	4. <u>Gramática da cooperação</u> (diversidade)
1. Motivo da Coação			
A, eu mesma já fui alvo de conflitos com ciganos, mas nunca tive nenhum na turma, porém, com relatos que ouvi de amigos posso dizer que eles perturbam bastante as aulas e dão um ambiente algo negro à sala de aula. Deverão ser todos postos na mesma turma para que isso não aconteça, mas nunca limitar o espaço escolar, pois não deixam de ser seres humanos, deverão então reforçar a vigilância da escola (36). A união faz a força (154). Deve haver por parte da escola um plano de sensibilização e se não forem aceites ou se provocarem distúrbios na escola (que é o mais natural por parte do povo cigano) devem ser expulsos da escola (319). Opção A. Deste modo o problema é localizado e eventuais medidas são aplicadas de modo mais simples (340).	Os alunos de etnia cigana deviam ser separados em várias turmas para assim obrigar/facilitar a integração deles (355). Apesar de poderem ser problemáticos acho injusto tratarem-nos de modo diferente. Na minha opinião deviam ser divididos entre várias turmas, de modo a serem obrigados a integrar-se (584).	Discriminação é CRIME (70). Qualquer pessoa tem direito à socialização com outras pessoas de outras culturas. Apesar da sua etnia, penso que o grupo em causa tem tanto direito como qualquer outro indivíduo em frequentar os espaços comuns de uma escola ou um espaço público. Contudo, haveria que impor regras ou sanções para que estes mudassem os seus comportamentos (423).	
2. Motivo Moral (Indecência; Socialização; Indignação, respeito, iguais)			

Ser cigano é uma doença, logo mais vale separá-los dos outros alunos para não os contaminarem, e mais, esses alunos deviam ter professores específicos e não ter contato com o pessoal docente” (55). Eu escolhi esta opção, porque eu não acho certo, os alunos marginais não devem ‘tar com alunos decentes (57). Penso que a opção mais justa é a A. Apesar de não ser racista, penso que a maior parte dos ciganos são más pessoas, sem caráter nenhum. Já frequentei uma escola que tinha alguns ciganos e eram quase todos violentos, nojentos e vinham à escola para fazer nada. Por isso, penso que deveriam estar numa turma especial (123). D, pois eles são maus (452). Eu acho que alguns ciganos são maus e podem fazer mal aos alunos da escola X. Por isso é melhor se eles forem divididos (705).	Acho o mais injusto, pois estão a discriminá-los tal como a outra escola (4). E – porque os ciganos podem ser diferentes, mas não podem ser discriminados nem postos de parte (19). Penso que a opção D é a mais injusta, pois estes alunos não se vão integrar na sociedade nem na escola como deviam (44). Os ciganos, tal como referido no texto, não podem ser excluídos, só por serem ciganos. A verdade é que a maior parte deles são indisciplinados, porque sempre foram excluídos e não educados da mesma maneira que as outras crianças (46). Acho que a discriminação é uma estupidez e que os alunos não queiram ser amigos dos ciganos, ao menos não discriminem, porque é injusto (185). Porque moralmente correto (197). Porque acho que devemos aceitar que são diferentes de nós (208). Penso que deve haver uma integração de modo a educa-los como a maneira que deve ser (307).	Os ciganos também são pessoas, e não ser tratados como lixo (2). A escola devia acolher os alunos ciganos e distribui-los pelas turmas. Pois, para mim, fazer uma turma só com alunos ciganos é discriminação (5). Um ato desses é um ato de discriminação e racista. A escola não deve tratá-los de um modo diferente, mas sim integrá-los e fazer tudo para que sejam bem recebidos (6). Porque todos temos o direito de andar, socializar com qualquer pessoa da escola (7). Se eles vieram de uma escola onde eram discriminados, então vieram para deixarem de ser, logo devemos ter respeito por outras etnias (13). Cada aluno deve ser respeitado, por isso acho que a direção tem de sensibilizar isso e colocá-los juntos para que se possam ajudar (28). Escolho esta opção, porque acho que ninguém deve ser discriminado só porque são de outra cultura e porque vem de outra escola (29). E – porque devemos aceitar cada um como é, ignorando a sua etnia e raça, desde que se nos demos ao respeito (43). É a “D”, porque eles não	D é a mais injusta, pois estamos perante a discriminação social de um grupo: os ciganos (434).
--	--	---	---

		deviam ser discriminados, são iguais a todos os outros (48). Todas as pessoas merecem o respeito dos outros e devem ser integrados (69). Acho que é importante aceitar todas as raças e culturas diferentes (75). Eles não têm culpa nenhuma da discriminação, têm todo o direito de viverem como os outros nas escolas” (79). Escolhi esta opção, pois todos os alunos de outras etnias não têm de ser inferiorizados, porque são iguais e têm os mesmos direitos (83). Os ciganos são pessoas como nós (84). A mais injusta é sem dúvida a D, porque lá por existirem preconceitos e racismo, os ciganos são pessoas normais que têm uma cultura diferente, merecendo tanto como os outros (86). Acho que em qualquer escola não deve haver qualquer tipo de discriminação, porque só causa mais revolta por parte dos alunos e dos pais, além disso todos somos iguais (92). Só por serem ciganos não quer dizer que sejam arruaceiros. São pessoas humanas que não escolheram a sua etnia, logo não devem ser discriminados por	
--	--	---	--

		isso (116). A opção que me parece ser mais injusta é a opção D. A escola deve aceitar os alunos e deve ser a primeira a não discriminar. Eles são tão humanos quanto os outros alunos, logo dispõe dos mesmos direitos e deveres (161). Numa escola, onde um dos propósitos deveria ser o ensino gratuito e acessível a todos, seria completamente incorreto discriminar estes alunos ciganos (162). Por uma questão de respeito não deve haver este tipo de discriminação, eles são ciganos, mas são iguais aos outros, não devem ser excluídos de modo algum, nem devem ter limites ou outros tipos de exclusão para com os outros alunos. Os outros alunos é que devem mostrar respeito (164). Porque, apesar de serem ciganos, são pessoas e não merecem ser discriminados dessa maneira, como nós também não gostávamos que nos fizessem (179). Só porque as pessoas são diferentes não significa que devem ser tratados de maneira diferente (189). Porque é o mais justo, e nós não somos mais do que os outros (232). Não deverás discriminar ninguém (334).	
--	--	--	--

		As pessoas não têm de colocar os ciganos de parte se nem os conhecem pessoalmente. Podem ter ouvido muitas histórias, mas nada lhes dá o direito de os separar por completo. São pessoas normais como todos nós e só têm de ser acolhidos como nós gostaríamos (394). Apesar de serem ciganos não devem ser excluídos por tal. Nem todos fazem parte do mesmo estereótipo (407). Separar o grupo de ciganos dos restantes alunos significa alimentar o racismo, e até estes indivíduos proporem o contrário, pelas suas atitudes tomadas e não devido à sua raça, pois temos os mesmos direitos, os alunos devem integrar a escola como qualquer outro indivíduo, a não ser que o seu caráter e falta de cidadania o impeça (421). Porque eles podem ser ciganos, mas primeiro são seres humanos, deviam pensar primeiro no que realmente são do que a cultura (489). Os ciganos não têm de ser discriminados pelo seu tipo de vida, pela sua raça ou pelas suas crenças (532). Na minha opinião, esta hipótese inferioriza a raça cigana, uma vez que ao limitar lhes o	
--	--	--	--

		espaço e o horário, trata-los como animais, o que poderá causar ainda mais a sua revolta, não ajudando a integração destes na comunidade escolar, pois independentemente da aparência ou da cultura destes, deve haver respeito, de modo a não contribuir para conflitos e relações não harmoniosas (567). E) Eu escolhi esta opção, pois qualquer pessoa, seja de que raça for, não deve ser discriminada, sendo que tem o direito de se dar a conhecer (596). Não pode existir o conceito de discriminação numa escola, a oposição dos pais pode ser levada a sério, mas nunca prejudicar os alunos ciganos, pois estes não têm culpa de serem assim (613). Penso que não deveremos desvalorizar as pessoas só pela cor ou etnia, deveremos ajudar os nossos novos alunos a integrar-se na turma e na escola (684).	
3. Motivo Pragmático-conciliatório (Influenciar hábitos, socialização, dar uma oportunidade, solução-problemas, ajudar)			
A – pois assim já não terão tantos problemas (8). Porque fazendo uma nova turma já não podem desestabilizar as outras turmas. Calculo que seja esse o maior	A discriminação destes alunos não é solução, visto que são um grupo problemático isso apenas traria revolta. Penso que a solução é integrá-los, sensibilizar as pessoas em torno deles de forma a	Os ciganos são seres humanos como os outros, por isso deve-se dar uma oportunidade; Não ao racismo (3). Se eles vieram de uma escola onde eram discriminados, então	Apesar de estarem habituados a viver em comunidade, estes alunos devem ser integrados de modo a acabar com a discriminação. Para tal os restantes alunos também devem

medo dos pais (31). Os alunos ciganos, provavelmente foram transferidos da outra escola, pois causaram alguns distúrbios, assim se ficarem em turmas diferentes, estes irão perder contato (54). Escolho esta opção para que os conflitos sejam evitados. Uma vez que estão todos juntos é mais difícil arranjar confusão (63). Eu escolhi a opção A, porque esses alunos ciganos vêm da mesma escola e devem ficar todos numa turma para que os outros alunos não os discriminem (101). Porque precisam de se adaptar, primeiro, à convivência (153). Assim apenas uma turma teria de se habituar e os restantes alunos iam aceitando os ciganos (176). Não me dou lá muito bem com os ciganos (236). Ao longo dos meus anos de estudo já tive em escolas com alguns ciganos e nunca nenhum deles mostrou interesse pela escola ou por integrar-se com os outros alunos, antes pelo contrário, tentaram sempre arranjar confusão e diziam aos amigos para roubar os próprios colegas à saída da escola (368). Os alunos ciganos	conseguir influenciar os hábitos, ou a maneira de estar dos ciganos, promovendo uma relação saudável entre pessoas diferentes (1). A promoção de sensibilização é boa (9). Para não haver discriminação é preciso que os alunos ciganos se integrem em situações/grupos e por isso o melhor é irem para turmas diferentes (12). Acho que não devem ser discriminados e as campanhas de sensibilização são importantes para a integração dos mesmos. Além de tudo, eles são pessoas, o único problema é os mesmos causarem distúrbios nos normais funcionamentos das aulas (15). Já andei numa escola onde fizeram isso e resultou (23). Apesar de a princípio parecer uma medida pejorativa, devemos ter em conta que a socialização é um dos melhores meios na sociedade de se integrar, por isso, ao espalhá-los, a longo termo estaria a beneficiá-los (26). A pior maneira de se integrar alguém novo na escola é fazê-lo sentir excluído e ao criar uma turma especial só para ciganos seria o que estariam a fazer (27).	vieram para deixarem de ser, logo devemos ter respeito por outras etnias (13). Estando os ciganos espalhados pelas turmas da escola poderão fazer novos amigos e mostrar que são iguais a todos os outros (61). Porque, as pessoas de regra cigana são normais também e para se integrarem melhor na escola deverão juntar-se a novos alunos que não conhecem, também para conhecer novas pessoas (62). Penso que a escola deve espalhar os alunos, pois assim, penso que eles não se isolariam nem criariam um grupo só de ciganos, de forma a mostrarem às outras pessoas que devem ser tratados igualmente (73). Os alunos ciganos têm tanto direito à educação como os outros. A escola tem de proceder tal como faz com os outros alunos. E junto a esta medida adicionar medidas de integração e sensibilização (103). Acho que é melhor assim, porque nós devemos aceitar as outras culturas, para podermos viver em paz. Eles não merecem ser postos de parte porque são diferentes. As pessoas podem até não gostarem deles, pois isso é uma opinião pessoal, mas devem respeitá-los (160).	contribuir e respeitar (64). Pois a diversidade do que quer que seja deve ser encarada como um incentivo à relação saudável com as outras culturas e realidades” (76). Escolhi a E, pois parece-me a mais justa e que engloba mais horizontes (80). Porque nós não devemos estar limitados para conhecer novas culturas. Com esses ciganos pode-se aprender muitas coisas que não conhecemos, e fazer os ciganos estar em diversas turmas vai fazer com que essas turmas aprendam a viver com pessoas de outras raças no dia-a-dia (114). B, pois assim os alunos podem conhecer mais pessoas com quem até se podem dar bem e assim todos os alunos têm de aprender a trabalhar em conjunto com pessoas de raças diferentes e até podem fazer novos amigos nas turmas (136). Penso que a opção E é a mais justa, pois integrá-los numa turma já existente e criar atividades é o melhor que se deve fazer para se sentirem bem (148).
---	--	--	--

devem continuar todos juntos, pois se se espalharem por outras turmas podem causar problemas com os outros alunos, pois os ciganos não têm uma educação muito normal, mantendo a mesma educação que os outros (422).	E, porque os ciganos e outras comunidades vivem de uma forma muito diferente da nossa e por isso tem de existir uma integração por parte da escola (30). Ao estarem em grupo, há maior integração dos ciganos, que pode ser promovida pela escola. Deste modo, se a escola os concentrar, eles não se sentem excluídos até à sua total integração (42). Acho que estes alunos vieram para esta escola, porque tinham problemas, temos de os ajudar a ser diferentes e mostrar que podem ser tratados de maneiras diferentes (51). Acho que espalhando os alunos poderia ajudar a convivência e evitar os “conflitos” (65). Escolhi esta, porque acho que eles vão precisar de ajuda (66). Com as iniciativas de sensibilização dos alunos da escola X, os novos alunos ciganos vão-se sentir melhor (67). Só as pessoas vão perceber que não vai haver problema nenhum com a integração dos alunos ciganos se eles forem distribuídos de forma organizada. Quiçá os alunos ciganos não poderão fazer novas amizades (68). A integração destes	Temos que saber respeitar as pessoas e o seu modo de vida independentemente do que são. Há que arranjar a melhor solução (170). O problema anterior era a exclusão destes alunos. Excluí-los outra vez só trará problemas. Enquanto estes alunos estiverem excluídos, a tolerância da diferença na escola também não irá melhorar (192). Nem os alunos ciganos se devem sentir discriminados nem os outros alunos devem sentir-se desconfortáveis na própria escola (211). Escolhi a E, porque o racismo não deve ser uma coisa que impeça estes alunos estrangeiros de estarem numa escola normalmente (227). Acho que estes alunos não devem ser postos de parte num pavilhão só para eles. Devem ser postos em turmas normais, no entanto, quem se quiser dar com eles dá ou quem não quiser não dá (348). Acho que se devem espalhar estes alunos para estes terem conhecimento de uma realidade diferente sem terem acesso à sua “velha” sociedade nas aulas para se concentrarem nos estudos, mas sem esquecer que também são pessoas e devem ser tratados do mesmo modo que os outros	Uma escola deve aceitar todo o tipo de alunos independentemente de estes serem ciganos, pretos, indianos ou cor-de-rosa. A escola é igual para todos e por isso estes devem ser distribuídos por outras turmas para aprenderem também os costumes de outras culturas (157). Ao espalhar os alunos ciganos por diversas turmas vai haver uma “mesclagem” maior de cultura. Porém, se tiverem todos juntos, não vão interagir com os outros e podem formar-se grupos ameaçadores: “gangsters” (165). Os alunos não deviam ser postos à parte ou com horários diferentes só por serem ciganos. As pessoas criam preconceitos e os professores deviam apenas encorajar os alunos a conhecerem os outros e a verem que, apesar da diferente educação, são pessoas normais (167). A sensibilização aos outros irá demonstrar, abrir novas oportunidades aos alunos ciganos e fará com que os outros alunos abram as suas visões (191). Sim, porque assim vão integrar-se na escola e fazer amigos de outra raça, criando um bom
---	--	---	---

	alunos deve ser feita com calma para evitar conflitos (72). Porque, assim o grupo de alunos que chegaram à escola pode se dar com outros alunos. Se estivessem todos juntos poderia ser mais complicado (85). B – pois promove a integração do cigano numa turma onde fará amigos e estes poderão ajudá-lo mais tarde (93). Socializar com os colegas. Se os alunos ciganos forem colocados espalhados pelas turmas, isso irá piorar a integração dos mesmos por parte dos alunos da escola. Penso que o melhor é colocar todos esses alunos numa turma de maneira a que eles se ajudem mutuamente, e ao mesmo tempo deve haver iniciativas de integração (96). Se separarem os ciganos por várias turmas cada um vai arranjando amigos na turma, de modo a que se juntem os ciganos e os amigos de cada um, de maneira a aligeirar a discriminação existente (128). Na minha opinião, o que se deve fazer é tentar integrar todos os alunos, mas separados. Não só para sozinhos conhecerem novos colegas e também para evitar que esse grupo se isole e crie problemas (131).	(445). A escola tem que tratar os ciganos como os outros alunos, sem nenhuma diferença. Só assim os outros amigos verão eles como iguais (553). Eu acho que a discriminação é algo muito medíocre e feio. Acho que o melhor era espalhar os alunos, agirem normalmente e não darem a entender que são especiais, para estes não se sentirem piores (717).	ambiente entre todas as “culturas” (206). A melhor opção é a B. Pois, na minha opinião, instalar os ciganos em diferentes turmas, vai fazer com que se misturem uns com os outros e aprendam a respeitar e a ajudar as diferentes culturas (207). A escola X ao concentrar os alunos numa turma já existente vai dar-lhes a hipótese de se manterem todos juntos enquanto têm a hipótese de conhecerem pessoas novas. Enquanto, que as outras ações são puramente discriminatórias e injustas, pois visam dar mais conforto e uma ilusão de segurança nos alunos já provenientes da escola (230). Acho que todos nos devemos e podemos dar oportunidade de nos integrarmos (235). B, os alunos ciganos devem ser distribuídos por diversas turmas da escola, sendo assim facilitada tanto a aprendizagem como o convívio com alunos de outras etnias, promovendo assim a partilha de costumes que variam de cultura para cultura (312). No mundo escolar, todos somos iguais, a
--	--	---	--

	Esta medida deve ser aplicada para prevenção da discriminação (212). É mais preferível haver 1 ou 2 ciganos numa turma do que todos juntos. Assim, nem os alunos nem os pais reparavam muito neles (214). Todos nós temos direito a uma segunda impressão. Apesar de serem ciganos não têm de ser postos de parte. A direção da escola deve tentar a interação dos alunos na escola e depois estes têm de provar que merecem esta oportunidade, comportando como gente civilizada (223). E. Apesar de serem ciganos e trazerem sempre alguns problemas, somos todos iguais. Mas visto que nem todos concordam deve pensar-se em algo para interagirem uns com os outros de forma “saudável” (234). B, para adaptar a outros costumes e arranjar novos amigos (242). Concordo com a C. pois, se os alunos se espalharem, têm mais hipóteses de comunicar com outros que não sejam ciganos (277). Para a ida destes alunos passar despercebida (332). Assim estes poderão arranjar novos amigos, bem como interesses		cor da pele muda-se com o sol, o sentimento com as palavras e as ações. O racismo e a discriminação muda-se com o pensamento de cada ser humano, que parte em si a verdade de parar de ser ignorante, e abrir os olhos para uma vida multicolor e multirracial” (328). Acho que a hipótese mais justa é a E, porque cabe a todos saber lidar e adaptar da melhor maneira a novas situações e pessoas, tornando-os nossos (colegas, amigos,...), protegendo-os e não desejando-lhes mal, pois um dia podemos ser nós (337). Acredito que se os alunos de etnia cigana forem integrados em diversas turmas, isso irá fazer com que os preconceitos acabem, pois as relações entre os alunos irão tornar-se mais próximas (383). Tendo sido vítimas de discriminação, o grupo de ciganos deve ser posto numa mesma turma de modo a não se sentirem excluídos. As campanhas de sensibilização apelam ao bom senso e à interajuda entre alunos contribuindo para a harmonia da vida académica (436). Criar uma turma especial é não dar
--	--	--	--

	(333). A inserção de um aluno é muito mais simples se este for inserido de uma forma individual numa turma onde esta inserção seja mais fácil (345). B – Ao espalhar os alunos por várias turmas, os outros alunos vão ver como o aluno novo está só e vão falar com ele e integrá-lo na turma (391). Embora sejam diferentes têm de ambientar (402). Devem separá-los para tentar inturmá-los (405). Excluir os alunos e isolá-los num pavilhão ou restringir-lhes o espaço escolar apenas devido à sua etnia não é moralmente correto. Alunos que têm tendência a ser agitados não devem estar juntos. O ideal será separá-los por várias turmas para que estes se adaptem e integrem com alunos civilizados (562). B — dispersando os alunos aumenta a probabilidade de estes se relacionarem com os restantes, mesmo que seja por necessidade (593). Apesar de não gostar de ciganos não devemos pô-los de parte, pois são como nós. E pô-los de parte eles vão sentir e podem-se revoltar (673).		hipótese aos ciganos de se adaptarem à nossa cultura e costumes, nem dar hipótese aos restantes alunos de se adaptarem às diferenças. Assim ambos devem ser misturados (619).
--	---	--	---

	Isolar os alunos ciganos não é a atitude mais civilizada, pois, ao fazerem isso os alunos estão, logicamente, a ser alvo de discriminação. Na minha opinião deviam ser integrados em turmas (bem comportadas) e ocorrer, então, o processo de integração (677).		
4. Motivo Económico			
Penso que é injusto, pois os outros alunos podem vir a ser prejudicados com esta escolha (16). A escola espalha-os de modo a não sobrecarregar as turmas com alunos que podem trazer problemas (58). A escola X não deve ser sobrecarregada com um grupo de alunos que implica a implementação de regras, disponibilização de turmas e acostumação dos outros alunos (59). A, porque assim não há discriminação e o seu desempenho é melhor (71). Separados numa turma especial é o melhor para eles. Os ciganos não contribuem nada para nenhuma sociedade. São nojentos, parasitas e ninguém tem de levar com eles. Não pagam nada e a maioria ainda rouba. Na minha opinião, deviam ser exterminados. Amen.	Assim todos eram beneficiados (144). B. Penso que não se deve limitar os espaços do grupo de ciganos, mas também não juntá-los a todos, de modo que a turma que os acolhe se prejudique (581).	Com as outras opções, os alunos ciganos iam sair prejudicados, pondo em causa o seu sucesso escolar, iam continuar a ser discriminados, sendo essa, na minha opinião, a atitude mais correta para os alunos ciganos e para a escola (34). A partir do momento que os alunos ciganos trocam de escola por serem discriminados na escola anterior, a escola X não deve, de todo, discriminá-los novamente, pois isso pode ser prejudicial, tanto no presente, nos estudos, como no futuro, no trabalho (386).	

P.S.: não sou racista. Por exemplo, os negros trabalham mais e pagam impostos. Contribuem (122). As turmas não devem ser alteradas, só pela discriminação desses alunos noutra escola. Penso que deviam continuar na mesma escola (147). Porque aprendem mais (217). Não tenho qualquer problema com outras raças, mas os ciganos só despendem o estado (todos nós), não sendo dignos de integração. Não descontam os seus impostos, na maioria, discriminam as outras raças e, portanto, na minha opinião, não são merecedores de nada (316). Acho que devia criar uma turma só para os ciganos, porque se misturassem os ciganos com outros ia ser muito mau para os outros alunos. Os ciganos provavelmente são um pouco mais lentos a perceber que os alunos normais (487). D, devido a não correr riscos (493). Os ciganos devido à sua educação iriam muito provavelmente roubar ou causar conflitos violentos. Contudo, se isso acontecesse, poderiam ir ensinando os que apresentam um comportamento adequado às turmas de alunos normais (527).			
---	--	--	--

D, pois apresentam um perigo a higiene e carteiras públicas (547). As várias turmas da escola não devem ser prejudicadas pela integração dos ciganos nas turmas, pois, estes têm culturas diferentes das que estamos habituados e, antes da distribuição dos alunos ciganos dever-se-ia juntá-los todos numa só turma e num ano ensinar-lhes todos os nossos hábitos. No caso de haver bom aproveitamento e sucesso, aí sim, os ciganos poderão ser integrados em turmas variadas e funcionar adequadamente (620).			
5. Motivo Funcional			
Se os alunos ciganos já tinham causado más situações na outra escola, provavelmente na nova escola também não iriam reagir da melhor maneira. Por parte dos pais e da escola há um bocado de discriminação, mas estes não são obrigados a aceitar os alunos ciganos (90). A escola deve separar os ciganos e iniciar uma política de tolerância para proteção dos alunos (331). Os alunos, devido a serem problemáticos, devem ser separados por outras escolas, e não devido ao fato de serem ciganos (370).	A escola X, mesmo que se oponha a esta medida, não deve fazer qualquer discriminação, aceitando-os e juntando-os numa turma para ficarem junto de conhecidos e sensibilizar o resto da turma para a sua aceitação. Qualquer problema ou conflito que possa vir a existir deve ser comunicado e devem ser tomadas medidas em relação à comunidade cigana na escola (106). O ensino não se pode negar a ninguém, logo se existe um problema deste género, deve-se distribuir o mal pelas aldeias para facilitar a integração (187).	A minha opção é a opção C, pois eu acho que é a mais acertada. Todos nós temos direito ao ensino quer da mesma raça ou de raças diferentes. E se estes eram alvo de discriminação, se fossem para uma turma já existente, poder-se-ia repetir esse caso, mas teria que existir alguma especial atenção pelos professores, pais e DT para evitar essas situações (14). E, porque os alunos não têm de ser discriminados, todos têm direito à educação (20). Porque têm o mesmo direito dos outros. E se	Uma boa escola deve promover a educação a todas as etnias e não deve excluir os alunos, deve ajudá-los (47). É injusto para os alunos ciganos serem completamente individualizados e separados dos outros alunos, com horários e espaços diferentes destes, só porque na sociedade existem estereótipos quanto à sua etnia. Devia existir em 1º lugar, uma tentativa de cooperação e integração entre todos (110). O papel da escola é apoiar e não

	É possível que estes alunos sejam, de novo, vítimas de discriminação, para isto separá-los em várias turmas ajuda a sua integração na escola, tornando-os entidades individuais e não uma entidade coletiva (251). Os alunos ciganos devem ser aceites na escola (281). A minha opção foi a E, por aparentemente ser a mais correta. Mas, abrindo os olhos e sermos racionais, perceberíamos que esta solução é completamente idílica face à realidade das escolas públicas de Lisboa (672). Separados ou não, deveria a escola X de tentar unir este grupo (724).	é uma escola, principalmente pública tem que admitir independentemente de como são os alunos (24). Esta medida é contra a liberdade desses alunos, pois não os deixa circular livremente pela escola (25). Qualquer pessoa, seja de que raça for, tem direitos como qualquer outra pessoa, por isso acho que estes deviam ser integrados na escola e serem aceites por todos (37). Esta opção é a mais correta porque os alunos ciganos devem ser tratados normalmente e por isso distribuídos pelas várias turmas indiscriminadamente (50). Os alunos ciganos não necessitam de ser postos de parte para que a escola funcione normalmente (60). Penso que todos têm direito à educação. Acontece que eu tenho alguns amigos assim e eles são iguais ao resto das pessoas (77). Era injusto que os alunos ciganos ficassem de parte, porque todos têm os mesmos direitos. Se as famílias não queriam que os ciganos andassem naquela escola tinham dois remédios: tirar os filhos daquela escola ou não questionar acerca da decisão da escola (94).	discriminar. Se ela separa os alunos em turmas diferentes, ela mesmo começa com a discriminação, em vez de integrá-los (295). E. A escola não serve só para aprender e ter conhecimentos, serve também para ter experiências e fazer amizades, havendo comunicação e interação com as pessoas. Por isso a escola X deve e faz muito bem em sensibilizar as pessoas. Porque, apesar do grupo de alunos serem ciganos, não deixam de ser pessoas, são crianças como todos os outros só que com uma cultura diferente e não devem ser tratados com indiferença, tendo os mesmos direitos que todos os outros (396). Os ciganos não são diferentes de ninguém. Devem viver e estudar na escola em igualdade com harmonia. E dar ao luxo o mínimo de sensibilidade para com eles aos outros alunos. Restringi-los apenas numa turma causaria certas discriminações nessa mesma turma a nível geral da escola (623). Acho que a opção que escolhi é a mais injusta, porque só por serem ciganos não têm de ser discriminados desta maneira. Ser cigano não é uma doença, é
--	--	---	---

		Lá por serem ciganos não quer dizer nada. Devem ser tratados como alunos normais (102). Por serem ciganos não deixam de ser estudantes, portanto têm direito ao ensino também, no entanto se não mostrarem interesse e se criarem problemas devem ser julgados como os restantes alunos da escola X (169). Não deve haver distinção étnica, religiosa, entre outras (195). Os membros da direção da escola X deverão falar com os encarregados de educação e explicar que não devem discriminar os outros apenas pela sua raça (219). O racismo deve ser posto de parte, e a escola tem o dever de integrar os novos alunos, na minha opinião, com alunos já existentes para promover os laços entre alunos (225). A escola é uma instituição que se deve responsabilizar pelos atos discriminatórios que possam existir, assim se nesta escola se encontra um grupo de alunos de uma etnia diferente, a escola deve procurar arranjar soluções para que todos compreendam que a discriminação levaria à desigualdade e que	uma maneira de ser e estar. Acho que só por serem ciganos não acho no direito da escola contentá-los com espaços escolhidos em que não podem ter contatos com outros grupos, e nem horários diferentes (627). A mais injusta parece-me a D, pois eles têm os mesmos direitos que os outros alunos e têm o direito de se adaptarem a novos “mundos” e conviver com outro tipo de pessoas e assim criar um bom ambiente entre todos eles (645). A escola X mostra-se racista perante os alunos de etnia diferente. Só porque esses alunos são diferentes não quer dizer que devam ser tratados de maneira diferente. Essa atitude só mostra uma mentalidade pouco aberta e inacessível (656).
--	--	---	--

		todos os seres humanos, independentemente da etnia, devem ser tratados de igual forma (248). A mais injusta é a D, visto que viola o decreto dos “Direitos do Homem e do Cidadão” (255). É um procedimento errado, já que não deve haver diferença de estatuto entre os alunos, sejam eles ciganos ou não (375). Independentemente da raça, o direito ao ensino é, ou deveria ser, global. Todos deveriam ter direito ao ensino e serem tratados por igual, pois não são as origens das pessoas que os tornam melhores ou piores que os outros (389). Lá por serem ciganos não significa que sejam diferentes. Também merecem estudar e ser alguém na vida e a maior parte deles não escolheu ser ciganos, simplesmente foram criados num ambiente diferente. O diretor devia então criar medidas de sensibilização para evitar discriminação e juntá-los com uma turma existente (401). Penso que se alguma vez isto acontecer, os membros da direção não só deverão ser depostos dos seus cargos, como deverão ser levados a tribunal por práticas de discriminação. É	
--	--	---	--

		ridículo! Se os alunos saíram de uma determinada escola pois eram vítimas de discriminação e entram noutra sendo totalmente isolados do resto da comunidade escolar, o problema não se resolve, pelo contrário, agrava-se (414). Todos os alunos são seres humanos, não lhes podem ser negados direitos como a locomoção, mas à socialização. Isto seria, sem dúvida, uma política racista (485). Devia haver uma opção F: “os alunos são integrados na escola como pessoas normais” (492). Um aluno é um aluno. Não deve haver diferenças (551). Os alunos ciganos têm os mesmos direitos e deveres que os outros (563). Atitude discriminatória, geradora de tensões e sem pedagogia ou responsabilidade social (589).	
--	--	--	--

ANEXOS D

Resultados do questionário por cenários

Quadro VII - Resumo da associação das variáveis do cenário 1

Variáveis	Demográficas		Sociais		Escolares		
Categorias	Sexo	Idade	Hab. EE	Classe Mãe	Escola	Curso	Ano Esco.
Bens	N.S.	N.S.	N.S.	0.097	0.141	0.127	0.148
Motivos	0.149	N.S.	N.S.	0.108	N.S.	0.115	0.150
Mais justa	0.139	0.121	0.121	N.S.	0.104	0.100	0.122

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 33.1. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 1 com ano de escolaridade

Hipóteses	Ano de escolaridade			
		10º ano	12º ano	Total
Comunicar aos pais	Frequência	130	112	242
	% no Ano de escolaridade	31,2%	36,4%	33,4%
	Resíduos ajustados	-1,5	1,5	
Não fazer mais nada	Frequência	40	16	56
	% no Ano de escolaridade	9,6%	5,2%	7,7%
	Resíduos ajustados	2,2	-2,2	
Continuar a insistir	Frequência	173	143	316
	% no Ano de escolaridade	41,5%	46,4%	43,6%
	Resíduos ajustados	-1,3	1,3	
Transferir	Frequência	27	15	42
	% no Ano de escolaridade	6,5%	4,9%	5,8%
	Resíduos ajustados	,9	-,9	
Fazer um acordo	Frequência	47	22	69
	% no Ano de escolaridade	11,3%	7,1%	9,5%
	Resíduos ajustados	1,9	-1,9	
	Frequência	417	308	725
	% no Ano de escolaridade	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 33.2. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 1 com o sexo

Hipóteses	Sexo			
		F	M	Total
Comunicar aos pais	Frequência	135	105	240
	% no Sexo	34,2%	32,2%	33,3%
	Resíduos ajustados	,6	-,6	
Não fazer mais nada	Frequência	23	33	56
	% no sexo	5,8%	10,1%	7,8%
	Resíduos ajustados	-2,1	2,1	
Continuar a insistir	Frequência	186	129	315
	% no sexo	47,1%	39,6%	43,7%
	Resíduos ajustados	2,0	-2,0	
Transferir	Frequência	14	27	41
	% no sexo	3,5%	8,3%	5,7%
	Resíduos ajustados	-2,7	2,7	
Fazer um acordo	Frequência	37	32	69
	% no sexo	9,4%	9,8%	9,6%
	Resíduos ajustados	-,2	,2	
	Frequência	395	326	721
	% no sexo	100,0 %	100,0 %	100,0 %

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 33.3. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 1 com a escola

Hipóteses	Escola				
		A	B	C	Total
Comunicar aos pais	Frequência	30	132	80	242
	% na Escola	40,5%	30,1%	37,6%	33,4%
	Resíduos ajustados	1,4	-2,3	1,5	
Não fazer mais nada	Frequência	4	42	10	56
	% na Escola	5,4%	9,6%	4,7%	7,7%
	Resíduos ajustados	-,8	2,3	-2,0	
Continuar a insistir	Frequência	29	190	97	316
	% na Escola	39,2%	43,4%	45,5%	43,6%
	Resíduos ajustados	-,8	-,1	,7	
Transferir	Frequência	2	33	7	42
	% na Escola	2,7%	7,5%	3,3%	5,8%
	Resíduos ajustados	-1,2	2,5	-1,9	
Fazer um acordo	Frequência	9	41	19	69
	% na Escola	12,2%	9,4%	8,9%	9,5%
	Resíduos ajustados	,8	-,2	-,4	
	Frequência	74	438	213	725
	% na Escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 36. Perfil dos alunos Cenário 1 (Análise de correspondências múltiplas)

Resumo				
Dimensões		Alpha de Cronbach	Variância explicada	
			Total (Valor próprio)	Inércia
—	1	,793	2,470	,617
	2	,674	2,023	,506
	Total		4,493	1,123
	Média	,740 ^a	2,246	,562
a. Média de Alpha de Cronbach é baseada na média do valor próprio				

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 37.1. Contribuição de cada bem gramatical para o perfil dos alunos (Cenário 1)

Pontos: Contribuições					
Categoria	Frequência	Massa	Inércia	Contribuição	
				Do ponto de inércia da dimensão	
				1	2
Amizade	74	,027	,228	,002	,092
Confiança	256	,093	,165	,112	,066
Autonomia	80	,029	,230	,033	,068
Autoridade	278	,101	,158	,208	,003
Educação	18	,007	,257	,004	,000
Total ativo		,257	1,039	,359	,229
Normalização das variáveis principais.					

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 37.2. Contribuição de cada motivo para o perfil dos alunos (Cenário 1)

Pontos: Contribuições					
Categoria	Frequência	Massa	Inércia	Contribuição	
				Do ponto de inércia da dimensão	
				1	2
Coação	130	,047	,214	,168	,019
Moral	67	,024	,236	,029	,018
Pragmático-conciliatório	342	,124	,134	,068	,039
Económica	82	,030	,226	,006	,259
Funcional	85	,031	,224	,009	,004
Total ativo		,257	1,035	,280	,338
Normalização das variáveis principais.					

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 38. Resultados dos bens gramaticais possíveis do Cenário 1

	Frequência	%
Amizade	74	10,2
Confiança	256	35,3
Autonomia	80	11,0
Autoridade	278	38,3
Educação	18	2,5
Inválida	2	,3
Não responde	17	2,3
Total	725	99,9
	726	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 38.1. Resultados cruzamento bens Cenário 1 com ano de escolaridade

Bens gramaticais	Ano de escolaridade			
		10º ano	12º ano	Total
Amizade	Frequência	48	26	74
	% no Ano de escolaridade	11,5%	8,4%	10,2%
	Resíduos ajustados	1,3	-1,3	
Confiança	Frequência	141	115	256
	% no Ano de escolaridade	33,8%	37,3%	35,3%
	Resíduos ajustados	-1,0	1,0	
Autonomia	Frequência	57	23	80
	% no Ano de escolaridade	13,7%	7,5%	11,0%
	Resíduos ajustados	2,6	-2,6	
Autoridade	Frequência	157	121	278
	% no Ano de escolaridade	37,6%	39,3%	38,3%
	Resíduos ajustados	-,4	,4	
Educação	Frequência	8	10	18
	% no Ano de escolaridade	1,9%	3,2%	2,5%
	Resíduos ajustados	-1,1	1,1	
Inválida	Frequência	0	2	2
	% no Ano de escolaridade	,0%	,6%	,3%
	Resíduos ajustados	-1,6	1,6	
Não responde	Frequência	6	11	17
	% no Ano de escolaridade	1,4%	3,6%	2,3%
	Resíduos ajustados	-1,9	1,9	
	Frequência	417	308	725
	% no Ano de escolaridade	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 38.2. Resultados cruzamento dos bens Cenário 1 com as escolas

Bem	Escola				
		A	B	C	Total
Amizade	Frequência	13	37	24	74
	% na escola	17,6%	8,4%	11,3%	10,2%
	Resíduos ajustados	2,2	-1,9	,6	
Confiança	Frequência	22	153	81	256
	% na escola	29,7%	34,9%	38,0%	35,3%
	Resíduos ajustados	-1,1	-,3	1,0	
Autonomia	Frequência	6	64	10	80
	% na escola	8,1%	14,6%	4,7%	11,0%
	Resíduos ajustados	-,8	3,8	-3,5	
Autoridade	Frequência	30	164	84	278
	% na escola	40,5%	37,4%	39,4%	38,3%
	Resíduos ajustados	,4	-,6	,4	
Educação	Frequência	0	12	6	18
	% na escola	,0%	2,7%	2,8%	2,5%
	Resíduos ajustados	-1,4	,5	,4	
Inválida	Frequência	1	1	0	2
	% na escola	1,4%	,2%	,0%	,3%
	Resíduos ajustados	1,9	-,3	-,9	
Não responde	Frequência	2	7	8	17
	% na escola	2,7%	1,6%	3,8%	2,3%
	Resíduos ajustados	,2	-1,6	1,6	
	Frequência	74	438	213	725
	% na escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 39. Resultados dos motivos possíveis do Cenário 1

		Frequência	Porcentagem
Válido	Coação	130	17,9
	Moral	67	9,2
	Pragmático-conciliatória	342	47,1
	Económica	82	11,3
	Funcional	85	11,7
	Inválida	2	,3
	Não responde	17	2,3
	Total	725	99,9
Total		726	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 39.1. Resultados cruzamento dos motivos Cenário 1 com o ano de escolaridade

Motivos	Ano de escolaridade			
		10º ano	12º ano	Total
Coação	Frequência	130,0	51	130
	% no ano de escolaridade	18,9%	16,6%	17,9%
	Resíduos ajustados	,8	-,8	
Moral	Frequência	42	25	67
	% no ano de escolaridade	10,1%	8,1%	9,2%
	Resíduos ajustados	,9	-,9	
Pragmático-conciliatória	Frequência	197	145	342
	% no ano de escolaridade	47,2%	47,1%	47,2%
	Resíduos ajustados	,0	,0	
Económica	Frequência	55	27	82
	% no ano de escolaridade	13,2%	8,8%	11,3%
	Resíduos ajustados	1,9	-1,9	
Funcional	Frequência	38	47	85
	% no ano de escolaridade	9,1%	15,3%	11,7%
	Resíduos ajustados	-2,5	2,5	
Inválida	Frequência	0	2	2
	% no ano de escolaridade	,0%	,6%	,3%
	Resíduos ajustados	-1,6	1,6	
Não responde	Frequência	6	11	17
	% no ano de escolaridade	1,4%	3,6%	2,3%
	Resíduos ajustados	-1,9	1,9	
	Frequência	417	308	725
	% no ano de escolaridade	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 39.2. Resultados cruzamento dos motivos Cenário 1 com o sexo

Motivos	Sexo			
		F	M	Total
Coação	Frequência	68	61	129
	% no sexo	17,2%	18,7%	17,9%
	Resíduos ajustados	-,5	,5	
Moral	Frequência	37	30	67
	% no sexo	9,4%	9,2%	9,3%
	Resíduos ajustados	,1	-,1	
Pragmático-conciliatória	Frequência	208	132	340
	% no sexo	52,7%	40,5%	47,2%
	Resíduos ajustados	3,3	-3,3	
Económica	Frequência	34	47	81
	% no sexo	8,6%	14,4%	11,2%
	Resíduos ajustados	-2,5	2,5	
Funcional	Frequência	40	45	85
	% no sexo	10,1%	13,8%	11,8%
	Resíduos ajustados	-1,5	1,5	
Inválida	Frequência	0	2	2
	% no sexo	,0%	,6%	,3%
	Resíduos ajustados	-1,6	1,6	
Não responde	Frequência	8	9	17
	% no sexo	2,0%	2,8%	2,4%
	Resíduos ajustados	-,6	,6	
	Frequência	395	326	721
	% no sexo	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Indivuação e reconhecimento*.

Tabela 40. Resultados da associação entre as gramáticas e os motivos (Cenário 1)

Gramáticas Motivos	Individuação						
		Amizade	Confiança	Autonomia	Autoridade	Educação	Total
Coação	Frequência	6	2	0	109	1	118
	% dos Motivos	5,1%	1,7%	0,0%	92,4%	0,8%	100,0%
	% dos bens	8,8%	0,9%	0,0%	45,4%	5,9%	18,9%
	Resíduos ajustados	-2,2	-8,7	-4,3	13,4	-1,4	
Moral	Frequência	4	23	23	3	2	55
	% dos Motivos	7,3%	41,8%	41,8%	5,5%	3,6%	100,0%
	% dos bens	5,9%	10,0%	32,4%	1,2%	11,8%	8,8%
	Resíduos ajustados	-,9	,8	7,5	-5,3	,4	
Pragmático- conciliatório	Frequência	29	178	33	56	11	307
	% dos Motivos	9,4%	58,0%	10,7%	18,2%	3,6%	100,0%
	% dos bens	42,6%	77,7%	46,5%	23,3%	64,7%	49,1%
	Resíduos ajustados	-1,1	10,9	-,5	-10,2	1,3	
Económico	Frequência	28	9	3	32	2	74
	% dos Motivos	37,8%	12,2%	4,1%	43,2%	2,7%	100,0%
	% dos bens	41,2%	3,9%	4,2%	13,3%	11,8%	11,8%
	Resíduos ajustados	7,9	-4,7	-2,1	,9	,0	
Funcional	Frequência	1	17	12	40	1	71
	% dos Motivos	1,4%	23,9%	16,9%	56,3%	1,4%	100,0%
	% dos bens	1,5%	7,4%	16,9%	16,7%	5,9%	11,4%
	Resíduos ajustados	-2,7	-2,4	1,6	3,3	-,7	
Total	Frequência	68	229	71	240	17	625
	% dos Motivos	10,9%	36,6%	11,4%	38,4%	2,7%	100,0%
	% dos bens	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0%
		%	%	%	%	%	

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 40.a). Associação entre as gramáticas e os motivos (cenário 1)

		Valor	Sig. aproximativo	Monte Carlo Sig.		
				Sig.	99% Intervalo de confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,763	,000	,000 ^c	,000	,000
	V de Cramer	,382	,000	,000 ^c	,000	,000
	Coeficiente de contingência	,607	,000	,000 ^c	,000	,000
N dos casos válidos		625				
a. Não assumindo os casos válidos.						
b. Assumindo a hipótese nula como erro assintótico standard.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 40.1. Distribuição percentual das modalidades no cenário 1

	Amizade		Confiança		Autonomia		Autoridade		Educação		Total
Coação	6	0,96%	2	0,32%	0	0%	109	17,44%	1	0,16%	118
Moral	4	0,64%	23	3,68%	23	3,68%	3	0,48%	2	0,32%	55
Pragmático	29	4,64%	178	28,48%	33	5,28%	56	8,96%	11	1,76%	307
Económico	28	4,48%	9	1,44%	3	0,48%	32	5,12%	2	0,32%	74
Funcional	1	0,16%	17	2,72%	12	1,92%	40	6,4%	1	0,16%	71
Total	68	10,88%	229	36,64%	71	11,36%	240	38,4%	17	2,72%	625

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Quadro VIII - Resumo da associação das variáveis do cenário 2

Categorias	Sociodemográficas				Escolares		Associativas	
Variáveis	Sexo	Idade	Hab. EE	Classe Pai	Escola	Med. Cor.	Volunt.	Associa.
Bens	0.129	0.142	N.S.	0.172	0.118	0.144	0.140	N.S.
Motivos	0.137	N.S.	N.S.	N.S.	0.127	N.S.	N.S.	0.143
Hipóteses	N.S.	0.092	0.109	0.093	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 41.1.1. Resumo do processo de transformação (ACM Cenário 2)

Casos ativos válidos	178
Casos ativos válidos com valores em falta	486
Casos suplementares	0
Total	664
Cases usados na análise	664

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 41.1.2. Resumo do modelo (ACM Cenário 2)

Dimensão	Alpha de Cronbach	Variância explicada	
		Total (Valor próprio)	Inércia
1	,851	2,764	,691
2	,790	2,455	,614
Total		5,219	1,040
Média	,822 ^a	2,609	,652
a. Média de Alpha de Cronbach é baseada na média do valor próprio.			

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 41.2. Medidas de discriminação (ACM Cenário 2)

	Dimensão		Média
	1	2	
Cenário 2: Atitude a adotar	1,049	,980	1,015
Justificação Bens	1,055	,945	1,000
Justificação Motivos	,632	,514	,573
Âmbito da Associação	,028	,016	,022
Total ativo	2,764	2,455	2,609

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 42. Distribuição dos bens gramaticais das justificações (Cenário 2)

Bens		Freq.	%
Válido	Liberdade	154	21,2
	Confiança	303	41,7
	Disciplina	224	30,9
	Coletivo	10	1,4
	Inválida	2	,3
	Não responde	32	4,4
	Total	725	99,9
Em falta	Sistema	1	,1
Total		726	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 42.1. Associação dos bens gramaticais com a prática de voluntariado (Cenário 2)

Bens	Prática de voluntariado			
		Não	Sim	Total
Liberdade	Frequência	103	44	147
	% na Prática de voluntariado	23,9%	16,6%	21,1%
	Resíduos ajustados	2,3	-2,3	
Confiança	Frequência	164	131	295
	% na Prática de voluntariado	38,1%	49,4%	42,4%
	Resíduos ajustados	-3,0	3,0	
Disciplina	Frequência	135	80	215
	% na Prática de voluntariado	31,3%	30,2%	30,9%
	Resíduos ajustados	,3	-,3	
Coletivo	Frequência	9	1	10
	% na Prática de voluntariado	2,1%	,4%	1,4%
	Resíduos ajustados	1,8	-1,8	
Inválida	Frequência	1	0	1
	% na Prática de voluntariado	,2%	,0%	,1%
	Resíduos ajustados	,8	-,8	
Não responde	Frequência	19	9	28
	% na Prática de voluntariado	4,4%	3,4%	4,0%
	Resíduos ajustados	,7	-,7	
	Frequência	431	265	696
	% na Prática de voluntariado	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 42.1.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com prática de voluntariado

		Valor	Sig. aproximado	Sig. exato
Nominal por Nominal	Phi	,140	,018	,013
	V de Cramer	,140	,018	,013
	Coeficiente de contingência	,138	,018	,013
N dos casos válidos		696		

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 43. Distribuição dos motivos das justificações (Cenário 2)

Motivos		Frequência	Porcentagem
Válido	Coação	97	13,4
	Moral	121	16,7
	Pragmático-conciliatório	225	31,0
	Económico	55	7,6
	Funcional	193	26,6
	Inválido	2	,3
	Não resposta	32	4,4
	Total	725	99,9
Em falta	Sistema	1	,1
Total		726	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 43.1. Associação dos motivos com a pertença a uma associação (Cenário 2)

Motivos	Pertença a associação			
		Não	Sim	Total
Coação	Frequência	62	31	93
	% na Pertença a associação	13,0%	14,2%	13,4%
	Resíduos ajustados	-,4	,4	
Moral	Frequência	90	28	118
	% na Pertença a associação	18,9%	12,8%	17,0%
	Resíduos ajustados	2,0	-2,0	
Pragmático-conciliatório	Frequência	149	68	217
	% na Pertença a associação	31,2%	31,1%	31,2%
	Resíduos ajustados	,0	,0	
Económico	Frequência	42	9	51
	% na Pertença a associação	8,8%	4,1%	7,3%
	Resíduos ajustados	2,2	-2,2	
Funcional	Frequência	118	70	188
	% na Pertença a associação	24,7%	32,0%	27,0%
	Resíduos ajustados	-2,0	2,0	
Inválido	Frequência	1	0	1
	% na Pertença a associação	,2%	,0%	,1%
	Resíduos ajustados	,7	-,7	
Não resposta	Frequência	15	13	28
	% na Pertença a associação	3,1%	5,9%	4,0%
	Resíduos ajustados	-1,7	1,7	
	Frequência	477	219	696
	% na Pertença a associação	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 43.1.a) Medidas de associação dos motivos com a pertença a uma associação

		Valor	Sig. aproximado	Sig. exato
Nominal por Nominal	Phi	,143	,027	,022
	V de Cramer	,143	,027	,022
	Coeficiente de contingência	,141	,027	,022
N dos casos válidos		696		

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 45. Associação entre os bens gramaticais e os motivos (Cenário 2)

Motivos	Justificação Bens					
		Liberdade	Confiança	Disciplina	Coletivo	Total
Coação	Frequência	16	14	57	0	87
	% dos Motivos	18,4%	16,1%	65,5%	0,0%	100,0%
	% dos bens	11,7%	5,0%	28,6%	0,0%	13,9%
	Resíduos ajustados	-,9	-5,8	7,3	-1,3	
Moral	Frequência	21	69	21	0	111
	% dos Motivos	18,9%	62,2%	18,9%	0,0%	100,0%
	% dos bens	15,3%	24,7%	10,6%	0,0%	17,8%
	Resíduos ajustados	-,8	4,1	-3,2	-1,5	
Pragmático-conciliatório	Frequência	62	112	33	0	207
	% dos Motivos	30,0%	54,1%	15,9%	0,0%	100,0%
	% dos bens	45,3%	40,1%	16,6%	0,0%	33,1%
	Resíduos ajustados	3,4	3,4	-6,0	-2,2	
Económico	Frequência	29	7	7	0	43
	% dos Motivos	67,4%	16,3%	16,3%	0,0%	100,0%
	% dos bens	21,2%	2,5%	3,5%	0,0%	6,9%
	Resíduos ajustados	7,5	-3,9	-2,3	-,9	
Funcional	Frequência	9	77	81	10	177
	% dos Motivos	5,1%	43,5%	45,8%	5,6%	100,0%
	% dos bens	6,6%	27,6%	40,7%	100,0%	28,3%
	Resíduos ajustados	-6,4	-,4	4,7	5,1	
Total	Frequência	137	279	199	10	625
	% dos Motivos	21,9%	44,6%	31,8%	1,6%	100,0%
	% dos bens	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 45.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com os motivos (cenário 2)

		Valor	Sig. aproximado	Monte Carlo Sig.		
				Sig.	99% Intervalo de Confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,565	,000	,000	,000	,000
	V de Cramer	,326	,000	,000	,000	,000
	Coeficiente de Contingência	,492	,000	,000	,000	,000
N dos casos válidos		628				

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 50.1. Distribuição percentual das modalidades no cenário 2

	Liberdade		Confiança		Disciplina		Coletivo		Total
	n	%	n	%	n	%	n	%	
Coação	16	2,56%*	14	2,24%	57	9,12%	0	0%	87
Moral	21	3,36%	69	11,04%	21	3,36%	0	0%	111
Pragmático	62	9,92%	112	17,92%	33	5,28%	0	0%	207
Económico	29	4,64%	7	1,12%	7	1,12%	0	0%	43
Funcional	9	1,44%	77	12,32%	81	12,96%	10	1,6%	177
Total	137	21,92%	279	44,64%	199	31,84%	10	1,6%	625

* Não foram contabilizadas as respostas inválidas e as não respostas

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 34. Resultados Cenário 3 (Medidas de tendência central e de dispersão)

Teste de Kruskal-Wallis						
		Atitude a adotar: Hipótese A	Atitude a adotar: Hipótese B	Atitude a adotar: Hipótese C	Atitude a adotar: Hipótese D	Atitude a adotar: Hipótese E
N	Válido	726	726	726	726	726
	Em falta	0	0	0	0	0
Mediana		2,00	3,00	4,00	5,00	2,00
Moda		2	3	5	5	1
Desvio-padrão		12,827	12,309	14,507	13,044	39,077
Variância		164,537	151,515	210,460	170,158	1527,022

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 34.1. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 3 com ano de escolaridade

Teste Estatístico ^{a,b}							
			Atitude a adotar: Hipótese A	Atitude a adotar: Hipótese B	Atitude a adotar: Hipótese C	Atitude a adotar: Hipótese D	Atitude a adotar: Hipótese E
Qui-quadrado			,002	1,237	8,304	4,993	,204
Graus de liberdade			1	1	1	1	1
Sig. assimpótico			,962	,266	,004	,025	,651
Monte Carlo Sig.	Sig.		,963 ^c	,269 ^c	,004 ^c	,028 ^c	,646 ^c
	99% Intervalo de confiança	Limite inferior	,958	,258	,002	,024	,633
		Limite superior	,968	,280	,005	,032	,658
a. Teste de Kruskal Wallis							
b. Variável agrupada: Ano de escolaridade							

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 34.1.1. Resultados cruzamento da hipótese C com ano de escolaridade

Hipóteses	Ano de escolaridade			
		10º ano	12º ano	Total
Mais injusta	Frequência	61	57	118
	% no Ano de escolaridade	16,2%	20,2%	17,9%
	Resíduo ajustado	-1,3	1,3	
Injusta	Frequência	39	45	84
	% no Ano de escolaridade	10,3%	16,0%	12,7%
	Resíduo ajustado	-2,1	2,1	
Nem justa nem injusta	Frequência	62	46	108
	% no Ano de escolaridade	16,4%	16,3%	16,4%
	Resíduo ajustado	,0	,0	
Justa	Frequência	89	66	155
	% no Ano de escolaridade	23,6%	23,4%	23,5%
	Resíduo ajustado	,1	-,1	
Mais justa	Frequência	126	68	194
	% no Ano de escolaridade	33,4%	24,1%	29,4%
	Resíduo ajustado	2,6	-2,6	
	Frequência	377	282	659
	% no Ano de escolaridade	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Indivuação e reconhecimento*.

Tabela 34.1.1.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese C) e ano de escolaridade

		Valor	Sig. aproximativo	Sig. Monte Carlo		
				Sig.	99% Intervalo de confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,124	,037	,038 ^c	,033	,043
	V de Cramer	,124	,037	,038 ^c	,033	,043
	Coeficiente de contingência	,123	,037	,038 ^c	,033	,043
N dos casos válidos		659				
a. Não assumindo a hipótese nula.						
b. Assumindo a hipótese nula como erro assintótico standard.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Indivuação e reconhecimento*.

Tabela 34.2. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 3 com as escolas

			Teste Estatístico ^{a,b}				
			Atitude a adotar: Hipótese A	Atitude a adotar: Hipótese B	Atitude a adotar: Hipótese C	Atitude a adotar: Hipótese D	Atitude a adotar: Hipótese E
Qui-quadrado			2,849	1,270	15,436	,898	13,076
Graus de liberdade			2	2	2	2	2
Sig. assimpótico			,241	,530	,000	,638	,001
Monte Carlo Sig.	Sig.		,236 ^c	,528 ^c	,000 ^c	,646 ^c	,002 ^c
	99%	Limite inferior	,225	,515	,000	,634	,001
	Intervalo de confiança	Limite superior	,247	,541	,001	,659	,003
a. Teste de Kruskal Wallis							
b. Variável agrupada: Escolas							

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 34.2.1. Resultados cruzamento da hipótese C com as escolas

Hipóteses	Escola				
		A	B	C	Total
Mais injusta	Frequência	18	78	22	118
	% na Escola	27,3%	19,8%	11,1%	17,9%
	Resíduos ajustados	2,1	1,5	-3,0	
Injusta	Frequência	6	58	20	84
	% na Escola	9,1%	14,7%	10,1%	12,7%
	Resíduos ajustados	-,9	1,9	-1,4	
Nem justa nem injusta	Frequência	7	66	35	108
	% na Escola	10,6%	16,8%	17,6%	16,4%
	Resíduos ajustados	-1,3	,3	,5	
Justa	Frequência	23	86	46	155
	% na Escola	34,8%	21,8%	23,1%	23,5%
	Resíduos ajustados	2,3	-1,2	-,2	
Mais justa	Frequência	12	106	76	194
	% na Escola	18,2%	26,9%	38,2%	29,4%
	Resíduos ajustados	-2,1	-1,7	3,2	
	Frequência	66	394	199	659
	% na Escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 34.2.1.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese C) e as escolas

		Valor	Sig. aproximativo	Monte Carlo Sig.		
				Sig.	99% Intervalo de confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,202	,001	,001 ^c	,000	,001
	V de Cramer	,143	,001	,001 ^c	,000	,001
	Coeficiente de contingência	,198	,001	,001 ^c	,000	,001
N dos casos válidos		659				
a. Não assumindo os casos válidos.						
b. Assumindo a hipótese nula como erro assintótico standard.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 34.2.2. Resultados cruzamento da hipótese E com as escolas

Hipóteses	Escola				
		A	B	C	Total
Mais injusta	Frequência	19	135	83	237
	% na Escola	28,8%	34,3%	41,7%	36,0%
	Resíduos ajustados	-1,3	-1,1	2,0	
Injusta	Frequência	11	50	37	98
	% na Escola	16,7%	12,7%	18,6%	14,9%
	Resíduos ajustados	,4	-1,9	1,8	
Nem justa nem injusta	Frequência	8	60	34	102
	% na Escola	12,1%	15,2%	17,1%	15,5%
	Resíduos ajustados	-,8	-,2	,8	
Justa	Frequência	15	93	30	138
	% na Escola	22,7%	23,6%	15,1%	20,9%
	Resíduos ajustados	,4	2,0	-2,4	
Mais justa	Frequência	13	56	15	84
	% na Escola	19,7%	14,2%	7,5%	12,7%
	Resíduos ajustados	1,8	1,4	-2,6	
	Frequência	66	394	199	659
	% na Escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 34.2.2.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese E) e as escolas

		Valor	Sig. aproximativo	Monte Carlo Sig.		
				Sig.	99% Intervalo de confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,171	,013	,012 ^c	,010	,015
	V de Cramer	,121	,013	,012 ^c	,010	,015
	Coeficiente de contingência	,169	,013	,012 ^c	,010	,015
N dos casos válidos		659				
a. Não assumindo os casos válidos.						
b. Assumindo a hipótese nula como erro assintótico standard.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 35. Resultados Cenário 4 (Medidas de tendência central e de dispersão)

Teste de Kruskal-Wallis						
		Atitude a adotar: Hipótese A	Atitude a adotar: Hipótese B	Atitude a adotar: Hipótese C	Atitude a adotar: Hipótese D	Atitude a adotar: Hipótese E
N	Válido	659	659	659	659	659
	Em falta	0	0	0	0	0
Mediana		2,00	4,00	3,00	2,00	5,00
Moda		1	4	3	2	5
Desvio-padrão		9,990	13,740	10,510	14,505	8,240
Variância		99,804	188,793	110,469	210,398	67,903

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 35.1. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 4 com ano de escolaridade

Teste Estatístico ^{a,b}							
			Atitude a adotar: Hipótese A	Atitude a adotar: Hipótese B	Atitude a adotar: Hipótese C	Atitude a adotar: Hipótese D	Atitude a adotar: Hipótese E
Qui-quadrado			11,153	3,625	8,874	,039	2,246
Graus de liberdade			1	1	1	1	1
Sig. assimpótico			,001	,057	,003	,843	,134
Monte Carlo Sig.	Sig.		,001 ^c	,055 ^c	,004 ^c	,847 ^c	,137 ^c
	99% Intervalo de confiança	Limite inferior	,000	,049	,002	,838	,128
		Limite superior	,002	,060	,005	,856	,146
a. Teste de Kruskal Wallis							
b. Variável agrupada: Ano de escolaridade							

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 35.1.1. Resultados cruzamento da hipótese A com o ano de escolaridade

Hipóteses	Ano de escolaridade			
		10º ano	12º ano	Total
Mais injusta	Frequência	201	117	318
	% no ano de escolaridade	48,2%	37,9%	43,8%
	Resíduos ajustados	2,8	-2,8	
Injusta	Frequência	109	78	187
	% no ano de escolaridade	26,1%	25,2%	25,8%
	Resíduos ajustados	,3	-,3	
Nem justa nem injusta	Frequência	49	45	94
	% no ano de escolaridade	11,8%	14,6%	12,9%
	Resíduos ajustados	-1,1	1,1	
Justa	Frequência	30	42	72
	% no ano de escolaridade	7,2%	13,6%	9,9%
	Resíduos ajustados	-2,9	2,9	
Mais justa	Frequência	18	22	40
	% no ano de escolaridade	4,3%	7,1%	5,5%
	Resíduos ajustados	-1,6	1,6	
Inválidas	Frequência	3	3	6
	% no ano de escolaridade	0,7%	1,0%	0,8%
	Resíduos ajustados	-,4	,4	
Não resposta	Frequência	7	2	9
	% no ano de escolaridade	1,7%	0,6%	1,2%
	Resíduos ajustados	1,2	-1,2	
	Frequência	417	309	726
	% no ano de escolaridade	100,0%	100,0%	

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 35.1.1.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese A) e ano de escolaridade

		Valor	Sig. aproximativo	Monte Carlo Sig.		
				Sig.	99% Intervalo de confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,153	,009	,008 ^c	,006	,011
	V de Cramer	,153	,009	,008 ^c	,006	,011
	Coeficiente de contingência	,151	,009	,008 ^c	,006	,011
N dos casos válidos		726				
a. Não assumindo os casos válidos.						
b. Assumindo a hipótese nula como erro assíptótico standard.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 35.1.2. Resultados cruzamento da hipótese C com o ano de escolaridade

Hipóteses	Ano de escolaridade			
		10º ano	12º ano	Total
Mais injusta	Frequência	23	39	62
	% no ano de escolaridade	5,5%	12,6%	8,5%
	Resíduos ajustados	-3,4	3,4	
Injusta	Frequência	67	63	130
	% no ano de escolaridade	16,1%	20,4%	17,9%
	Resíduos ajustados	-1,5	1,5	
Nem justa nem injusta	Frequência	157	100	257
	% no ano de escolaridade	37,6%	32,4%	35,4%
	Resíduos ajustados	1,5	-1,5	
Justa	Frequência	109	69	178
	% no ano de escolaridade	26,1%	22,3%	24,5%
	Resíduos ajustados	1,2	-1,2	
Mais justa	Frequência	52	31	83
	% no ano de escolaridade	12,5%	10,0%	11,4%
	Resíduos ajustados	1,0	-1,0	
Inválida	Frequência	4	4	8
	% no ano de escolaridade	1,0%	1,3%	1,1%
	Resíduos ajustados	-,4	,4	
Não resposta	Frequência	5	3	8
	% no ano de escolaridade	1,2%	1,0%	1,1%
	Resíduos ajustados	,3	-,3	
	Frequência	417	309	726
	% no ano de escolaridade	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 35.1.2.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese C) e ano de escolaridade

		Valor	Sig. aproximativo	Monte Carlo Sig.		
				Sig.	99% Intervalo de confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,148	,014	,013 ^c	,010	,016
	V de Cramer	,148	,014	,013 ^c	,010	,016
	Coeficiente de contingência	,147	,014	,013 ^c	,010	,016
N dos casos válidos		726				
a. Não assumindo os casos válidos.						
b. Assumindo a hipótese nula como erro assintótico standard.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 35.2. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 4 com o sexo

Teste Estatístico ^{a,b}							
			Atitude a adotar: Hipótese A	Atitude a adotar: Hipótese B	Atitude a adotar: Hipótese C	Atitude a adotar: Hipótese D	Atitude a adotar: Hipótese E
Qui-quadrado			3,179	1,698	7,602	1,188	4,599
Graus de liberdade			1	1	1	1	1
Sig. assintótico			,075	,192	,006	,276	,032
Monte Carlo Sig.	Sig.		,074 ^c	,192 ^c	,006 ^c	,284 ^c	,030 ^c
	99% Intervalo de confiança	Limite inferior	,067	,182	,004	,273	,026
		Limite superior	,081	,202	,007	,296	,035
a. Teste de Kruskal Wallis							
b. Variável agrupada: Sexo							

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 35.2.1. Resultados cruzamento da hipótese C com o sexo

Hipóteses	Sexo			
		F	M	Total
Mais injusta	Frequência	29	33	62
	% no sexo	7,3%	10,1%	8,6%
	Resíduos ajustados	-1,3	1,3	
Injusta	Frequência	54	76	130
	% no sexo	13,7%	23,2%	18,0%
	Resíduos ajustados	-3,3	3,3	
Nem justa nem injusta	Frequência	153	103	256
	% no sexo	38,7%	31,5%	35,5%
	Resíduos ajustados	2,0	-2,0	
Justa	Frequência	100	77	177
	% no sexo	25,3%	23,5%	24,5%
	Resíduos ajustados	,6	-,6	
Mais justa	Frequência	52	31	83
	% no sexo	13,2%	9,5%	11,5%
	Resíduos ajustados	1,5	-1,5	
Inválida	Frequência	5	3	8
	% no sexo	1,3%	0,9%	1,1%
	Resíduos ajustados	,4	-,4	
Não resposta	Frequência	2	4	6
	% no sexo	0,5%	1,2%	0,8%
	Resíduos ajustados	-1,1	1,1	
	Frequência	395	327	722
	% no sexo	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 35.2.1.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese C) e o sexo

		Valor	Sig. aproximativo	Monte Carlo Sig.		
				Sig.	99% Intervalo de confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,153	,009	,007 ^c	,005	,009
	V de Cramer	,153	,009	,007 ^c	,005	,009
	Coefficiente de contingência	,152	,009	,007 ^c	,005	,009
N dos casos válidos		722				
a. Não assumindo os casos válidos.						
b. Assumindo a hipótese nula como erro assintótico standard.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 35.3. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 4 com as escolas

Teste Estatístico ^{a,b}							
			Atitude a adotar: Hipótese A	Atitude a adotar: Hipótese B	Atitude a adotar: Hipótese C	Atitude a adotar: Hipótese D	Atitude a adotar: Hipótese E
Qui-quadrado			10,796	,741	7,913	,176	2,238
Graus de liberdade			2	2	2	2	2
Sig. assimpótico			,005	,690	,019	,916	,327
Monte Carlo Sig.	Sig.		,005 ^c	,690 ^c	,018 ^c	,913 ^c	,326 ^c
	99% Intervalo de confiança	Limite inferior	,003	,678	,014	,906	,314
		Limite superior	,007	,702	,021	,920	,338
a. Teste de Kruskal Wallis							
b. Variável agrupada: Sexo							

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 35.3.1. Resultados cruzamento da hipótese C com as escolas

Hipóteses	Escola				
		A	B	C	Total
Mais injusta	Frequência	5	46	11	62
	% na Escola	6,8%	10,5%	5,2%	8,5%
	Resíduos ajustados	-,6	2,3	-2,1	
Injusta	Frequência	11	85	34	130
	% na Escola	14,9%	19,4%	16,0%	17,9%
	Resíduos ajustados	-,7	1,3	-,9	
Nem justa nem injusta	Frequência	24	151	82	257
	% na Escola	32,4%	34,4%	38,5%	35,4%
	Resíduos ajustados	-,6	-,7	1,1	
Justa	Frequência	15	106	57	178
	% na Escola	20,3%	24,1%	26,8%	24,5%
	Resíduos ajustados	-,9	-,3	,9	
Mais justa	Frequência	17	40	26	83
	% na Escola	23,0%	9,1%	12,2%	11,4%
	Resíduos ajustados	3,3	-2,4	,4	
Inválida	Frequência	1	4	3	8
	% na Escola	1,4%	0,9%	1,4%	1,1%
	Resíduos ajustados	,2	-,6	,5	
Não resposta	Frequência	1	7	0	8
	% na Escola	1,4%	1,6%	0,0%	1,1%
	Resíduos ajustados	,2	1,6	-1,8	
	Frequência	74	439	213	726
	% na Escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 35.3.1.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese C) e a escola

		Valor	Sig. aproximativo	Monte Carlo Sig.		
				Sig.	99% Intervalo de confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,177	,029	,031 ^c	,026	,035
	V de Cramer	,125	,029	,031 ^c	,026	,035
	Coeficiente de contingência	,175	,029	,031 ^c	,026	,035
N dos casos válidos		726				
a. Não assumindo os casos válidos.						
b. Assumindo a hipótese nula como erro assintótico standard.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 35.4. Resultados cruzamento das hipóteses Cenário 4 com o curso

Teste Estatístico ^{a,b}							
			Atitude a adotar: Hipótese A	Atitude a adotar: Hipótese B	Atitude a adotar: Hipótese C	Atitude a adotar: Hipótese D	Atitude a adotar: Hipótese E
Qui-quadrado			6,940	1,062	13,706	9,198	1,619
Graus de liberdade			3	3	3	3	3
Sig. assimpótico			,074	,786	,003	,027	,655
Monte Carlo Sig.	Sig.		,076 ^c	,791 ^c	,004 ^c	,028 ^c	,651 ^c
	99% Intervalo de confiança	Limite inferior	,069	,780	,002	,024	,639
		Limite superior	,083	,801	,005	,032	,663
a. Teste de Kruskal Wallis							
b. Variável agrupada: Curso							

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 35.4.1. Resultados cruzamento da hipótese C com o curso

Hipóteses	Curso						
		CT	SE	LH	AV	Prof	Total
Mais injusta	Frequência	23	19	16	4	0	62
	% no curso	7,8%	13,8%	8,8%	4,0%	0,0%	8,5%
	Resíduos ajustados	-,6	2,4	,1	-1,7	-1,1	
Injusta	Frequência	44	33	30	20	3	130
	% no curso	14,9%	23,9%	16,5%	20,2%	25,0%	17,9%
	Resíduos ajustados	-1,7	2,0	-,6	,6	,6	
Nem justa nem injusta	Frequência	110	50	62	34	1	257
	% no curso	37,3%	36,2%	34,1%	34,3%	8,3%	35,4%
	Resíduos ajustados	,9	,2	-,4	-,2	-2,0	
Justa	Frequência	71	23	50	30	4	178
	% no curso	24,1%	16,7%	27,5%	30,3%	33,3%	24,5%
	Resíduos ajustados	-,2	-2,4	1,1	1,4	,7	
Mais justa	Frequência	42	10	18	10	3	83
	% no curso	14,2%	7,2%	9,9%	10,1%	25,0%	11,4%
	Resíduos ajustados	2,0	-1,7	-,8	-,4	1,5	
Inválida	Frequência	4	1	1	1	1	8
	% no curso	1,4%	0,7%	0,5%	1,0%	8,3%	1,1%
	Resíduos ajustados	,5	-,5	-,8	-,1	2,4	
Não resposta	Frequência	1	2	5	0	0	8
	% no curso	0,3%	1,4%	2,7%	0,0%	0,0%	1,1%
	Resíduos ajustados	-1,6	,4	2,5	-1,1	-,4	
	Frequência	295	138	182	99	12	726
	% no curso	100,0%	100,0%	100,0	100,0	100,0	100,0
				%	%	%	%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 35.4.1.a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese C) e o curso

		Valor	Sig. aproximativo	Monte Carlo Sig.		
				Sig.	99% Intervalo de confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,242	,011	,022 ^c	,018	,026
	V de Cramer	,121	,011	,022 ^c	,018	,026
	Coeficiente de contingência	,235	,011	,022 ^c	,018	,026
N dos casos válidos		726				
a. Não assumindo os casos válidos.						
b. Assumindo a hipótese nula como erro assintótico standard.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Quadro X - Resumo da associação das variáveis (Cenário 5)

Categorias	Sociodemográficas				Escolares			
	Sexo	Idade	Hab. EE	Classe Pai	Escola	Ano escolar	Reprov.	Med. Cor.
Bens	N.S.	0.105	N.S.	0.115	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.
Motivos	0.140	0.139	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	0.155	N.S.
Mais justa	0.172	0.089	0.137	0.125	0.121	N.S.	N.S.	N.S.

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 45.1. Associação da atitude a adotar com o sexo (Cenário 5)

Hipóteses	Sexo			
		F	M	Total
Concordo com o regulamento; imagem em causa	Frequência	173	88	173
	% no Sexo	21,7%	28,8%	24,8%
	Resíduos ajustados	-2,1	2,1	
Não concordo; cabe ao bom senso	Frequência	150	56	150
	% no Sexo	24,0%	18,3%	21,5%
	Resíduos ajustados	1,8	-1,8	
Não concordo; violação da liberdade de expressão	Frequência	92	53	92
	% no Sexo	10,0%	17,3%	13,2%
	Resíduos ajustados	-2,8	2,8	
Não concordo; são aspetos separados	Frequência	79	37	79
	% no Sexo	10,7%	12,1%	11,3%
	Resíduos ajustados	-,6	,6	
Concordo; mas a empresa devia falar primeiro	Frequência	196	68	196
	% no Sexo	32,7%	22,2%	28,1%
	Resíduos ajustados	3,1	-3,1	
Não resposta	Frequência	7	4	7
	% no Sexo	0,8%	1,3%	1,0%
	Resíduos ajustados	-,7	,7	
	Frequência	391	306	697
	% no Sexo	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 44.1.a) Medidas de associação da atitude a adotar com o sexo

		Valor	Sig. aproximado	Sig. exato
Nominal por Nominal	Phi	,172	,001	,001
	V de Cramer	,172	,001	,001
	Coeficiente de Contingência	,169	,001	,001
N dos casos válidos		697		

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 44.2. Associação da atitude a adotar com a escola (Cenário 5)

Hipóteses	Escola				
		A	B	C	Total
Concordo com o regulamento; imagem em causa	Frequência	8	120	45	173
	% na Escola	11,3%	28,4%	22,0%	24,7%
	Resíduos ajustados	-2,8	2,7	-1,1	
Não concordo; cabe ao bom senso	Frequência	12	86	52	150
	% na Escola	16,9%	20,3%	25,4%	21,5%
	Resíduos ajustados	-1,0	-,9	1,6	
Não concordo; liberdade de expressão	Frequência	16	55	21	92
	% na Escola	22,5%	13,0%	10,2%	13,2%
	Resíduos ajustados	2,5	-,2	-1,5	
Não concordo; são aspetos separados	Frequência	8	45	26	79
	% na Escola	11,3%	10,6%	12,7%	11,3%
	Resíduos ajustados	,0	-,7	,7	
Concordo; mas a empresa devia falar primeiro	Frequência	25	113	58	196
	% na Escola	35,2%	26,7%	28,3%	28,0%
	Resíduos ajustados	1,4	-1,0	,1	
Não resposta	Frequência	2	4	3	9
	% na Escola	2,8%	,9%	1,5%	1,3%
	Resíduos ajustados	1,2	-1,0	,3	
	Frequência	71	423	205	699
	% na Escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 44.2.a) Medidas de associação da atitude a adotar com a escola

		Valor	Sig. aproximado	Monte Carlo Sig.		
				Sig.	99% Intervalo de Confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,166	,029	,031 ^c	,027	,036
	V de Cramer	,118	,029	,031 ^c	,027	,036
	Coeficiente de Contingência	,164	,029	,031 ^c	,027	,036
N dos casos válidos		726				
a. Não assumindo a hipótese nula.						
b. Assumindo a hipótese nula usando o erro padrão assintótico.						
c. Baseado em 10000 tabelas aleatórias.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 44.3. Associação da atitude a adotar com o lugar de classe do pai (Cenário 5)

Hipóteses	Lugar de classe Pai								
		EDL	PTE	TI	AI	EE	OI	Desc.	Total
Concordo com o regulamento ; imagem	Freq.	50	64	11	0	28	3	4	160
	% na classe	26,5%	30,0%	29,7%	0,0%	16,7%	13,0%	25,0%	24,7%
	Res, ajust.	,7	2,2	,7	-,6	-2,8	-1,3	,0	
Não concordo; bom senso	Freq.	34	47	6	1	47	3	1	139
	% na classe	18,0%	22,1%	16,2%	100,0%	28,0%	13,0%	6,2%	21,5%
	Res, ajust.	-1,4	,3	-,8	1,9	2,4	-1,0	-1,5	
Não concordo; liberdade	Freq.	26	33	4	0	18	0	3	84
	% na classe	13,8%	15,5%	10,8%	0,0%	10,7%	0,0%	18,8%	13,0%
	Res, ajust.	,4	1,3	-,4	-,4	-1,0	-1,9	,7	
Não concordo; aspetos separados	Freq.	23	16	5	0	28	4	3	79
	% na classe	12,2%	7,5%	13,5%	0,0%	16,7%	17,4%	18,8%	12,2%
	Res, ajust.	,0	-2,6	,2	-,4	2,1	,8	,8	
Concordo; devia falar com trabalhadores	Freq.	54	52	11	0	45	13	4	179
	% na classe	28,6%	24,4%	29,7%	0,0%	26,8%	56,5%	25,0%	27,7%
	Res, ajust.	,3	-1,3	,3	-,6	-,3	3,1	-,2	
Não resposta	Freq.		1	0	0	2	0	1	6
	% na classe		0,5%	0,0%	0,0%	1,2%	0,0%	6,2%	0,9%
	Res, ajust.		-,9	-,6	-,1	,4	-,5	2,2	
	Freq.	189	213	37	1	168	23	16	647
	% na classe	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individação e reconhecimento*.

Tabela 44.3.a) Medidas de associação da atitude a adotar com o lugar de classe do pai

		Valor	Sig. aproximado	Monte Carlo Sig.		
				Sig.	99% Intervalo de Confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,269	,026	,030 ^c	,026	,034
	V de Cramer	,120	,026	,030 ^c	,026	,034
	Coeficiente de Contingência	,260	,026	,030 ^c	,026	,034
N dos casos válidos		647				
a. Não assumindo a hipótese nula.						
b. Assumindo a hipótese nula usando o erro padrão assintótico.						
c. Baseado em 10000 tabelas aleatórias.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 46.1.1. Resumo do processo de transformação (ACM Cenário 5)

Casos ativos válidos	627
Casos ativos válidos com valores em falta	1
Casos suplementares	0
Total	628
Cases usados na análise	628

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 46.1.2. Resumo do modelo (ACM Cenário5)

Di mensão	Alpha de Cronbach	Variância explicada	
		Total (Valor próprio)	Inércia
1	,672	2,017	,504
2	,625	1,883	,471
Total		3,900	,975
Média	,649 ^a	1,950	,487
a. Média de Alpha de Cronbach é baseada na média do valor próprio.			

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 46.2. Medidas de discriminação (ACM Cenário 5)

	Dimensão		Média
	1	2	
Idade	,008	,055	,032
Cenário 5: Atitude a adotar	,765	,711	,738
Justificação Bens	,757	,765	,761
Justificação Motivos	,487	,351	,419
Total ativo	2,017	1,883	1,950

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 47. Distribuição dos bens gramaticais da justificação (Cenário 5)

	Bens	Frequência	Porcentagem
Válido	Liberdade	218	30,0
	Confiança	179	24,7
	Disciplina	130	17,9
	Coletivo	112	15,4
	Inválido	16	2,2
	Não resposta	67	9,2
	Total	722	99,4
Em falta	Sistema	4	,6
Total		726	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 47.1. Associação dos bens gramaticais com o lugar de classe do pai (Cenário 5)

Bens	Lugar de classe Pai								
		EDL	PTE	TI	AI	EE	OI	Desc	Total
Liberdade	Freq.	54	69	6	0	60	4	5	198
	% na classe	29,2%	32,7%	16,7%	,0%	35,7%	18,2%	33,3%	31,0%
	Res, ajust.	-,6	,6	-1,9	-,7	1,5	-1,3	,2	
Confiança	Freq.	42	49	11	0	48	10	1	112
	% na classe	22,7%	23,2%	30,6%	,0%	28,6%	45,5%	6,7%	17,6%
	Res, ajust.	-1,0	-,9	,7	-,6	1,1	2,2	-1,1	
Disciplina	Freq.	29	43	7	1	27	4	1	112
	% na classe	15,7%	20,4%	19,4%	100,0 %	16,1%	18,2%	6,7%	17,6%
	Res, ajust.	-,8	1,3	,3	2,2	-,6	,1	-1,1	
Coletivo	Freq.	38	33	5	0	23	4	3	106
	% na classe	20,5%	15,6%	13,9%	,0%	13,7%	18,2%	20,0%	16,6%
	Res, ajust.	1,7	-,5	-,5	-,4	-1,2	,2	,4	
Inválido	Freq.	5	3	0	0	0	0	1	9
	% na classe	2,7%	1,4%	,0%	,0%	,0%	,0%	6,7%	1,4%
	Res, ajust.	1,8	,0	-,7	-,1	-1,8	-,6	1,7	
Não resposta	Freq.	17	14	7	0	10	0	3	51
	% na classe	9,2%	6,6%	19,4%	,0%	6,0%	,0%	20,0%	8,0%
	Res, ajust.	,7	-,9	2,6	-,3	-1,1	-1,4	1,7	
	Freq.	185	211	36	1	168	22	15	638
	% na classe	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 47.1.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com o lugar de classe do pai

		Valor	Sig. aproximado	Sig. exato
Nominal por Nominal	Phi	,257	,069	,000
	V de Cramer	,115	,069	,000
	Coeficiente de Contingência	,249	,069	,000
N dos casos válidos		638		

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 48. Distribuição dos motivos da justificação (Cenário 5)

Motivos		Frequência	Percentagem
Válido	Coação	29	4,0
	Moral	76	10,5
	Pragmático-conciliatório	287	39,5
	Económico	52	7,2
	Funcional	195	26,9
	Inválido	16	2,2
	Não resposta	67	9,2
	Total	722	99,4
Em falta	Sistema	4	,6
Total		726	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 48.1. Associação dos motivos da justificação com o sexo (Cenário 5)

Motivos	Sexo			
		F	M	Total
Coação	Frequência	11	19	30
	% no Sexo	2,8%	6,2%	4,3%
	Resíduos ajustados	-2,2	2,2	
Moral	Frequência	42	29	71
	% no Sexo	10,7%	9,5%	10,2%
	Resíduos ajustados	,5	-,5	
Pragmático-conciliatório	Frequência	172	114	286
	% no Sexo	44,0%	37,3%	41,0%
	Resíduos ajustados	1,8	-1,8	
Económico	Frequência	25	27	52
	% no Sexo	6,4%	8,8%	7,5%
	Resíduos ajustados	-1,2	1,2	
Funcional	Frequência	108	79	187
	% no Sexo	27,6%	25,8%	26,8%
	Resíduos ajustados	,5	-,5	
Inválido	Frequência	3	9	12
	% no Sexo	,8%	2,9%	1,7%
	Resíduos ajustados	-2,2	2,2	
Não resposta	Frequência	30	29	59
	% no Sexo	7,7%	9,5%	8,5%
	Resíduos ajustados	-,8	,8	
	Frequência	391	306	697
	% no Sexo	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Indivuação e reconhecimento*.

Tabela 48.1.a) Medidas de associação dos motivos com o sexo

		Valor	Sig. aproximado
Nominal por Nominal	Phi	,140	,033
	V de Cramer	,140	,033
	Coeficiente de Contingência	,139	,033
N dos casos válidos		697	

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Indivuação e reconhecimento*.

Tabela 48.2. Associação dos motivos da justificação com a idade (Cenário 5)

Motivos		Idade				
		<15	16	>17-18<	>19	Total
Coação	Frequência	5	3	11	10	29
	% na Idade	2,4%	2,3%	5,0%	6,4%	4,1%
	Resíduos ajustados	-1,4	-1,1	,8	1,7	
Moral	Frequência	26	12	17	21	76
	% na Idade	12,5%	9,4%	7,7%	13,4%	10,6%
	Resíduos ajustados	1,0	-,5	-1,7	1,3	
Pragmático-conciliatório	Frequência	98	51	91	47	287
	% na Idade	47,1%	39,8%	41,0%	29,9%	40,1%
	Resíduos ajustados	2,4	-,1	,3	-3,0	
Económico	Frequência	15	10	9	18	52
	% na Idade	7,2%	7,8%	4,1%	11,5%	7,3%
	Resíduos ajustados	,0	,3	-2,2	2,3	
Funcional	Frequência	50	40	65	39	194
	% na Idade	24,0%	31,2%	29,3%	24,8%	27,1%
	Resíduos ajustados	-1,2	1,2	,9	-,7	
Inválido	Frequência	3	1	6	3	13
	% na Idade	1,4%	0,8%	2,7%	1,9%	1,8%
	Resíduos ajustados	-,5	-1,0	1,2	,1	
Não resposta	Frequência	11	11	23	19	64
	% na Idade	5,3%	8,6%	10,4%	12,1%	9,0%
	Resíduos ajustados	-2,2	-,2	,9	1,6	
	Frequência	208	128	222	157	715
	% na Idade	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 48.2.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com a idade dos estudantes

		Valor	Sig. aproximado
Nominal por Nominal	Phi	,341	,002
	V de Cramer	,139	,002
	Coeficiente de Contingência	,323	,002
N dos casos válidos		696	

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 49. Associação entre os bens gramaticais e os motivos (Cenário 5)

Motivos	Bem					
		Liberdade	Confiança	Disciplina	Coletivo	Total
Coação	Frequência	10	5	11	1	27
	% dos Motivos	37,0%	18,5%	40,7%	3,7%	100,0%
	% dos bens	4,7%	2,8%	8,7%	0,9%	4,3%
	Resíduos ajustados	,4	-1,2	2,7	-1,9	
Moral	Frequência	19	9	28	19	75
	% dos Motivos	25,3%	12,0%	37,3%	25,3%	100,0%
	% dos bens	9,0%	5,1%	22,0%	17,3%	12,0%
	Resíduos ajustados	-1,6	-3,3	3,9	1,9	
Pragmático-conciliatório	Frequência	68	133	38	42	281
	% dos Motivos	24,2%	47,3%	13,5%	14,9%	100,0%
	% dos bens	32,2%	75,1%	29,9%	38,2%	45,0%
	Resíduos ajustados	-4,6	9,5	-3,8	-1,6	
Económico	Frequência	2	12	17	21	52
	% dos Motivos	3,8%	23,1%	32,7%	40,4%	100,0%
	% dos bens	0,9%	6,8%	13,4%	19,1%	8,3%
	Resíduos ajustados	-4,8	-,9	2,3	4,5	
Funcional	Frequência	112	18	33	27	190
	% dos Motivos	58,9%	9,5%	17,4%	14,2%	100,0%
	% dos bens	53,1%	10,2%	26,0%	24,5%	30,4%
	Resíduos ajustados	8,8	-6,9	-1,2	-1,5	
Total	Frequência	211	177	127	110	625
	% dos Motivos	33,8%	28,3%	20,3%	17,6%	100,0%
	% dos bens	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 49.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com os motivos (cenário 5)

		Valor	Sig. aproximado	Monte Carlo Sig.		
				Sig.	99% Intervalo de Confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,533	,000	,000 ^c	,000	,000
	V de Cramer	,308	,000	,000 ^c	,000	,000
	Coeficiente de Contingência	,470	,000	,000 ^c	,000	,000
N dos casos válidos		625				

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 50.2. Distribuição percentual das modalidades no cenário 5

	Liberdade		Confiança		Disciplina		Coletivo		Total
	n	%	n	%	n	%	n	%	
Coação	10	1,6%*	5	0,8%	11	1,76%	1	0,16%	27
Moral	19	3,04%	9	1,44	28	4,48%	19	3,04%	75
Pragmático	68	10,88%	133	21,28%	38	6,08%	42	6,72%	281
Económico	2	0,32%	12	1,92%	17	2,72%	21	3,36%	52
Funcional	112	17,92%	18	2,88%	33	5,28%	27	4,32%	190
Total	211	33,76%	177	28,32%	127	20,32%	110	17,6%	625

* Não foram contabilizadas as respostas inválidas e as não respostas

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 52. Resultados frequências relativas (Cenário 6)

	Atitude a adotar: Hipótese A	Atitude a adotar: Hipótese B	Atitude a adotar: Hipótese C	Atitude a adotar: Hipótese D	Atitude a adotar: Hipótese E	Total
Mais injusta	31,4	4,2	11,4	36,4	16,6	100,0
Injusta	22,8	4,8	20,1	26,4	25,9	100,0
Nem justa nem injusta	22,5	8,3	23,8	20,2	25,2	100,0
Justa	16,5	20,2	26,9	13,9	22,5	100,0
Mais justa	6,9	62,5	17,7	3,1	9,8	100,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 52.1. Resultados Cenário 6 (Medidas de tendência central e de dispersão)

Teste de Kruskal-Wallis						
		Atitude a adotar: Hipótese A	Atitude a adotar: Hipótese B	Atitude a adotar: Hipótese C	Atitude a adotar: Hipótese D	Atitude a adotar: Hipótese E
N	Válido	726	726	726	726	726
	Em falta	0	0	0	0	0
Mediana		2,00	5,00	3,00	2,00	3,00
Moda		1	5	4	1	3
Desvio-padrão		19,210	14,729	17,154	17,640	16,504
Variância		369,021	216,951	294,262	311,182	272,379

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 52.2. Resultados cruzamento da hipótese C com a escola (cenário 6)

Hipóteses	Escola				
		A	B	C	Total
Mais injusta	Frequência	14	45	19	78
	% na Escola	18,9%	10,3%	8,9%	10,7%
	Resíduo ajustado	2,4	-,5	-1,0	
Injusta	Frequência	18	87	36	141
	% na Escola	24,3%	19,8%	16,9%	19,4%
	Resíduo ajustado	1,1	,3	-1,1	
Nem justa nem injusta	Frequência	12	108	47	167
	% na Escola	16,2%	24,6%	22,1%	23,0%
	Resíduo ajustado	-1,5	1,3	-,4	
Justa	Frequência	21	110	61	192
	% na Escola	28,4%	25,1%	28,6%	26,4%
	Resíduo ajustado	,4	-1,0	,9	
Mais justa	Frequência	5	74	45	124
	% na Escola	6,8%	16,9%	21,1%	17,1%
	Resíduo ajustado	-2,5	-,2	1,9	
Resposta inválida	Frequência	0	2	2	4
	% na Escola	0,0%	0,5%	0,9%	0,6%
	Resíduo ajustado	-,7	-,4	,9	
Não resposta	Frequência	4	13	3	20
	% na Escola	5,4%	3,0%	1,4%	2,8%
	Resíduo ajustado	1,5	,4	-1,4	
	Frequência	74	439	213	726
	% na Escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 52.2. a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese C) e a escola

		Valor	Sig. aproximativo	Sig. Monte Carlo		
				Sig.	99% Intervalo de confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,170	,051	,052 ^c	,046	,058
	V de Cramer	,120	,051	,052 ^c	,046	,058
	Coeficiente de contingência	,168	,051	,052 ^c	,046	,058
N dos casos válidos		726				
a. Não assumindo a hipótese nula.						
b. Assumindo a hipótese nula como erro assintótico standard.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Quadro X - Resumo da associação das variáveis do cenário 7

Categorias	Sociodemográficas					Escolares	
	Sexo	Idade	Hab. EE	Classe Pai	Classe Mãe	Escola	Ano escolar
Bens de integração	0.208	0.129	0.138	0.115	0.111	0.153	0.181
Motivos de integração	0.153	N.S.	N.S.	0.156	0.079	0.142	0.157
Mais justa	0.176	0.146	0.133	N.S.	0.137	N.S.	N.S.
Mais injusta	0.270	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.	N.S.

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 54. Distribuição das hipóteses mais justas (Cenário 7)

Hipóteses	Freq.	%
A. Criar turma especial e instalar alunos num pavilhão	34	4,7
B. Espalhar alunos pelas diversas turmas	230	31,7
C. Concentrar os alunos numa turma já existente	14	1,9
D. Não desistir, criar turma especial e limitar mobilidade dos alunos	31	4,3
E. Concentrar alunos numa turma e promover sensibilização	217	29,9
Resposta inválida	1	,1
Não responde	12	1,7
Total	539	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 54.1. Distribuição das hipóteses mais injustas (Cenário 7)

Hipóteses	Freq.	%
A. Criar turma especial e instalar alunos num pavilhão	34	4,7
B. Espalhar alunos pelas diversas turmas	8	1,1
C. Concentrar os alunos numa turma já existente	4	0,6
D. Não desistir, criar turma especial e limitar mobilidade dos alunos	145	20,0
E. Concentrar alunos numa turma e promover sensibilização	2	0,3
Não responde	194	26,7
Total	539	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 54.2. Resultados cruzamento das hipóteses mais justas com o sexo

Hipóteses	Sexo			
		F	M	Total
Turma Especial	Frequência	14	20	34
	% no sexo	4,7%	8,3%	6,4%
	Resíduos ajustados	-1,7	1,7	
Espalhar alunos	Frequência	125	105	230
	% no sexo	42,4%	43,8%	43,0%
	Resíduos ajustados	-,3	,3	
Concentrar numa turma	Frequência	7	7	14
	% no sexo	2,4%	2,9%	2,6%
	Resíduos ajustados	-,4	,4	
Não desistir e limitar espaços	Frequência	10	21	31
	% no sexo	3,4%	8,8%	5,8%
	Resíduos ajustados	-2,6	2,6	
Sensibilizar	Frequência	136	81	217
	% no sexo	46,1%	33,8%	40,6%
	Resíduos ajustados	2,9	-2,9	
Inválida	Frequência	0	1	1
	% no sexo	0,0%	0,4%	0,2%
	Resíduos ajustados	-1,1	1,1	
NR	Frequência	3	5	8
	% no sexo	1,0%	2,1%	1,5%
	Resíduos ajustados	-1,0	1,0	
	Frequência	295	240	535
	% no sexo	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 54.2.a) Medidas de associação das hipóteses mais justas com o sexo

		Valor	Sig. aproximativo	Monte Carlo Sig.		
				Sig.	99% Intervalo de confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,176	,011	,007 ^c	,005	,009
	V de Cramer	,176	,011	,007 ^c	,005	,009
	Coeficiente de contingência	,174	,011	,007 ^c	,005	,009
N dos casos válidos		535				
a. Não assumindo os casos válidos.						
b. Assumindo a hipótese nula como erro assintótico standard.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 54.3. Resultados cruzamento das hipóteses mais justas com a idade

Hip.	Idade										Total
		14	15	16	17	18	19	20	22	23	
Tur.Especial	Freq.	2	8	8	7	6	2	1	0	0	34
	% na idade	66,7%	5,2%	7,7%	4,5%	7,6%	8,3%	7,7%	,0%	,0%	6,4%
	Resíduo ajustado	4,3	-,7	,6	-1,1	,5	,4	,2	-,3	-,3	
Espalhar	Freq.	1	51	50	73	37	10	7	0	0	229
	% na idade	33,3%	33,3%	48,1%	47,4%	46,8%	41,7%	53,8%	,0%	,0%	43,0 %
	Resíduo ajustado	-,3	-2,9	1,2	1,3	,7	-,1	,8	-,9	-,9	
Tur.existente	Freq.	0	4	5	1	2	1	0	0	0	13
	% na idade	,0%	2,6%	4,8%	,6%	2,5%	4,2%	,0%	,0%	,0%	2,4%
	Resíduo ajustado	-,3	,2	1,7	-1,7	,1	,6	-,6	-,2	-,2	
Nãodesistir	Freq.	0	8	10	8	3	0	0	0	1	30
	% na idade	,0%	5,2%	9,6%	5,2%	3,8%	,0%	,0%	,0%	100,0%	5,6%
	Resíduo ajustado	-,4	-,3	2,0	-,3	-,8	-1,2	-,9	-,2	4,1	
Sensibilizar	Freq.	0	78	31	62	30	10	5	1	0	217
	% na idade	,0%	51,0%	29,8%	40,3%	38,0%	41,7%	38,5%	100,0 %	,0%	40,8 %
	Resíduo ajustado	-1,4	3,0	-2,5	-,2	-,6	,1	-,2	1,2	-,8	
Inválido	Freq.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
	% na idade	,0%	,0%	,0%	,6%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,2%
	Resíduo ajustado	-,1	-,6	-,5	1,6	-,4	-,2	-,2	,0	,0	
NR	Freq.	0	4	0	2	1	1	0	0	0	8
	% na idade	,0%	2,6%	,0%	1,3%	1,3%	4,2%	,0%	,0%	,0%	1,5%
	Res. aj.	-,2	1,3	-1,4	-,2	-,2	1,1	-,5	-,1	-,1	
	Freq.	3	153	104	154	79	24	13	1	1	532
	%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100	100

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 54.3.a) Medidas de associação das hipóteses com a idade

		Valor	Sig. aproximado	Sig. exato
Nominal por Nominal	Phi	,358	,029	,000
	V de Cramer	,146	,029	,000
	Coeficiente de contingência	,337	,029	,000
N dos casos válidos		532		

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 54.4. Resultados cruzamento hipóteses com habilitações Encarregados Ed.

H	Habilitações Encarregados de Educação										
		1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Sec	Pos Sec	Bac	Lic	Mes	Dou	Total
Tur.Especial	Freq.	2	2	4	13	2	0	7	1	2	33
	% hab.	7,7%	11,1%	5,8%	9,5%	4,9%	,0%	5,1%	2,8%	11,8%	6,5%
	Resíduo ajustado	,3	,8	-,3	1,7	-,4	-1,2	-,8	-,9	,9	
Espalhar	Freq.	10	7	25	51	16	7	72	19	8	218
	% hab. EE	38,5%	38,9%	36,2%	37,2%	39,0%	36,8%	52,6%	52,8%	47,1%	43,0%
	Resíduo ajustado	-,5	-,4	-1,2	-1,6	-,5	-,6	2,6	1,2	,3	
Turexistente	Freq.	1	1	1	4	0	1	0	2	1	11
	% hab.	3,8%	5,6%	1,4%	2,9%	,0%	5,3%	,0%	5,6%	5,9%	2,2%
	Resíduo ajustado	,6	1,0	-,4	,7	-1,0	,9	-2,0	1,4	1,1	
Nãodesistir	Freq.	2	0	5	9	3	2	3	2	0	26
	% hab.	7,7%	,0%	7,2%	6,6%	7,3%	10,5%	2,2%	5,6%	,0%	5,1%
	Resíduo ajustado	,6	-1,0	,9	,9	,7	1,1	-1,8	,1	-1,0	
Sensibilizar	Freq.	11	8	30	58	19	9	55	11	6	210
	% hab.	42,3%	44,4%	43,5%	42,3%	46,3%	47,4%	40,1%	30,6%	35,3%	41,4%
	Resíduo ajustado	,1	,3	,4	,3	,7	,5	-,4	-1,4	-,5	
Inválido	Freq.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
	% hab.	,0%	,0%	,0%	,7%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,2%
	Resíduo ajustado	-,2	-,2	-,4	1,6	-,3	-,2	-,6	-,3	-,2	
NR	Freq.	0	0	4	1	1	0	0	1	0	8
	% Hab.	,0%	,0%	5,8%	,7%	2,4%	,0%	,0%	2,8%	,0%	1,6%
	Resíduo ajustado	-,7	-,5	3,0	-,9	,5	-,6	-1,7	,6	-,5	
	Freq.	26	18	69	137	41	19	137	36	17	507
	% Hab.	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 54.4.a) Medidas de associação das hipóteses com hab. EE

		Valor	Sig. aproximado	Sig. exato
Nominal por Nominal	Phi	,325	,494	,000
	V de Cramer	,133	,494	,000
	Coeficiente de contingência	,309	,494	,000
N dos casos válidos		507		

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*

Tabela 54.5. Resultados cruzamento hipóteses com o lugar de classe do pai

Hipóteses	Lugar de classe Pai								
		EDL	PTE	TI	AI	EE	OI	Des	Total
Turma Especial	Frequência	6	11	0	1	12	0	1	31
	% no lugar classe do pai	4,2%	7,3%	,0%	100,0%	9,6%	,0%	9,1%	6,5%
	Resíduos ajustados	-1,4	,5	-1,5	3,8	1,6	-1,1	,4	
Espalhar alunos	Frequência	63	70	14	0	38	8	3	196
	% no lugar classe do pai	43,8%	46,4%	48,3%	,0%	30,4%	50,0%	27,3%	41,1%
	Resíduos ajustados	,8	1,6	,8	-,8	-2,8	,7	-,9	
Concentrar numa turma	Frequência	4	3	2	0	3	0	1	13
	% no lugar classe do pai	2,8%	2,0%	6,9%	,0%	2,4%	,0%	9,1%	2,7%
	Resíduos ajustados	,0	-,7	1,4	-,2	-,3	-,7	1,3	
Não desistir	Frequência	12	5	1	0	7	1	1	27
	% no lugar classe do pai	8,3%	3,3%	3,4%	,0%	5,6%	6,3%	9,1%	5,7%
	Resíduos ajustados	1,7	-1,5	-,5	-,2	,0	,1	,5	
Sensibilizar	Frequência	59	59	12	0	62	7	4	203
	% no lugar classe do pai	41,0%	39,1%	41,4%	,0%	49,6%	43,8%	36,4%	42,6%
	Resíduos ajustados	-,5	-1,0	-,1	-,9	1,9	,1	-,4	
Inválido	Frequência	0	1	0	0	0	0	0	1
	% no lugar classe do pai	,0%	,7%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,2%
	Resíduos ajustados	-,7	1,5	-,3	,0	-,6	-,2	-,2	
NR	Frequência	0	2	0	0	3	0	1	6
	% no lugar classe do pai	,0%	1,3%	,0%	,0%	2,4%	,0%	9,1%	1,3%
	Resíduos ajustados	-1,6	,1	-,6	-,1	1,3	-,5	2,4	
	Frequência	144	151	29	1	125	16	11	477
	% no lugar classe do pai	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 54. Perfil dos alunos Cenário 7 (Análise de correspondências múltiplas)

Resumo			
Dimensões	Alpha de Cronbach	Variância explicada	
		Total (Valor próprio)	Inércia
1	,757	2,312	,578
2	,637	1,914	,478
Total		4,226	1,056
Média	,702 ^a	2,113	,528
a. Média de Alpha de Cronbach é baseada na média do valor próprio			

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 55. Resultados dos bens gramaticais possíveis do Cenário 7

	Frequência	%
Separação	61	11,6
Socialização	214	40,7
Universalização	166	31,6
Cooperação	33	6,3
Inválida	7	1,3
Não responde	44	8,4
Total	525	99,8

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 55.1. Resultados cruzamento bens Cenário 7 com sexo

Bem	Sexo			
		F	M	Total
Separação	Frequência	27	48	75
	% no sexo	6,8%	14,7%	10,4%
	Resíduos ajustados	-3,5	3,5	
Socialização	Frequência	158	107	265
	% no sexo	40,0%	32,8%	36,8%
	Resíduos ajustados	2,0	-2,0	
Universalização	Frequência	156	116	272
	% no sexo	39,5%	35,6%	37,7%
	Resíduos ajustados	1,1	-1,1	
Cooperação	Frequência	32	13	45
	% no sexo	8,1%	4,0%	6,2%
	Resíduos ajustados	2,3	-2,3	
Inválida	Frequência	1	7	8
	% no sexo	,3%	2,1%	1,1%
	Resíduos ajustados	-2,4	2,4	
NR	Frequência	21	35	56
	% no sexo	5,3%	10,7%	7,8%
	Resíduos ajustados	-2,7	2,7	
	Frequência	395	326	721
	% no sexo	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 55.1.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com o sexo

		Valor	Sig. aproximado	Sig. exato
Nominal por Nominal	Phi	,208	,000	,000
	V de Cramer	,208	,000	,000
	Coeficiente de contingência	,204	,000	,000
N dos casos válidos		721		

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 55.2. Resultados cruzamento bens Cenário 7 com o ano de escolaridade

Bem	Ano de escolaridade			
		10º ano	12º ano	Total
Separação	Frequência	55	20	75
	% no ano de escolaridade	13,2%	6,5%	10,3%
	Resíduos ajustados	2,9	-2,9	
Socialização	Frequência	143	122	265
	% no ano de escolaridade	34,3%	39,6%	36,6%
	Resíduos ajustados	-1,5	1,5	
Universalização	Frequência	163	109	272
	% no ano de escolaridade	39,1%	35,4%	37,5%
	Resíduos ajustados	1,0	-1,0	
Cooperação	Frequência	18	27	45
	% no ano de escolaridade	4,3%	8,8%	6,2%
	Resíduos ajustados	-2,5	2,5	
Inválido	Frequência	9	0	9
	% no ano de escolaridade	2,2%	,0%	1,2%
	Resíduos ajustados	2,6	-2,6	
NR	Frequência	29	30	59
	% no ano de escolaridade	7,0%	9,7%	8,1%
	Resíduos ajustados	-1,4	1,4	
	Frequência	417	308	725
	% no ano de escolaridade	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 55.2.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com o ano de escolaridade

		Valor	Sig. aproximado	Sig. exato
Nominal por Nominal	Phi	,181	,000	,000
	V de Cramer	,181	,000	,000
	Coefficiente de contingência	,178	,000	,000
N dos casos válidos		725		

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 55.3. Resultados cruzamento bens Cenário 7 com a escola frequentada

Bem	Escola				
		A	B	C	Total
Separação	Frequência	1	55	19	75
	% na escola	1,4%	12,6%	8,9%	10,3%
	Resíduos ajustados	-2,7	2,4	-,8	
Socialização	Frequência	33	152	80	265
	% na escola	44,6%	34,7%	37,6%	36,6%
	Resíduos ajustados	1,5	-1,3	,4	
Universalização	Frequência	19	163	90	272
	% na escola	25,7%	37,2%	42,3%	37,5%
	Resíduos ajustados	-2,2	-,2	1,7	
Cooperação	Frequência	6	33	6	45
	% na escola	8,1%	7,5%	2,8%	6,2%
	Resíduos ajustados	,7	1,8	-2,4	
Inválido	Frequência	2	7	0	9
	% na escola	2,7%	1,6%	,0%	1,2%
	Resíduos ajustados	1,2	1,1	-1,9	
NR	Frequência	13	28	18	59
	% na escola	17,6%	6,4%	8,5%	8,1%
	Resíduos ajustados	3,1	-2,1	,2	
	Frequência	74	438	213	725
	% na escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 55.3.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com a escola frequentada

		Valor	Sig. aproximado
Nominal por Nominal	Phi	,216	,000
	V de Cramer	,153	,000
	Coeficiente de contingência	,211	,000
N dos casos válidos		725	

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 55.4. Resultados cruzamento bens Cenário 7 com o lugar de classe do pai

Bem	Lugar de classe Pai								
		EDL	PTE	TI	AI	EE	OI	Des	Total
Separação	Frequência	18	22	2	0	19	3	3	67
	% no lugar classe do pai	9,5%	10,4%	5,4%	,0%	11,3%	13,0%	18,8%	10,4%
	Resíduos ajustados	-,5	,0	-1,0	-,3	,5	,4	1,1	
Socialização	Frequência	73	75	19	0	59	8	3	237
	% no lugar classe do pai	38,6%	35,4%	51,4%	,0%	35,1%	34,8%	18,8%	36,7%
	Resíduos ajustados	,7	-,5	1,9	-,8	-,5	-,2	-1,5	
Universalização	Frequência	70	91	8	1	68	10	3	251
	% no lugar classe do pai	37,0%	42,9%	21,6%	100,0 %	40,5%	43,5%	18,8%	38,9%
	Resíduos ajustados	-,6	1,5	-2,2	1,3	,5	,5	-1,7	
Cooperação	Frequência	10	14	3	0	11	1	1	40
	% no lugar classe do pai	5,3%	6,6%	8,1%	,0%	6,5%	4,3%	6,3%	6,2%
	Resíduos ajustados	-,6	,3	,5	-,3	,2	-,4	,0	
Inválido	Frequência	2	1	0	0	0	0	1	4
	% no lugar classe do pai	1,1%	,5%	,0%	,0%	,0%	,0%	6,3%	,6%
	Resíduos ajustados	,9	-,3	-,5	-,1	-1,2	-,4	2,9	
NR	Frequência	16	9	5	0	11	1	5	47
	% no lugar classe do pai	8,5%	4,2%	13,5%	,0%	6,5%	4,3%	31,3%	7,3%
	Resíduos ajustados	,7	-2,1	1,5	-,3	-,4	-,6	3,7	
	Frequência	189	212	37	1	168	23	16	646
	% no lugar classe do pai	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 55.4.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com lugar de classe do pai

		Valor	Sig. aproximado
Nominal por Nominal	Phi	,257	,061
	V de Cramer	,115	,061
	Coeficiente de contingência	,249	,061
N dos casos válidos		646	

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 55.5. Resultados cruzamento bens Cenário 7 com habilitações Encarregados Ed.

Bem	Habilitações Encarregados de Educação										Total
		1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Sec	Pos Sec	Bac	Lic	Mes	Dou	
Separação	Freq.	3	2	11	28	2	3	11	3	4	67
	% hab. EE	8,3%	8,7%	11,5%	15,6%	3,6%	14,3%	5,9%	5,0%	17,4 %	9,8%
	Resíduo ajustado	-,3	-,2	,6	3,0	-1,6	,7	-2,0	-1,3	1,3	
Socialização	Freq.	9	9	40	58	21	8	80	22	10	259
	% hab. EE	25,0%	39,1%	41,7%	32,2%	38,2%	38,1%	43,2%	36,7%	43,5 %	37,8 %
	Resíduo ajustado	-1,6	,1	,9	-1,8	,1	,0	1,8	-,2	,6	
Universalização	Freq.	13	9	31	74	22	9	67	28	5	260
	% hab. EE	36,1%	39,1%	32,3%	41,1%	40,0%	42,9%	36,2%	46,7%	21,7 %	37,9 %
	Resíduo ajustado	-,2	,1	-1,2	1,0	,3	,5	-,6	1,5	-1,6	
Cooperação	Freq.	7	2	4	5	4	0	16	1	3	42
	% hab. EE	19,4%	8,7%	4,2%	2,8%	7,3%	,0%	8,6%	1,7%	13,0 %	6,1%
	Resíduo ajustado	3,4	,5	-,9	-2,2	,4	-1,2	1,7	-1,5	1,4	
Inválido	Freq.	0	0	1	1	0	0	2	1	0	5
	% hab. EE	,0%	,0%	1,0%	,6%	,0%	,0%	1,1%	1,7%	,0%	,7%
	Resíduo ajustado	-,5	-,4	,4	-,3	-,7	-,4	,7	,9	-,4	
NR	Freq.	4	1	9	14	6	1	9	5	1	53
	% hab. EE	11,1%	4,3%	9,4%	7,8%	10,9%	4,8%	4,9%	8,3%	4,3%	7,7%
	Resíduo ajustado	,8	-,6	,7	,0	,9	-,5	-1,7	,2	-,6	
	Frequên cia	36	23	96	180	55	21	185	60	23	686
	% Hab. EE	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100,0 %	100, 0%	100, 0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 55.5.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com habilitações EE

		Valor	Sig. aproximado	Sig. exato
Nominal por Nominal	Phi	,309	,025	,000
	V de Cramer	,138	,025	,000
	Coeficiente de contingência	,295	,025	,000
N dos casos válidos		686		

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 55.6. Resultados cruzamento bens Cenário 7 com a idade

Bem	Idade										Total
		14	15	16	17	18	19	20	22	23	
Separação	Freq.	1	21	24	18	8	1	1	0	1	75
	% na idade	33,3%	10,2%	18,6%	8,1%	7,9%	2,6%	7,1%	,0%	100,0%	10,4%
	Resíduo ajustado	1,3	-,1	3,3	-1,4	-,9	-1,7	-,4	-,5	2,9	
Socialização	Freq.	1	76	44	91	31	16	5	0	0	264
	% na idade	33,3%	36,9%	34,1%	40,8%	30,7%	41,0%	35,7%	,0%	,0%	36,8%
	Resíduo ajustado	-,1	,0	-,7	1,5	-1,4	,6	-,1	-1,1	-,8	
Universalização	Freq.	0	89	46	76	42	14	3	2	0	272
	% na idade	,0%	43,2%	35,7%	34,1%	41,6%	35,9%	21,4%	100,0%	,0%	37,9%
	Resíduo ajustado	-1,4	1,9	-,6	-1,4	,8	-,3	-1,3	1,8	-,8	
Cooperação	Freq.	0	9	5	18	6	5	2	0	0	45
	% na idade	,0%	4,4%	3,9%	8,1%	5,9%	12,8%	14,3%	,0%	,0%	6,3%
	Resíduo ajustado	-,4	-1,3	-1,2	1,3	-,1	1,7	1,3	-,4	-,3	
Inválido	Freq.	0	3	0	3	0	0	0	0	0	6
	% na idade	,0%	1,5%	,0%	1,3%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,8%
	Resíduo ajustado	-,2	1,2	-1,2	1,0	-1,0	-,6	-,3	-,1	-,1	
NR	Freq.	1	8	10	17	14	3	3	0	0	56
	% na idade	33,3%	3,9%	7,8%	7,6%	13,9%	7,7%	21,4%	,0%	,0%	7,8%
	Resíduo ajustado	1,7	-2,5	,0	-,1	2,5	,0	1,9	-,4	-,3	
	Frequência	3	206	129	223	101	39	14	2	1	718
	% na idade	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 55.6.a) Medidas de associação dos bens gramaticais com a idade

		Valor	Sig. aproximado	Sig. exato
Nominal por Nominal	Phi	,289	,022	,000
	V de Cramer	,129	,022	,000
	Coeficiente de contingência	,278	,022	,000
N dos casos válidos		718		

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 56. Resultados dos motivos possíveis do Cenário 7

	Frequência	%
Coação	9	1,7
Moral	109	20,7
Pragmático	251	47,7
Económico	18	3,4
Funcional	87	16,5
Inválida	7	1,3
Não responde	44	8,4
Total	525	99,8

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 56.1. Resultados cruzamento motivos Cenário 7 com sexo

Motivos	Sexo			
		F	M	Total
Coação	Frequência	9	7	16
	% no sexo	2,3%	2,1%	2,2%
	Resíduos ajustados	,1	-,1	
Moral	Frequência	103	86	189
	% no sexo	26,1%	26,4%	26,2%
	Resíduos ajustados	-,1	,1	
Pragmático	Frequência	173	120	293
	% no sexo	43,8%	36,8%	40,6%
	Resíduos ajustados	1,9	-1,9	
Económico	Frequência	10	14	24
	% no sexo	2,5%	4,3%	3,3%
	Resíduos ajustados	-1,3	1,3	
Funcional	Frequência	78	57	135
	% no sexo	19,7%	17,5%	18,7%
	Resíduos ajustados	,8	-,8	
Inválido	Frequência	1	7	8
	% no sexo	,3%	2,1%	1,1%
	Resíduos ajustados	-2,4	2,4	
NR	Frequência	21	35	56
	% no sexo	5,3%	10,7%	7,8%
	Resíduos ajustados	-2,7	2,7	
	Frequência	395	326	721
	% no sexo	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 56.1.a) Medidas de associação dos motivos com o sexo

		Valor	Sig. aproximado	Sig. exato
Nominal por Nominal	Phi	,153	,010	,008
	V de Cramer	,153	,010	,008
	Coefficiente de contingência	,151	,010	,008
N dos casos válidos		721		

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 56.2. Resultados cruzamento dos motivos Cenário 7 com o ano de escolaridade

Motivos	Ano de escolaridade			
		10º ano	12º ano	Total
Coação	Frequência	6	10	16
	% no ano de escolaridade	1,4%	3,2%	2,2%
	Resíduos ajustados	-1,6	1,6	
Moral	Frequência	121	68	189
	% no ano de escolaridade	29,0%	22,1%	26,1%
	Resíduos ajustados	2,1	-2,1	
Pragmático	Frequência	170	123	293
	% no ano de escolaridade	40,8%	39,9%	40,4%
	Resíduos ajustados	,2	-,2	
Económico	Frequência	15	9	24
	% no ano de escolaridade	3,6%	2,9%	3,3%
	Resíduos ajustados	,5	-,5	
Funcional	Frequência	67	68	135
	% no ano de escolaridade	16,1%	22,1%	18,6%
	Resíduos ajustados	-2,1	2,1	
Inválido	Frequência	9	0	9
	% no ano de escolaridade	2,2%	,0%	1,2%
	Resíduos ajustados	2,6	-2,6	
NR	Frequência	29	30	59
	% no ano de escolaridade	7,0%	9,7%	8,1%
	Resíduos ajustados	-1,4	1,4	
	Frequência	417	308	725
	% no ano de escolaridade	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 56.2.a) Medidas de associação dos motivos com o ano de escolaridade

		Valor	Sig. aproximado
Nominal por Nominal	Phi	,157	,006
	V de Cramer	,157	,006
	Coefficiente de contingência	,155	,006
N dos casos válidos		725	

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 56.3. Resultados cruzamento dos motivos Cenário 7 com a escola frequentada

Motivos	Escola				
		A	B	C	Total
Coação	Frequência	1	10	5	16
	% na escola	1,4%	2,3%	2,3%	2,2%
	Resíduos ajustados	-,5	,2	,2	
Moral	Frequência	16	103	70	189
	% na escola	21,6%	23,5%	32,9%	26,1%
	Resíduos ajustados	-,9	-1,9	2,7	
Pragmático	Frequência	22	197	74	293
	% na escola	29,7%	45,0%	34,7%	40,4%
	Resíduos ajustados	-2,0	3,1	-2,0	
Económico	Frequência	1	16	7	24
	% na escola	1,4%	3,7%	3,3%	3,3%
	Resíduos ajustados	-1,0	,6	,0	
Funcional	Frequência	19	77	39	135
	% na escola	25,7%	17,6%	18,3%	18,6%
	Resíduos ajustados	1,6	-,9	-,1	
Inválido	Frequência	2	7	0	9
	% na escola	2,7%	1,6%	,0%	1,2%
	Resíduos ajustados	1,2	1,1	-1,9	
NR	Frequência	13	28	18	59
	% na escola	17,6%	6,4%	8,5%	8,1%
	Resíduos ajustados	3,1	-2,1	,2	
	Frequência	74	438	213	725
	% na escola	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 56.3.a) Medidas de associação dos motivos com a escola frequentada

		Valor	Sig. aproximado
Nominal por Nominal	Phi	,200	,004
	V de Cramer	,142	,004
	Coeficiente de contingência	,197	,004
N dos casos válidos		725	

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 56.4. Resultados cruzamento motivos Cenário 7 com o lugar de classe do pai

Motivo	Lugar de classe Pai								
		EDL	PTE	TI	AI	EE	OI	Des	Total
Coação	Frequência	7	1	0	1	6	0	0	15
	% no lugar classe do pai	3,7%	,5%	,0%	100,0%	3,6%	,0%	,0%	2,3%
	Resíduos ajustados	1,5	-2,2	-1,0	6,5	1,3	-,8	-,6	
Moral	Frequência	54	59	5	0	39	7	5	169
	% no lugar classe do pai	28,6%	27,8%	13,5%	,0%	23,2%	30,4%	31,3%	26,2%
	Resíduos ajustados	,9	,7	-1,8	-,6	-1,0	,5	,5	
Pragmático	Frequência	71	91	19	0	66	12	3	262
	% no lugar classe do pai	37,6%	42,9%	51,4%	,0%	39,3%	52,2%	18,8%	40,6%
	Resíduos ajustados	-1,0	,9	1,4	-,8	-,4	1,2	-1,8	
Económico	Frequência	6	11	1	0	4	0	0	22
	% no lugar classe do pai	3,2%	5,2%	2,7%	,0%	2,4%	,0%	,0%	3,4%
	Resíduos ajustados	-,2	1,7	-,2	-,2	-,9	-,9	-,8	
Funcional	Frequência	33	40	7	0	42	3	2	127
	% no lugar classe do pai	17,5%	18,9%	18,9%	,0%	25,0%	13,0%	12,5%	19,7%
	Resíduos ajustados	-,9	-,4	-,1	-,5	2,0	-,8	-,7	
Inválido	Frequência	2	1	0	0	0	0	1	4
	% no lugar classe do pai	1,1%	,5%	,0%	,0%	,0%	,0%	6,3%	,6%
	Resíduos ajustados	,9	-,3	-,5	-,1	-1,2	-,4	2,9	
NR	Frequência	16	9	5	0	11	1	5	47
	% no lugar classe do pai	8,5%	4,2%	13,5%	,0%	6,5%	4,3%	31,3%	7,3%
	Resíduos ajustados	,7	-2,1	1,5	-,3	-,4	-,6	3,7	
	Frequência	189	212	37	1	168	23	16	646
	% no lugar classe do pai	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 56.4.a) Medidas de associação dos motivos com lugar de classe do pai

		Valor	Sig. aproximado
Nominal por Nominal	Phi	,382	,000
	V de Cramer	,156	,000
	Coeficiente de contingência	,356	,000
N dos casos válidos		646	

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 56.5. Resultados cruzamento motivos Cenário 7 com a idade

Bem	Idade										Total
		14	15	16	17	18	19	20	22	23	
Coação	Freq.	0	4	1	7	2	2	0	0	0	16
	% na idade	,0%	1,9%	,8%	3,1%	2,0%	5,1%	,0%	,0%	,0%	2,2%
	Resíduo ajustado	-,3	-,3	-1,2	1,1	-,2	1,3	-,6	-,2	-,2	
Moral	Freq.	0	68	32	55	22	11	1	0	0	189
	% na idade	,0%	33,0%	24,8%	24,7%	21,8%	28,2%	7,1%	,0%	,0%	26,3%
	Resíduo ajustado	-1,0	2,6	-,4	-,7	-1,1	,3	-1,6	-,8	-,6	
Pragmático	Freq.	1	87	51	87	43	16	6	0	1	292
	% na idade	33,3%	42,2%	39,5%	39,0%	42,6%	41,0%	42,9%	,0%	100,0%	40,7%
	Resíduo ajustado	-,3	,5	-,3	-,6	,4	,0	,2	-1,2	1,2	
Econômico	Freq.	1	7	5	7	2	1	1	0	0	24
	% na idade	33,3%	3,4%	3,9%	3,1%	2,0%	2,6%	7,1%	,0%	,0%	3,3%
	Resíduo ajustado	2,9	,1	,4	-,2	-,8	-,3	,8	-,3	-,2	
Funcional	Freq.	0	29	30	47	18	6	3	2	0	135
	% na idade	,0%	14,1%	23,3%	21,1%	17,8%	15,4%	21,4%	100,0%	,0%	18,8%
	Resíduo ajustado	-,8	-2,1	1,4	1,0	-,3	-,6	,3	2,9	-,5	
Inválido	Freq.	0	3	0	3	0	0	0	0	0	6
	% na idade	,0%	1,5%	,0%	1,3%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,8%
	Resíduo ajustado	-,2	1,2	-1,2	1,0	-1,0	-,6	-,3	-,1	-,1	
NR	Freq.	1	8	10	17	14	3	3	0	0	56
	% na idade	33,3%	3,9%	7,8%	7,6%	13,9%	7,7%	21,4%	,0%	,0%	7,8%
	Resíduo	1,7	-2,5	,0	-,1	2,5	,0	1,9	-,4	-,3	
	Frequência	3	206	129	223	101	39	14	2	1	718
	% na idade	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 53. Resultados frequências relativas (Cenário 8)

	Atitude a adotar: Hipótese A	Atitude a adotar: Hipótese B	Atitude a adotar: Hipótese C	Atitude a adotar: Hipótese D	Atitude a adotar: Hipótese E	Total
Mais injusta	7,6	77,1	3,9	6,8	4,5	100,0
Injusta	29,9	11,7	16,2	24,6	18,0	100,0
Nem justa nem injusta	21,7	5,5	18,7	24,3	29,0	100,0
Justa	24,8	2,2	19,1	28,6	25,2	100,0
Mais justa	16,0	3,5	42,0	15,7	23,2	100,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 53.1. Resultados Cenário 8 (Medidas de tendência central e de dispersão)

Teste de Kruskal-Wallis						
		Atitude a adotar: Hipótese A	Atitude a adotar: Hipótese B	Atitude a adotar: Hipótese C	Atitude a adotar: Hipótese D	Atitude a adotar: Hipótese E
N	Válido	700	699	700	702	696
	Em falta	26	27	26	24	30
Mediana		3,00	1,00	4,00	3,00	3,00
Moda		2	1	5	4	3
Desvio-padrão		1,222	,968	1,254	1,182	1,162
Variância		1,494	,938	1,572	1,396	1,351

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 53.2. Resultados cruzamento da hipótese C com ano de escolaridade (cenário 8)

Hipóteses	Ano de escolaridade			
		10º ano	12º ano	Total
Mais injusta	Frequência	16	12	28
	% no Ano de escolaridade	4,0%	4,1%	4,1%
	Resíduo ajustado	,0	,0	
Injusta	Frequência	72	37	109
	% no Ano de escolaridade	18,2%	12,7%	15,8%
	Resíduo ajustado	2,0	-2,0	
Nem justa nem injusta	Frequência	79	51	130
	% no Ano de escolaridade	19,9%	17,5%	18,9%
	Resíduo ajustado	,8	-,8	
Justa	Frequência	76	57	133
	% no Ano de escolaridade	19,2%	19,5%	19,3%
	Resíduo ajustado	-,1	,1	
Mais justa	Frequência	153	135	288
	% no Ano de escolaridade	38,6%	46,2%	41,9%
	Resíduo ajustado	-2,0	2,0	
	Frequência	396	292	688
	% no Ano de escolaridade	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 53.3. Resultados cruzamento da hipótese B com medidas corretivas (cenário 8)

Hipóteses	Medidas corretivas			
		Sim	Não	Total
Mais injusta	Frequência	79	446	525
	% nas Medidas corretivas	64,2%	79,1%	76,4%
	Resíduo ajustado	-3,5	3,5	
Injusta	Frequência	23	58	81
	% nas Medidas corretivas	18,7%	10,3%	11,8%
	Resíduo ajustado	2,6	-2,6	
Nem justa nem injusta	Frequência	10	30	40
	% nas Medidas corretivas	8,1%	5,3%	5,8%
	Resíduo ajustado	1,2	-1,2	
Justa	Frequência	6	9	15
	% nas Medidas corretivas	4,9%	1,6%	2,2%
	Resíduo ajustado	2,3	-2,3	
Mais justa	Frequência	5	21	26
	% nas Medidas corretivas	4,1%	3,7%	3,8%
	Resíduo ajustado	,2	-,2	
	Frequência	123	564	687
	% nas Medidas corretivas	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 53.3. a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese B) e medidas corretivas

		Valor	Sig. aproximativo	Sig. Monte Carlo		
				Sig.	99% Intervalo de confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,150	,004	,006 ^c	,004	,008
	V de Cramer	,150	,004	,006 ^c	,004	,008
	Coeficiente de contingência	,148	,004	,006 ^c	,004	,008
N dos casos válidos		687				
a. Não assumindo a hipótese nula.						
b. Assumindo a hipótese nula como erro assintótico standard.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 53.4. Resultados cruzamento da hipótese B com o curso (cenário 8)

Hipóteses	Curso						
		CT	SE	LH	AV	Prof	Total
Mais injusta	Frequência	235	100	117	72	4	528
	% no Curso	82,2%	80,6%	68,0%	77,4%	40,0%	77,1%
	Resíduo ajustado	2,7	1,0	-3,3	,1	-2,8	
Injusta	Frequência	27	11	26	12	4	80
	% no Curso	9,4%	8,9%	15,1%	12,9%	40,0%	11,7%
	Resíduo ajustado	-1,5	-1,1	1,6	,4	2,8	
Nem justa nem injusta	Frequência	10	7	15	5	1	38
	% no Curso	3,5%	5,6%	8,7%	5,4%	10,0%	5,5%
	Resíduo ajustado	-2,0	,1	2,1	-,1	,6	
Justa	Frequência	6	3	6	0	0	15
	% no Curso	2,1%	2,4%	3,5%	0,0%	0,0%	2,2%
	Resíduo ajustado	-,1	,2	1,3	-1,6	-,5	
Mais justa	Frequência	8	3	8	4	1	24
	% no Curso	2,8%	2,4%	4,7%	4,3%	10,0%	3,5%
	Resíduo ajustado	-,9	-,7	,9	,4	1,1	
	Frequência	286	124	172	93	10	685
	% no Curso	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 53.4. a). Associação entre Atitude a adotar (Hipótese B) e o curso

		Valor	Sig. aproximativo	Sig. Monte Carlo		
				Sig.	99% Intervalo de confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,201	,034	,045 ^c	,039	,050
	V de Cramer	,101	,034	,045 ^c	,039	,050
	Coeficiente de contingência	,197	,034	,045 ^c	,039	,050
N dos casos válidos		685				
a. Não assumindo a hipótese nula.						
b. Assumindo a hipótese nula como erro assintótico standard.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 53.5. Resultados cruzamento da hipótese D com o curso (cenário 8)

Hipóteses	Curso						
		CT	SE	LH	AV	Prof	Total
Mais injusta	Frequência	13	9	16	8	2	48
	% no Curso	4,6%	6,9%	9,2%	8,5%	20,0%	7,0%
	Resíduo ajustado	-2,0	,0	1,4	,6	1,6	
Injusta	Frequência	70	30	42	23	2	167
	% no Curso	24,7%	23,1%	24,3%	24,5%	20,0%	24,2%
	Resíduo ajustado	,3	-,3	,0	,1	-,3	
Nem justa nem injusta	Frequência	57	30	54	24	2	167
	% no Curso	20,1%	23,1%	31,2%	25,5%	20,0%	24,2%
	Resíduo ajustado	-2,1	-,3	2,5	,3	-,3	
Justa	Frequência	89	37	45	22	3	196
	% no Curso	31,4%	28,5%	26,0%	23,4%	30,0%	28,4%
	Resíduo ajustado	1,5	,0	-,8	-1,2	,1	
Mais justa	Frequência	54	24	16	17	1	112
	% no Curso	19,1%	18,5%	9,2%	18,1%	10,0%	16,2%
	Resíduo ajustado	1,7	,8	-2,9	,5	-,5	
	Frequência	283	130	173	94	10	690
	% no Curso	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 51. Associação dos bens das justificações do cenário 1 com o cenário 2

Bens		Cenário 1							
Cenário 2		Amizade	Confiança	Autonomia	Autoridade	Educação	Inválida	responde	Total
Liberdade	Freq.	25	56	19	49	5	0	0	154
	% do Cenário 1	33,8%	21,9%	23,8%	17,6%	27,8%	0,0%	0,0%	21,2%
	Resíduos ajustados	2,8	,3	,6	-1,9	,7	-,7	-2,2	
Confiança	Freq.	23	119	32	121	7	0	1	303
	% do Cenário 1	31,1%	46,5%	40,0%	43,5%	38,9%	0,0%	5,9%	41,8%
	Resíduos ajustados	-2,0	1,9	-,3	,7	-,3	-1,2	-3,0	
Disciplina	Freq.	24	71	25	94	6	1	3	224
	% do Cenário 1	32,4%	27,7%	31,2%	33,8%	33,3%	50,0%	17,6%	30,9%
	Resíduos ajustados	,3	-1,4	,1	1,3	,2	,6	-1,2	
Coletivo	Freq.	1	4	2	3	0	0	0	10
	% do Cenário 1	1,4%	1,6%	2,5%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	Resíduos ajustados	,0	,3	,9	-,5	-,5	-,2	-,5	
Inválida	Freq.	0	2	0	0	0	0	0	2
	% do Cenário 1	0,0%	0,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
	Resíduos ajustados	-,5	1,9	-,5	-1,1	-,2	-,1	-,2	
Não responde	Freq.	1	4	2	11	0	1	13	32
	% do Cenário 1	1,4%	1,6%	2,5%	4,0%	0,0%	50,0%	76,5%	4,4%
	Resíduos ajustados	-1,4	-2,8	-,9	-,5	-,9	3,1	14,6	
	Freq.	74	256	80	278	18	2	17	725
	% do Cenário 1	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

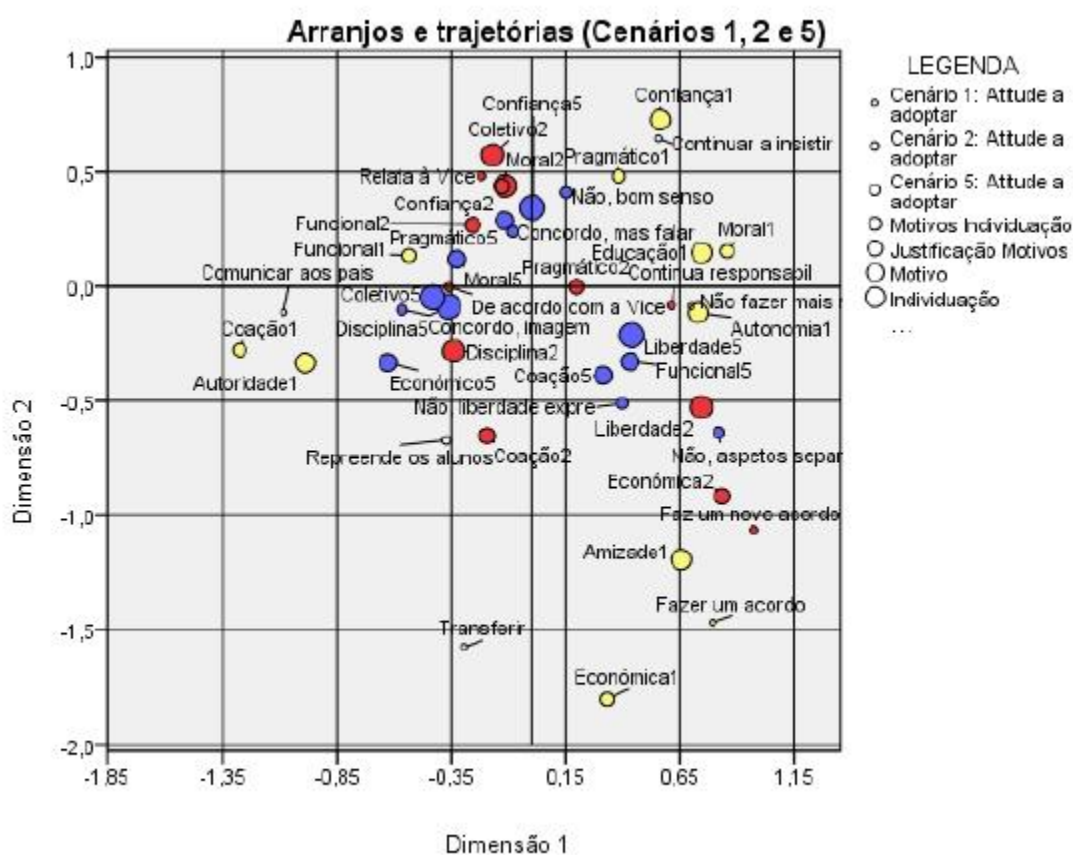
Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Tabela 51.a) Medidas de associação dos bens do cenário 1 com o cenário 2

		Valor	Sig. aproximado	Monte Carlo Sig.		
				Sig.	99% Intervalo de Confiança	
					Limite inferior	Limite superior
Nominal por Nominal	Phi	,584	,000	,000 ^c	,000	,000
	V de Cramer	,261	,000	,000 ^c	,000	,000
	Coeficiente de Contingência	,504	,000	,000 ^c	,000	,000
N dos casos válidos		725				
a. Não assumindo a hipótese nula.						
b. Assumindo a hipótese nula usando o erro padrão assintótico.						
c. Baseado em 10000 tabelas aleatórias.						

Fonte: Caetano, Pedro. 2011. *Individuação e reconhecimento*.

Fig. 8. Representação gráfica da cartografia dos arranjos e trajetórias (cenários 1, 2 e 5)



ANEXOS E

Guião de entrevista



Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Esta entrevista visa recolher informação sobre as formas de participação dos alunos e as modalidades de interação com os outros durante o seu percurso escolar. O objetivo é a realização de um trabalho de investigação sociológico inserido num projecto de doutoramento.

GUIÃO DE ENTREVISTA A ALUNOS QUE FREQUENTAM O ENSINO SECUNDÁRIO (10º / 12º ANO)		
Cenários	Tópicos	Exemplificação
Sala de aula	- Relação com as regras - Relação com métodos pedagógicos - Coordenação de projetos - Representação do Delegado de Turma	- O que é 1 bom professor? - Em geral, quando estão nas aulas, o que é que estão a fazer, quando não estão a trabalhar? - Conhecem o regulamento interno da Escola? - No vosso quotidiano alguma vez invocaram o RI da Escola para resolver uma situação, pessoalmente ou junto de alguém? - Qual foi a pior coisa que te fizeram ou viste fazer numa sala de aula? - Nas aulas, quais são os métodos que os professores mais eficazes normalmente utilizam para que os alunos se empenhem nas tarefas? - E quais são os métodos ou a postura menos eficaz? - Qual é a tua experiência com a utilização das novas tecnologias na aprendizagem? (quadros interativos, computadores, telemóveis) - Qual é o interesse da disciplina de Área de Projecto? - Como é que é feita a coordenação do trabalho em Área de Projecto? - Preferes trabalhar com amigos ou com outros colegas, com quem não dá azo para muitas conversas? - Como é que normalmente vocês escolhem o Delegado de Turma?
Espaço da escola	- Interação com os professores - Participação em atividades da escola - Interação com colegas - Papel da AE	- Como é que aqui se pauta a relação com o professor? (dentro/fora sala de aula) - Onde costumam conviver na escola/fora da escola? - Os professores têm a mesma autoridade fora da sala de aula, nos espaços de convívio da escola? - Em que atividades participaste? (projetos, eventos, visitas de estudo) - Como é que avalias as atividades em que participaste? - Que problemas surgem no recreio? Como é que eles surgem? - Como é que lidam com os problemas que vão aparecendo? - Relações com alunos mais velhos e mais novos/fora e dentro turma: quais são as diferenças no tratamento e na postura? - Dás-te com todos na Escola? Como é que as amizades e as ligações se vão fazendo/desfazendo na escola? O que é que é natural nisso? - Qual é o papel da AE? (animação da escola/grupo fechado) - Que ideias apresentaria num projecto para a AE? Devem ser os mais velhos a avançar com projecto? - Como é que achas que esta Escola devia funcionar?
Fora da escola	- Sentidos da escola	- Para ti qual é a importância da escola? - Em que é que te apoias para resolver situações que pedem

	- Participação em atividades - Interação com adultos	decisão? - Em que atividades é que te envolves? - Quem é que te levou a participar nessas atividades? - Tens algum projecto para o futuro? - Quais são as principais dificuldades que encontras para a realização do teu projecto? - O que é que pensas da forma como as pessoas mais velhas se relacionam contigo? E as mais novas?
--	---	---

B – DADOS DE CARACTERIZAÇÃO PESSOAL

1 - Sexo _____

2 - Idade _____

3 - Naturalidade (Localidade) _____

4 - Habilitações dos pais/encarregado de educação:

Mãe _____

Pai _____

Outro(a) _____

5 - Profissão dos pais/encarregado de educação:

Mãe _____

Pai _____

Outro(a) _____

6 - Fazes parte ou já pertenceste a alguma associação?

Não __ Sim __

Se sim, quais? _____

7 -

Ensino geral

☐
☐

Ensino profissional

8 - Agrupamento _____

Quadro V - Lista dos entrevistados

Nº entrevista	Designação	Escola	Idade	Ano	Curso	Profissão dos pais	Observações
1	Patrice	A	21	12º	Profissional de Informática	Pai enfermeiro-chefe e mãe cabeleireira	Nacionalidade São-tomense
2	Roberta	A	18	12º	Profissional de Informática	Tia cozinheira	Nacionalidade Brasileira
3	Sónia	A	17	10º	Profissional de Animação	Tio afagador e tia doméstica	
4	Luís	A	17	10º	Ciências e Tecnologias	Pai impressor de offset e mãe costureira	
5	Adriana	A	16	10º	Ciências e Tecnologias	Pai estafeta e mãe engomadeira	Nacionalidade Brasileira
6	Paulo	A	17	12º	Ciências e Tecnologias	Pai editor de revista e mãe secretária	
7	Marta	A	17	12º	Ciências e Tecnologias	Pai bancário e mãe funcionária pública administrativa	
8	Carolina	A	15	10º	Línguas e Humanidades	Pai diretor de marketing e mãe professora do ensino básico e secundário	
9	Fernando	A	15	10º	Línguas e Humanidades	Pai diretor comercial e Mãe professora do ensino básico e secundário	
10	Vilma	B	17	12º	Ciências e Tecnologias	Pai diplomata	Nacionalidade Angolana
11	Susana	B	18	10º	Línguas e Humanidades	Pai músico e mãe documentarista	
12	Elsa	B	17	12º	Ciências e Tecnologias	Pai eng. Informático e mãe consultora	
13	Olavo	B	17	12º	Ciências e Tecnologias	Pai empresário	Ascendência sueca do lado do pai
14	Ricardo	B	22	12º	Línguas e Humanidades	Pai professor do ensino básico e arquiteto	

15	Leonor	B	15	10º	Ciências socioeconómicas	Pai publicitário	
16	Jaime	B	21	12º	Ciências e Tecnologias	Mãe auxiliar de ação educativa	
17	José	C	17	12º	Línguas e Humanidades	Pai e mãe juristas da função pública	
18	Carlos	C	17	10º	Artes Visuais	Pai técnico de som e Mãe Delegada comercial	
19	Mariana	C	16	10º	Línguas e Humanidades	Pai enfermeiro e mãe advogada	
20	Sandra	C	15	10º	Línguas e Humanidades	Mãe gerente de loja	
21	Artur	C	15	10º	Artes Visuais	Pai vendedor de automóveis e mãe funcionária pública	
22	Francisco	C	18	12º	Ciências e Tecnologias	Pai diretor escola de cinema e mãe secretária	
23	Manuel	C	17	12º	Ciências socioeconómicas	Pai reformado GNR e mãe lojista	
24	Patrícia	C	17	12º	Ciências e Tecnologias	Pai médico e mãe enfermeira	
25	Marco	C	17	12º	Ciências socioeconómicas	Pai técnico de vendas e mãe educadora de infância	
26	Madalena	C	18	10º	Profissional de contabilidade	Mãe empresária	
27	Nuno	C	19	12º	Artes Visuais	Tia	
28	Cláudia	C	18	12º	Ciências socioeconómicas	Mãe funcionária pública	